

LUIZ GUSTAVO NICÁCIO

O TORCER NO FUTEBOL COMO
POSSIBILIDADE DE LAZER E A EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR.

Belo Horizonte - MG
2010

LUIZ GUSTAVO NICÁCIO

O TORCER NO FUTEBOL COMO POSSIBILIDADE DE LAZER E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

Dissertação apresentada ao Programa interdisciplinar de Pós-Graduação – Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lazer.

Área de concentração: Lazer, Cultura e Educação.

Linha de pesquisa: Lazer, Cidade e Grupos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva.

Belo Horizonte - MG
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM LAZER

A dissertação intitulada “O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a educação física escolar”, de autoria de Luiz Gustavo Nicácio, foi defendida e aprovada em 12 de março de 2010 pela banca constituída pelos seguintes professores:

Prof.Dr. Silvio Ricardo da Silva – Orientador
EEFFTO – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof.Dr. Jocimar Daolio
FEF – Universidade Estadual de Campinas

Prof.Dr. Tarcísio Mauro Vago
EEFFTO – Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte – MG, 12 de março de 2010.

Dedico este estudo:
aos meus pais, Luiz e Varlene,
à minha irmã Ana
e meus amigos.

Agradecimentos

Certamente eu serei aqui injusto ao esquecer de citar pessoas que foram importantes ao longo dessa caminhada, porém eu seria mais injusto ainda em não tentar ao menos esboçar aqui meu agradecimento a essas tantas pessoas que me apoiaram.

Em primeiro lugar sempre Ele, Deus. Que me permitiu ter uma vida cercada de pessoas que sempre quiseram meu bem, que me apoiou nos momentos que eu precisei e também naqueles em que eu não acreditava precisar.

Agradeço ao meu pai, exemplo de ser humano. Se um dia eu chegar a ser 10% do homem que ele é estarei feliz e saberei que estou entre os melhores homens do mundo. Minha amada mãe, fonte inesgotável de carinho e atenção, me apoiando sempre em todas as minhas decisões, me fazendo refletir a cada uma delas para que eu pudesse crescer a partir delas. A Ana, irmã mais que amada, que veio antes de mim ao mundo para ser meu anjo da guarda, sempre atenciosa e pronta a me ajudar. Aos meus queridos avós pelo amor e educação, sempre dedicados. Aos demais familiares pelo carinho.

Aos professores Jocimar Daolio e Tarcisio Mauro Vago, por contribuir qualificação do projeto de pesquisa e por aceitarem o convite a participar da banca de avaliação.

Agradeço a todas as pessoas que trabalham nas escolas em que pesquisei, diretores(as), coordenadores(as) pedagógicos(as), porteiros, em especial aos professores(as), que gentilmente cederam seu tempo, o meu muito obrigado pois, sem vocês essa pesquisa não teria sido realizada.

Ao Silvio, mais que meu orientador, meu amigo. Com quem aprendi muito mais do que como ser um bom professor, mas como ser um bom homem. Valeu por todas possibilidades de aprendizagem para vida que você me propiciou, fico te devendo tomar uma (risos).

A galera do GEFuT, tanto os que passaram por ele, quanto aos que ainda estão lá. Ao Capitão, amigo pra vida toda, homem de tamanha sensibilidade e com um coração maior que qualquer coisa que eu possa pensar agora, obrigado por tudo. Pri, colega na graduação, entramos nessa barca do mestrado e graças a Deus estamos saindo, valeu por tudo. Ao Shortim, saiu lá da terra que fazem gato em satélite pra somar tanto no grupo e se tornar um grande amigo. Andrezão, parceiro de todas as horas, sempre pronto a ajudar e farrear, não necessariamente nessa ordem. Tio Phill, sempre na dele e nunca decepcionou quando foi chamado ao “jogo”. Ao TJ, passou a graduação inteira no mesmo prédio pra gente se conhecer só no fim, é porque a gente é lento mesmo. Ao Jef que veio parar na Educação Física na pilha de ver quanta gente maluca tem aqui, amigo desde criança, valeu por sempre me apoiar. A todo mundo do grupo, se eu ficar falando de um por um vai ter uma dissertação só de agradecimento, Bruno, Dezinha, Ananda, Melzinho, Luizim, Yuri, Mauro, Gabi, Isabela, Letícia, Mari, Gino, Luiza, Cadu.

Aos colegas do mestrado, Marie, Adriano, Guiba, Rodrigo, Lu, Michele, Bernardo e todos os outros, o meu muito obrigado. Aos professores e funcionários das instituições de ensino, da educação infantil ao mestrado, todos muito importantes para mim. Um especial obrigado ao Helder, Meily, Tatá, Zé, Andrea, Mauro, Cinira, Rosy e Wandinha.

Aos amigos de longa data, ou nem tão longa assim que entenderam meu afastamento e leve neurada nesse período de estudos. Thaty, KK, Poli, Isabela,

Ericson, Edgar, Edgar, Rommy, Mariana, Maranhão, Ananda, Di, Du, Gabi, Vitão, Vitim, Kelly, Pedro, Priscila, Di, Ju. A Dri pela ajuda com as correções do texto. Ao Magrão e o Alberto, se eu não tive irmãos de sangue, Deus me providenciou dois amigos que resolveram esse problema, valeu pela amizade meus irmãos. Ao Junim e Lá pela amizade mais que especial e todo apoio. A Aline por ter me feito amadurecer tanto e me fazer perceber que eu estava esquecendo de viver e me lembrar que eu tenho meu coração existe para além da amizade.

A “Brancona”, que possibilitou que eu chegasse a todas as escolas, e me levou pra onde foi preciso.

Tenho certeza que faltou gente pra caramba, a todos que não coloquei aqui, meus mais sinceros agradecimentos.

“Seja a mudança que você quer para o mundo”

Gandhi

Resumo

Este trabalho teve como objetivo investigar as percepções dos professores de Educação Física sobre a presença do torcer, como tema nas aulas de Educação Física, em escolas públicas da cidade de Belo Horizonte – MG. Investigou especificamente se: na percepção dos professores o torcer é tratado nas aulas de Educação Física; os professores desta disciplina entendem que este é importante para a escola e como esse tema é trabalhado nas aulas.

Foram pesquisados professores de 66 escolas distribuídas nas três redes públicas, sendo oito municipais, 55 estaduais, e três federais. A pesquisa pode ser classificada como de campo, quantitativa descritiva. Os instrumentos utilizados para as ações de campo foram: um questionário e uma entrevista semi-estruturada. Os questionários foram aplicados a um professor em cada uma das escolas participantes. Para participar da entrevista os professores deveriam já ter trabalhado com o tema torcer em suas aulas. Ao final foram entrevistados três professores e uma professora.

Foi possível perceber que o torcer aparece na maior parte das questionários respondidos pelos professores e que a maioria deles não destinada aulas para tratar especificamente do assunto. Seis professores afirmaram já ter preparado aulas com intuito específico de discutir o torcer. Entre os sujeitos pesquisados 78,8% acreditam que o torcer é um tema importante e que deve ser trabalhado na escola. O torcer vem sendo abordado na escola através, do uso de vídeos, textos, jogos e situações do dia-a-dia da escola que são problematizados e convertidos em debates nas aulas.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Torcer; Lazer; Futebol.

Abstract:

The goal of this research was to investigate the presence of cheering as a content of the Physical Education classes in public schools of the city Belo Horizonte - MG. It investigated specifically if cheering is a content to be dealt with in the Physical Education lessons; if the teachers responsible for this subject understand that this is an important content to the school and how it is developed during the lessons. Sixty-six schools distributed among three public networks were part of the research, being eight municipal schools, fifty-five state schools and three federal schools. This research can be classified as: bibliographical, fieldwork, quantitative and a descriptive kind of research. The tools used for the field actions were a questionnaire, a semi-structured interview and a field notebook. The questionnaires were answered by one teacher in each of the participating schools. To be part of the interview the teachers should have already worked with the theme cheering in their classes. In the end three male teachers and a female teacher were interviewed. It was possible to see that cheering appears in the majority of the schools and that, for the most part, lessons are not meant to deal specifically about the cheering subject. Six teachers affirmed they have prepared lessons with the specific goal of discussing cheering. Among the participants, 78,8% believe that cheering is an important theme and that it should be elaborated in school. Cheering has been approached in schools through videos, texts, games and everyday school situations that get questioned and transformed into classroom debates.

Keywords: Physical Education; Cheering; Leisure; Soccer.

Lista de tabelas:

TABELA 1 – Há quanto tempo está formado.....	41
TABELA 2 – Nível de pós-graduação em relação ao tempo de formado.....	42
TABELA 3 – Forma de vínculo com a escola.....	44
TABELA 4 – Contato com os estudos do lazer.....	47
TABELA 5 – Tempo de formado em relação a ter cursado disciplina de lazer.....	48
TABELA 6 – Participação em grupos de estudo / pesquisa relacionados com o lazer.....	50
TABELA 7 – Participação em eventos ligados ao lazer.....	51
TABELA 8 – Participação em curso técnico voltado ao lazer.....	52
TABELA 9 – Participação em curso de pós-graduação voltado ao lazer.....	52
TABELA 10 – Relação entre possuir um clube e sexo dos pesquisados.....	53
TABELA 11 – Ida a estádios de futebol por sexo.....	54
TABELA 12 – Você trabalha o conteúdo futebol em suas aulas?.....	58
TABELA 13 – Temas que devem ser tratados nas aulas de Educação Física ao se trabalhar o futebol (1).....	60
TABELA 14 – Temas que devem ser tratados nas aulas de Educação Física ao se trabalhar o futebol (3).....	61

TABELA 15 – Sobre tratar o tema "torcer" nas aulas de Educação Física na escola, marque a alternativa que mais se aproxima do seu pensamento acerca desta temática.....	63
---	----

TABELA 16 – Sobre as suas aulas de Educação Física na escola, marque a alternativa que mais se aproxima da relação delas com o trato do tema torcer.....	69
--	----

Sumário

1 – Reconhecendo o gramado.....	14
1.1 - Caminhos da pesquisa: a metodologia.....	24
2 - Pessoas e espaços	31
2.1 - Sobre contextos e espaços: as escolas pesquisadas.....	31
2.2 - Os gestores: expectativas e desconhecimento acerca da Educação Física e do lazer.....	35
2.3 - Professores: o perfil daqueles que materializam as aulas.....	40
3 – Sobre o torcer nas escolas.....	56
3.1 - Sobre o entendimento da relevância do tema na perspectiva dos professores.....	57
3.2 - Sobre a presença do torcer na escola: um tema latente.....	66
3.3 - Sobre formas e conteúdos: as estratégias dos professores para trabalhar o torcer.....	76
4 - Considerações finais.....	83
Referências.....	86
Apêndice A – Carta de apresentação para as escolas.....	93
Apêndice B – Questionário da pesquisa.....	94

Apêndice C – Roteiro da entrevista semi-estruturada.....	98
Apêndice D - Termo de consentimento livre e esclarecido de participação em pesquisa (Questionário).....	99
Apêndice E - Termo de consentimento livre e esclarecido de participação em pesquisa (Entrevista).....	100
Anexo A – Entrevista 1.....	101
Anexo B – Entrevista 2.....	102
Anexo C – Entrevista 3.....	117
Anexo D – Entrevista 4.....	120

1 – Reconhecendo o gramado

Quando ingressei na graduação em Educação Física, minha perspectiva era ser professor de Educação Física em escolas com a intenção de ir além daquela disciplina restrita a jogar “futsal”, handball, vez ou outra vôlei e mais raramente algumas estafetas e campeonatos de “futsal”. Entrei na expectativa de confirmar que Educação Física não era só aquilo, via tanta coisa relativa a atividades corporais, mais que isso, praticava tanta coisa que não era nem sequer citada em aula no Ensino Médio. Ao concluir algumas disciplinas do primeiro período do curso, alguns esclarecimentos já começavam a aparecer. A idéia da Educação Física como uma disciplina necessariamente prática já não era mais algo concreto, a dicotomia teoria e prática posteriormente fora demolida, e o “saber fazer” não mais saciava as expectativas geradas pelos horizontes proporcionados por disciplinas como “História da Educação Física”, “Introdução a Recreação e Lazer”, Filosofia da “Educação Física”, entre outras. Pensar como as atividades corporais se relacionavam com as pessoas, e qual o papel da escola, representada pela disciplina Educação Física, tornou-se algo que me instigava e ainda instiga profundamente. Isso me remeteu, a partir da minha formação, a pensar os conteúdos da Educação Física e seu diálogo com a cultura na qual ela está inserida.

Esse é um tema relevante para a escola, justamente por entender que a escola é um espaço de transmissão cultural e que a cultura é um elemento central no trato da Educação Física

Refletir sobre elementos da cultura remete a pensar no próprio conceito de cultura. Ao conceituar, corre-se o risco de encaixotar idéias, que podem acabar sendo tomadas como verdades inquestionáveis. Silva (2007) lembra-nos que todo texto se trai ao cristalizar-se. Desta forma os conceitos construídos ontem, precisam ser avaliados e só então, serem utilizados como anteriormente propostos ou mesmo serem revistos. O conceito de cultura que permeia a antropologia já passou por várias revisões e assim como outros conceitos possui diferentes olhares. Laraia (2008) aponta que os antropólogos de fato sabem o que é cultura, mas divergem na maneira de exteriorizar este conhecimento. A partir da leitura de Geertz (2008) e Laraia (2008), entendo cultura por um conjunto de símbolos partilhados por um mesmo grupo. Estudar algo referente a cultura seria, portanto, estudar um código de símbolos partilhados pelos membros desta cultura.

Os indivíduos de uma dada cultura fazem uso de símbolos diariamente, nos diferentes espaços de seu cotidiano. Seja no trabalho, na escola, na igreja, no campo de futebol ou tantos outros, as pessoas estão numa trama constante, interpretando e sendo interpretadas pelas significações destes nos grupos sociais em que estão inseridas.

Laraia (2008) afirma que.

a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. Este fato é tão verdadeiro nas sociedades complexas com um alto grau de especialização, quanto nas simples, onde a especialização refere-se apenas as determinadas pelas diferenças de sexo e idade. (p. 80)

Tal afirmação possibilita entender que determinados símbolos de uma cultura podem não ser interpretados da mesma maneira, ou aproximada, por indivíduos de uma mesma cultura. Além disso, por vezes há um exercício de tentar transferir a lógica de uma cultura para outra, promovendo o etnocentrismo.

A cultura é pública, uma vez que seus significados também o são, (GEERTZ, 2008). Inserido em um grupo o indivíduo está sujeito aos entendimentos atribuídos a uma dada ação simbólica realizada, pois as pessoas pertencentes ou iniciadas naquele grupo têm conhecimento do que representa aquele ato.

A cultura é dinâmica (GEERTZ, 2008; LARAIA, 2008), isto ocorre porque os homens têm “a capacidade de questionar seus próprios hábitos e modificá-los” (LARAIA, 2008, p.95). A transmissão desta se dá historicamente no interior das sociedades em diversas estruturas e instituições, algo como um processo educativo. Nessa perspectiva, concordo com Forquin (1993) quando afirma que educação e cultura apresentam uma relação íntima, seja no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer se refira à educação tida como formal, em instituições escolares.

Ao pensar sobre a relação cultura e educação no âmbito das escolas, há que se entender o sentido atribuído a palavra cultura, tendo claro que, assim como nas demais esferas da sociedade, existem entendimentos diferentes acerca deste tema. Forquin (1993) aponta que dentre as formas de se tratar de cultura existem dois pólos que se destacam. Em um deles, cultura é entendida como um conjunto de qualidades e saberes, ou seja, deter um leque de conhecimentos e competências cognitivas, no outro pólo, entende-se cultura como “conjunto de traços

característicos do modo de vida de uma sociedade, de uma comunidade ou de um grupo” (p.11). O autor utiliza o “termo transmissão cultural” e diz que se tratando deste tema, no que se refere à escola, é preciso uma definição de cultura que seja, ao mesmo tempo, menos restritiva que o primeiro pólo e menos ampla que o segundo.

Quando fala de transmissão cultural, Forquin entra no cerne das questões propostas neste trabalho. Não é o entendimento de cultura especificamente que me proponho a discutir. O entendimento deste termo já está explícito, logo no início deste texto. O que procuro aqui explicitar é de que maneira a cultura se relaciona com a instituição escolar. E no trabalho de Forquin percebo os caminhos de diálogo que me permitem isso. A cultura como conjunto de símbolos dotados de significado partilhados por um mesmo grupo, não deixa de ser o ponto de partida, o que se agrega agora é a forma que tal conjunto de símbolos pode ser apropriado para o trato na escola, uma vez que entendo, assim como Forquin, que há que se fazer uma seleção no interior das culturas, para se compreender a pertinência ou não de um dado conteúdo. O autor fala ainda de uma “re-elaboração dos conteúdos destinados a serem transmitidos as novas gerações”(idem, p.14). Ao falar em re-elaboração é necessário entender como estruturação didática do conteúdo. A transmissão cultural não ocorre exclusivamente no sentido do professor para o estudante, mas sim em vários sentidos, do professor para os estudantes, dos estudantes para o professor, de estudantes para estudantes. Assim, ao incorporar um dado elemento da cultura a sua aula, o professor deve estar ciente que ele não estará simplesmente ensinando algo, os estudantes já trazem consigo entendimentos sobre aquilo que se trata. De alguma forma aquilo já possui significados para eles, mesmo que seja o desconhecimento. Como definir que elementos devem ser trazidos ou não para a escola? A ação docente não é desprovida de valores e estes valores são parte da trajetória de vida dos professores, um professor não tem suas aulas pautadas exclusivamente em sua formação acadêmica, aquilo que viveu antes e depois deste período também será significativo para definir a postura ao elaborar suas aulas. Seja em disciplinas que possuem historicamente maior rigidez programática, detendo-se de certa maneira mais ao conhecimento dito científico, o que não impede que as opções sejam feitas tanto no que diz respeito a forma das aulas quanto nos conteúdos. Optar por tratar

determinado conteúdo revela tanto questões relativas à formação humana do professor quanto da sua percepção e visão de mundo.

Nesta perspectiva a instituição escolar seria resultado de um confronto de interesses entre o sistema educativo e os sujeitos da escola (DAYRELL,1996). Sendo os sujeitos da escola, os docentes, funcionários, estudantes. Caberia, portanto, aos professores buscar aproximações entre os conteúdos propostos pelo sistema escolar e os elementos da cultura pertinentes àquela escola. Em cada uma das diferentes disciplinas há maior ou menor pressão quanto ao conteúdo que são apontados como os interesses deste sistema. Dentre as disciplinas escolares, destaco a Educação Física como uma das que permite maior liberdade ao professor nas escolhas de seus temas, ainda que os conteúdos que esta disciplina deve apreender estejam já definidos. Até por isso, não é incomum que professores desta disciplina encontrem dificuldades em definir seus conteúdos.

Tais dificuldades remetem a falar da chamada crise de identidade da Educação Física, que segundo Bracht (1997, p.13) “foi entendida em muitos momentos como a falta de definição do seu objeto¹, da falta de definição clara de qual sua especificidade (identidade no sentido de sua singularidade)”. Não tendo claro de que saber trata esta disciplina, torna difícil, quase impraticável, a mediação entre o saber (interesses) proposto pela escola e os interesses dos sujeitos da escola. Durante as ações de campo deste trabalho não foram poucas às vezes, que me deparei com diretores e supervisores pedagógicos que esperavam “mais” da Educação Física, mas em contrapartida não sabiam o que era esse “mais”. Na busca por esta especificidade, autores da área procuraram definir qual é o objeto da Educação Física. Bracht (1997, p.14) lembra que é importante ter “claro que a definição do objeto da Educação Física está relacionada com função ou papel social a ela atribuída e que define, em largos traços, o tipo de conhecimento buscado para sua fundamentação”.

Durante muitos anos a Educação Física esteve submetida ao entendimento que seu papel era contribuir para o desenvolvimento da aptidão física, o que advém da forte ligação desta disciplina com os saberes biomédicos em suas origens. Assim, sob esta perspectiva, a função da Educação Física seria alcançar níveis de capacidades físicas tidos como aceitáveis para o ser humano. Entendendo a escola

¹ Entendo objeto aqui na mesma perspectiva que Bracht (1997, p.13), como “saber” específico que trata esta disciplina curricular.

como um espaço de transmissão cultural e a Educação Física como uma disciplina escolar como as demais, seria incoerente entender a aptidão física como objeto desta disciplina, já que não tem como foco a cultura se pautando mais fortemente nos fatores biológicos. Entretanto, não deixo de considerar que educar para a prática de atividade física e aptidão física, entendida como saúde, também sejam papéis da Educação Física, não se limitando a isto. É interessante levantar que hoje tal perspectiva ainda é o ponto de apoio do trabalho de professores em escolas, inclusive de algumas desta pesquisa. Nessa perspectiva não cabe discutir uma série de conteúdos, uma vez que a cultura não é elemento central no que se entende por objeto da Educação Física.

Outra proposta para definir o objeto da Educação Física remete a aprendizagem/desenvolvimento motora se referindo a educação do movimento. Daolio (2007) aponta o professor Go Tani como principal defensor desta proposta no Brasil, afirma que nesta abordagem não se pode cobrar o trato da cultura uma vez que esta também não se propõe a isto. Da mesma maneira que a perspectiva da aptidão física, a abordagem feita no âmbito do aprendizagem/desenvolvimento motor, com a chamada concepção desenvolvimentista, não permite estreitamentos com o pensamento da escola como um espaço de transmissão cultural (DAYRELL, 1996; FORQUIN, 1993), como eu a entendo e sob o qual desenvolvo este trabalho.

Diferentes perspectivas surgiram e nelas a cultura tornou-se a principal categoria. As formas em que ela aparece são apontadas no livro “Educação Física e o conceito de cultura” do professor Jocimar Daolio². Termos como “cultura corporal”, “cultura corporal de movimento”, entre outros, passam a fazer parte dos diálogos de estudantes e professores da área. A inserção da cultura como elemento central aproxima a Educação Física do entendimento da escola como espaço de transmissão cultural, ainda que, como dito, o conceito de cultura não é algo visto de maneira uníssona.

Nas diferentes produções que tomam a cultura como elemento central para a Educação Física, há grandes aproximações ao entender que os elementos da

² Nesta obra o professor Jocimar Daolio faz interessante leitura de alguns dos mais importantes autores da Educação Física brasileira e a relação de suas propostas com a cultura. Não me deterei aqui a refazer tal trabalho, nem em me debruçar sobre as várias concepções da Educação Física, visto que este não é o objetivo deste trabalho. Recomendo a leitura da obra para maiores esclarecimentos acerca da presença da cultura nas concepções de alguns dos mais importantes autores da Educação Física após a década de 1980.

cultura corporal que dizem respeito à Educação Física são: os jogos, as danças, os esportes, as lutas, as ginásticas, as brincadeiras e algumas variantes. Se entendidos como construídos culturalmente, cada um destes conteúdos pode ser transposto para escola e abordado de diversas formas, uma vez que enquanto elementos da cultura eles recebem variadas apropriações e múltiplas significações. Nas várias esferas da vida cada um destes conteúdos pode assumir um, ou vários significados.

Uma das esferas da vida é o lazer, que também é construído culturalmente. Faz-se necessário aqui definir qual o entendimento de lazer que se entende neste trabalho. Os estudos do lazer no Brasil, assim como os da Educação Física apontam perspectivas que se aproximam em alguns pontos e divergem em outros. Em linhas gerais, pode-se dizer que os conceitos de lazer com que operam os pesquisadores no Brasil giram em torno de três núcleos que combinados constroem o sentido destes conceitos: o tempo, a atitude e as manifestações culturais. Entendo o tempo como uma instituição social (ELIAS, 1998) sempre provido de sentido, compreendido de diferentes formas nos diferentes contextos. Na atual lógica social a expressão “tempo é dinheiro” revela este caráter de signo social do tempo. Nos conceitos de lazer a palavra tempo vem acompanhada de algum adjetivo, como livre, disponível, conquistado. Estes adjetivos atribuem à palavra tempo, sentidos em relação a sua localização no contexto social, contexto este relativo às obrigações sociais dos indivíduos. O lazer, portanto ocorreria nestes tempos sejam eles livres destas obrigações, disponíveis em relação às obrigações ou conquistados diante das obrigações sociais. Concordo com Padilha (2004, p.220) quando esta aponta a problematização que tempo algum pode ser tratado como verdadeiramente livre “das coações, da lógica do capital ou de normas sociais”. Em contrapartida, a idéia de tempo disponível remete a pensar em um tempo que é disponibilizado por estas normas sociais e que permite ao indivíduo espaçar-se destas lançando mão a suas vivências de lazer. Pensando o contexto em que vivemos, não há uma fronteira visível entre o trabalho e as obrigações sociais e o lazer, então a idéia de um tempo conquistado, no qual o indivíduo se permite o usufruto do “momento presente” faz mais sentido para mim ao pensar em que tempo ocorre o lazer.

No que diz respeito à atitude, esta deve ser entendida como a relação verificada entre o sujeito e experiência vivida por este (MARCELLINO, 1996), ou seja, uma vivência por si só não pode ser definida como lazer, isto só se dá a partir

desta relação sujeito / vivência. E compreendo que tal relação também seja construída através do arcabouço cultural deste sujeito.

Por fim, ao se falar em manifestações culturais, remete-se diretamente ao que se vivencia nos momentos de lazer. Gomes (2004, p.124) trata estas manifestações como os “conteúdos vivenciados como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento”.

Nesse sentido, este trabalho entende, o lazer como

uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo / espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo (GOMES, 2004, p.125).

Ao questionar alguém sobre a cultura brasileira, rapidamente alguns elementos dela nos serão primeiramente apontados, como carnaval, capoeira e futebol. Estes três ajudam a exemplificar manifestações culturais que podem ser transmitidas através do lazer. Dentre estas destaco o futebol, mundialmente conhecido como o país do futebol, este esporte ganhou no Brasil um caráter de fenômeno sociocultural (DAMATTA,1982; DAOLIO,1997).

O futebol é no Brasil referencial de lazer, tanto para as classes menos favorecidas, quanto para as mais, seja na possibilidade de prática³ ou como torcedor (SALLES, 1998). Esta relação do brasileiro com o futebol é tão acentuada que acabou por gerar uma monocultura esportiva (MELO, 2004). Esse quadro pode ser facilmente verificado ao analisarmos a quantidade de programas esportivos dedicados exclusivamente ao futebol, ao número de jogos televisionados em relação as outras modalidades esportivas, aos valores de direitos de transmissão em comparação a outros esportes. Essa monocultura também pode ser percebida nas aulas de Educação Física, em que os discursos, tanto de estudantes de graduação quanto de professores que já estão atuando, anunciam a dificuldade em inserir outras aulas que não a prática do futebol. Ainda que seja o “futsal” que geralmente é praticado, é com referencial no futebol.

³ Ainda que eu entenda o torcer como uma possibilidade de prática, para caráter funcional da escrita seguirei distinguindo a ação de se jogar futebol como prática.

Damo (2002) afirma que os brasileiros não só gostam de futebol, mas o faz a partir de um referencial: “os clubes do coração”. Este gostar de um clube remete ao torcer por um clube. No contexto brasileiro, a familiaridade das pessoas com o futebol é tão grande que gera algumas dificuldades ao abordar o tema. Faria (2007, p.3) dialoga com um ponto em relação a essa familiaridade do futebol e o povo brasileiro, ao se “deparar com o fato de que o futebol acontece (ou se produz) cotidianamente na escola independente das práticas de ensino”. Não só na escola o futebol acontece independente de ensino, nas próprias transmissões dos jogos, seja de rádio ou televisão, não são incomuns jargões como “esse cara tem o dom”, “nasceu pra isso”, “feito para o futebol”, todos estes remetem a idéia de “dom”⁴. Se sobre o jogar em si existe a idéia do dom, no que diz respeito a torcer por um clube, o imaginário dos brasileiros também está permeado por elementos de naturalização. Para o torcedor ele não se tornou atleticano, cruzeirense, vascaíno, colorado, ele nasceu torcendo por este ou aquele clube. Daolio (2000) observa que no Brasil a relação com o futebol vem desde o nascimento, quando o garoto recebe um nome, uma religião e um time de futebol. Esse time é aquele que ele aprenderá a gostar, que torcerá na maioria das vezes, até o fim de sua vida. Damo (1998,p.13) afirma que, “como no caso da culinária e do vestuário, onde se afirma que ‘somos o que comemos e vestimos’(Fine e Leopold,1993) no futebol ‘somos o clube para o qual torcemos”. Toda esta relação gera uma dificuldade de intervenção, já que o futebol enquanto jogado não precisa ser ensinado, brasileiro já nasce com o “dom”, e no que tange ao torcer, o indivíduo já nasce atleticano, cruzeirense, ou torcedor de outro determinado clube.

O futebol como conteúdo escolar, e especificamente, da Educação Física, não pode ser visto apenas no âmbito da prática. Faria (2008) aponta que dentre aqueles jovens pesquisados por ela, o torcer era uma forma de engajamento unânime no universo do futebol. Neste mesmo trabalho ela traz a possibilidade de se pensar na prática do futebol como torcedor. Esta idéia é interessante ao pensá-la associada à discussão de passividade e atividade apresentada por Marcellino (1996). Assim a inserção no meio futebolístico não depende exclusivamente de praticar o esporte em si. O engajamento no universo futebolístico é possível enquanto torcedor.

⁴ Para maiores aprofundamentos sobre a questão do “dom” no futebol recomendo a leitura de Damo, Arlei Sander. Do dom a profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. Porto Alegre: Hucitec. 2007.

Esporte, fenômeno sociocultural, mercado, produto, qual seja a opção de se ver o futebol, é fato que ele faz parte do cotidiano do brasileiro de uma forma ou de outra. Sua presença como formador de uma identidade também parece já ser consenso entre os pesquisadores, seja a idéia da identidade nacional, ligada a seleção brasileira, sejam as várias identidades clubísticas pelo país, além de outras possíveis como de bairros, de cidades.

As relações criadas por meio do futebol permeiam toda a sociedade. É possível pensar a construção de “pedaços”⁵ de determinadas torcidas como bares, de acordo com Santos e Azevedo(2008). As torcidas organizadas que já foram e são ainda fruto de vários trabalhos (TOLEDO, 1996; PIMENTA 1997; SOFFREDI E AZEVEDO, 2008), envolvem muitas pessoas e são constante alvo de debate na mídia. A televisão que faz parte das vivências de lazer de grande parte da população brasileira é recheada de futebol em sua programação. Além destas, outras relações podem ser lidas no contexto brasileiro, mesmo aquelas pessoas que não gostam do futebol são afetadas no seu cotidiano por essa íntima relação entre o futebol e Brasil, especialmente em grandes centros urbanos que possuem clubes nas principais competições nacionais. Em Belo Horizonte, por exemplo, em dias de jogos do Clube Atlético Mineiro ou do Cruzeiro Esporte Clube são visíveis as alterações na cidade, sejam em questões funcionais como trânsito, vendedores ambulantes espalhados pela cidade, ou em mudanças que vou chamar de o “clima” da cidade, com maior número de torcedores circulando com as camisas de seus clubes, buzinaços, algumas pessoas mudando seus itinerários habituais para evitar o contato direto com o clima do jogo entre outros. O que busco explicitar com isso é que o futebol mobiliza mais do que apenas os torcedores do clube que está jogando, envolve a sociedade. Além disso, as relações não se restringem ao dia do jogo, elas se estendem ao “cotidiano, ligado ao espaço da casa e da rua, do trabalho e do lazer, em que se ‘discute futebol’”(DAMO, 2001, p.90). A escola não está alheia ao torcer, o estudante e os professores não “removem sua identidade de torcedor” ao entrar na escola, eles trazem consigo os signos atribuídos àquelas relações.

Se o torcer faz parte da vida das pessoas de forma tão expressiva, e este pode ser observado como parte de um fenômeno sociocultural, este pode ser

⁵ Remeto-me aqui a categoria pedaço proposta por Magnani, no livro *Festa no Pedaço*, entendida como um espaço intermediário entre o privado e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, que é mais densa que as relações formais e individualizadas das impostas na sociedade.

entendido como tema pertinente à escola, reconhecida como um espaço sociocultural. O torcer está ligado a um tema da cultura corporal e sua pertinência na Educação Física está ligada especificamente ao saber sobre o fazer corporal, pois o torcer estende o objeto de ensino desta disciplina ao saber dos significados de um determinado conteúdo em relação ao mundo.

Ao refletir o que foi apresentado até aqui, surgiram as questões que norteiam este trabalho. Primeiramente, investigar se o torcer, na percepção dos professores, é um tema trabalhado nas aulas de Educação Física. Ora, se me parece pertinente tal temática, caberia então buscar informações da realidade escolar a fim de conhecer sua presença ou ausência nesta disciplina nas escolas. Identificar este quadro pode subsidiar ações de intervenção, sejam elas políticas, voltadas a formação de professores, elaboração de materiais para viabilizar aulas com mais qualidade, entre outras possibilidades. Não são raros nos jornais, na televisão, sites da internet entre outros meios de comunicação, notícias relacionadas a problemas envolvendo torcedores. Mais que solucionar problemas, estas políticas de educação poderiam proporcionar as pessoas um processo educativo que lhes permitisse usufruir de novas formas uma possibilidade de vivenciar o lazer, a assistência a espetáculos esportivos (ELIAS 1992, MARCELLINO 1996).

Ao buscar o objetivo anterior outra questão se mostrou essencial a este trabalho. Se o torcer fosse um tema presente nas aulas de Educação Física, como se daria esta presença? Caparroz e Bracht (2007) apontam que a Educação Física brasileira apresentou, após a década de 1980, uma hipervalorização acadêmica com as questões pedagógicas em detrimento das indagações didáticas de intervenção. Concordo com essa afirmação, mais que saber se o tema está sendo tratado nas escolas, é necessário saber como ele vem sendo tratado. Tal questionamento se justifica, pois socializar as formas que estes professores abordaram o tema, suas dificuldades e opções didáticas poderá subsidiar proposições de materiais, cursos, entre outras possibilidades de intervenção no intuito de qualificar ainda mais a abordagem desta temática. Além disso, este é um estudo pioneiro no que diz respeito a relacionar a escola e a educação para o torcer. Os estudos que se referem ao torcer são em geral direcionados aos torcedores que freqüentam os estádios, a questões relativas a violência relacionada a estes grupos, a formação de identidades ligadas ao futebol / torcer, ao torcer como um mercado de consumo. As demandas por uma educação para o torcer já fora apontada no trabalho de Silva et

al (2007). Recentes trabalhos (NICÁCIO et al 2009(a), CURI et al 2008, SILVA et al.2007) expõem um grande desconhecimento dos torcedores em relação ao Estatuto de Defesa do Torcedor, lei que regulamenta os direitos do torcedor na assistência às várias modalidades esportivas, e que poderia em tese proporcionar melhores condições na fruição dessa vivência de lazer. Tais informações apontam a necessidade de intervenção no que diz respeito a educação para o torcer e mais que isso a demanda por formas de fazê-lo, que podem ter indicações de caminhos a serem trilhados a partir desta pesquisa.

Entendo que a prática docente reflete tanto a formação quanto a história de vida daqueles que lecionam, portanto, a presença desta temática nas aulas só ocorrerá se o professor entender que este tema se constitui como um tema importante.

Daí outro objetivo foi investigar se professores entendem como relevante tratar o torcer em suas intervenções.

Nesta perspectiva esta pesquisa traz as impressões acerca deste tema na rede pública de educação, no ensino médio, da cidade de Belo Horizonte. No próximo capítulo procurei apresentar a realidade das escolas pesquisadas e o perfil dos professores, que no meu entender revela muito sobre a legitimidade que o tema e a própria Educação Física tem ou poderia ter em cada uma delas.

1.1 – Caminhos da pesquisa: a metodologia

Os debates acalorados nas produções sobre os temas centrais deste trabalho, lazer, Educação Física e futebol, suscitaram em mim grandes dúvidas no momento de fazer as escolhas sobre a melhor maneira de buscar o entendimento das questões aqui propostas. As compreensões sobre cada um destes temas são, por vezes, divergentes e inspiram algumas possibilidades a trilhar para alcançar tais objetivos.

Luna (1996) aponta que raramente um procedimento empregado é fruto de uma escolha. Entendo que ao falar em procedimentos o autor se referia as técnicas para execução de uma pesquisa. Não obstante, acredito que tanto quanto as técnicas, as características de uma pesquisa não são objeto de uma escolha e sim conduzidas pelo problema e perguntas referentes à pesquisa. Neste sentido, o

problema desta pesquisa solicitou a mescla das abordagens qualitativa e quantitativa, entendendo que ambas são importantes e complementares.

Ao buscar esse perfil complementar, essa pesquisa acabou por caracterizar-se como um estudo descritivo. Para Triviños (1992, p.110) “a maioria dos estudos que se realizam no campo da educação é de natureza descritiva”, tendo como foco o desejo de conhecer a comunidade e suas características. Sampieri et al (2003), apontam que os estudos descritivos buscam especificar as características e os perfis importantes de pessoas, grupos, comunidades ou outro fenômeno que seja passível de submissão a uma análise. Podendo, ainda, ao descrever, estabelecer relações e inferências acerca dos dados descritos.

Ao pesquisar vários livros sobre metodologia de pesquisa (TRIVIÑOS, 1992; LÜDKE e ANDRÉ, 1986; LUNA, 1996; SAMPIERI et al 2003; GOMES e AMARAL, 2005; LAVILLE e DIONNE, 1999), não foram poucas as vezes que me deparei com os alertas sobre optar pelo público mais indicado para a pesquisa e os instrumentos que auxiliariam para se chegar à resposta da pergunta proposta. Procurando estar atento aos alertas, a escolha pela cidade de Belo Horizonte ocorreu por esta ofertar um perfil que interessava a esta pesquisa, ou seja, possui uma relação visível com o futebol e o torcer em grandes eventos, vide a existência de dois grandes clubes de futebol participantes da série A do campeonato brasileiro de futebol. Além, é claro, da viabilidade econômica e de tempo proporcionado em função de eu morar na cidade e a universidade, cujo programa de mestrado esta pesquisa se vincula, ter sede na mesma cidade.

Diversos autores (TRIVIÑOS, 1992; LÜDKE e ANDRÉ, 1986; GATTI e FERES 1975; BISQUERRA et al 2004) apontam que, na maioria dos casos, o pesquisador é obrigado a restringir as suas observações a um grupo da população de interesse em função de algumas variáveis como tempo disponível, custos entre outras. No caso deste trabalho, a população de interesse são as escolas públicas da cidade de Belo Horizonte que ofertam o Ensino Médio. Como fonte para realizar o levantamento dessas escolas foi consultado o sítio virtual da Secretária de Estado de Educação de Minas Gerais⁶. Após averiguar o número de escolas, foi feita a opção de se pesquisar junto à professores de uma escola por bairro da cidade, entendendo que

⁶ http://www.educacao.mg.gov.br/images/stories/lista/cadastr_janeiro_tod_red_nivel_09.xls neste link está disponível a lista com todas as escolas de Minas Gerais, divididas em suas respectivas superintendências.

assim seria possível uma visão ampla sobre as percepções sobre tema em escolas da cidade.

Tendo por objetivo conhecer sobre as percepções sobre o tema torcer nas aulas de Educação Física nas escolas de Belo Horizonte, alguns sujeitos destas instituições poderiam ser pensados como fonte de informações. Gestores, professores, alunos, entre outras possibilidades, poderiam trazer importantes e diferentes olhares sobre o tema. Avaliando as perspectivas que eu tinha para esta pesquisa os professores foram escolhidos, pois são eles os responsáveis por materializar as aulas.

A escolha pelas escolas públicas se deu por duas razões, primeiramente, ao verificar a quantidade de escolas na cidade, ficou claro que seria inviável pesquisar todas, desta maneira, foi necessário optar. A partir daí a segunda razão, os dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD), mostram que 85,6% dos estudantes do Ensino Médio se encontram em escolas públicas no país. Com isso ficou definido que seriam pesquisadas somente escolas públicas, tendo em vista que a maior parte dos estudantes do país estuda nessas.

Ao pensar as ações de campo, uma pergunta se colocou no que se refere ao ensino público. Belo Horizonte conta com três tipos diferentes de escolas públicas: municipais, estaduais e federais. Daí a opção por ter as três redes de ensino incluídas nesta pesquisa, acreditando que as possíveis diferenças poderiam enriquecer o trabalho. Ao ir a campo, pude perceber que a variação de redes de ensino não era um elemento que determinava a imensa diferença entre as escolas. Em cada uma das redes, municipal, estadual e federal, existem abismos de distância entre cada uma das realidades encontradas. A opção pelo Ensino Médio se deu por ser esta a fase em que os adolescentes se envolvem com torcidas organizadas e definem seus clubes (REIS, 2006; TOLEDO, 1996).

Determinada a escolha das três redes, cada bairro de Belo Horizonte poderia ter no máximo três escolas inclusas na pesquisa, sendo uma de cada rede. No caso de ter mais de uma escola que ofertasse o Ensino Médio de uma mesma rede em um bairro, foi feito um sorteio simples para se definir qual delas seria contatada para participar.

A partir destas opções, foram selecionadas 126 escolas para coleta em um momento inicial. Os contatos foram feitos diretamente com as direções ou coordenações das escolas, pessoalmente, apresentando-lhes uma carta com a

descrição da pesquisa (anexo 1) e sanando todas as dúvidas que surgissem. Entretanto, o número final de escolas pesquisadas foi 66, sendo 55 estaduais, três federais e oito municipais. Diferentes motivos levaram à redução do número de escolas, sendo eles: escolas que não mais ofertavam o Ensino Médio; número maior que duas tentativas de contato com direções não obtendo sucesso; escolas que não tinham Educação Física como disciplina formal, apenas projetos; professor não esteve na escola por mais de duas vezes em dias agendados para a pesquisa; professor em licença médica durante o período da coleta; ausência de diretores e não autorização de coordenações pedagógicas; não interesse de escolas em participar; escola cujo endereço apresentado não correspondia e não pôde ser encontrada.

Em cada escola houve participação de apenas um professor. Isso se deve à variação entre o número de professores em cada escola, algumas com mais de um, outras com apenas um. Ainda que os professores que trabalham em uma mesma escola possam ter entendimentos distintos da Educação Física, estes devem buscar aproximações em suas ações docentes para conseguir certa organicidade durante a formação dos estudantes. Partindo deste pressuposto, ao realizar a pesquisa com um dos professores de uma determinada escola seria possível ter aproximações sobre o tema desta pesquisa naquele contexto, o que eu pude confirmar no decorrer da pesquisa. Nos casos em que a escola contava com mais de um professor, participou da pesquisa aquele que estivesse primeiramente disponível. Em casos raros em que havia mais de um disponível ao mesmo tempo, decidiu-se por meio de sorteio simples.

Para busca das informações foram utilizados dois instrumentos, um questionário (anexo 2), uma entrevista semi-estruturada (anexo 3). Segundo Bruyne et al (1991,p.99), "várias técnicas podem e devem freqüentemente ser empregadas numa mesma pesquisa para reunir um feixe de dados ao mesmo tempo disponíveis, acessíveis e conforme a seu objetivo de investigação".

Após o contato com a direção e recebendo a autorização desta para realização da pesquisa na escola, foi feito o contato com o professor de cada escola. A eles era informado que se tratava de uma pesquisa de mestrado e que era referente à Educação Física. Neste primeiro momento não lhes era informado o tema da pesquisa, por entender que isso poderia influenciar nas respostas do questionário. Ele lia o termo de consentimento livre e esclarecido (anexo 4) e

preenchia o questionário. O preenchimento era feito pelo próprio professor que poderia eliminar qualquer dúvida durante o preenchimento com o pesquisador. Os questionários foram identificados por números, não permitindo que ninguém além do pesquisador fizesse ligação entre as informações disponíveis nele e a escola ou professor a que ele se referia. Todos os questionários foram coletados nas próprias escolas. Depois de preencher, informava-se o tema e os objetivos da pesquisa, só então o professor assinava o termo de consentimento. O questionário foi o primeiro instrumento entendido como qualificado para esta pesquisa. Laville e Dionne (1999, p.183,184) afirmam que dentre as vantagens do questionário pode-se lembrar que:

se mostra econômico no uso e permite alcançar rápida e simultaneamente um grande número de pessoas, uma vez que elas respondem sem que seja necessário enviar-lhes um entrevistador. A uniformização assegura, de outro lado, que cada pessoa veja as questões formuladas da mesma maneira, na mesma ordem e acompanhadas da mesma opção de resposta, o que facilita a compilação e comparação das respostas escolhidas e permite recorrer ao aparelho estatístico quando chega o momento da análise.

Estas características do questionário permitiram alcançar algumas metas como a uniformidade de resposta em relação a um determinado tema, no caso o trato do torcer nas aulas de Educação Física na escola. A análise do questionário foi feita através da estatística descritiva (SAMPLIERI et al 2003; BISQUERRA et al 2004). Para auxiliar na análise das informações obtidas com o questionário foi utilizado o programa “Statistical Package for Social Sciences” (SPSS), que realiza diversos cálculos simplificando o processo de análise dos dados quantitativos.

Ao iniciar a coleta dos dados deparei-me com um quadro interessante. Por questão de conforto para mim, e por entender que eu poderia conseguir elementos para enriquecer as ações de campo, optei por começar por uma escola em que eu possuía ótimo relacionamento e liberdade de diálogo. Neste momento, percebi que o contato com a direção, bem como o contato com o professor poderiam trazer ricos elementos que não seriam apreendidos naquele momento pelo questionário, tão pouco posteriormente com a entrevista. Com isso surgiu a opção por utilizar o caderno de registros. Ele poderia registrar o contexto em que os dados foram

obtidos, e permitiria armazenar informações que outros instrumentos não transmitiriam.

Entendi que a utilização deste recurso era necessária, ao perceber que a relação entre os gestores da escola, direção e coordenação pedagógica, e a Educação Física poderia dizer algo sobre o objeto de estudo. Além disso, durante o preenchimento do questionário, a maioria dos professores estabelecia um diálogo acerca das respostas que davam ou mesmo para além das informações solicitadas no questionário. Estes diálogos permitiam chegar a informações que não eram acessíveis na objetividade do questionário. Este caderno de registros teve então dois focos, o contato com os gestores e o contato com os professores. No primeiro foco, centrando na recepção e interesse em relação à pesquisa, além do discurso acerca da Educação Física, e no segundo, também na recepção e interesse, no discurso sobre a relação da Educação Física com a escola e nos diálogos que se construíam durante a pesquisa. Ainda que por vezes a extrema objetividade dos contatos não acrescentasse informação de forma direta, optar por usar o caderno de campo foi uma escolha acertada. Inclusive ele auxiliou na escolha dos entrevistados. Além de retratar a percepção sobre o contexto em que as escolas estavam inseridas.

Por fim, após uma breve análise, foram realizadas as entrevistas. Rosa e Arnoldi (2008) apontam algumas questões para o pesquisador antes que esse faça a opção pelo uso da entrevista. Entre estas questões está se o pesquisador pode realizar com “adequação à seleção dos entrevistados para a Entrevista e de maneira justificável?” (p.14). A escolha dos(as) entrevistados(as) se daria em função da resposta da questão 16 do questionário, que visava a descobrir aqueles(as) professores(as) que já haviam preparado aulas no intuito de tratar o torcer. Essa opção era arriscada, uma vez que eu temia talvez não encontrar ninguém que já o tivesse feito. Ao tentar contatar essas pessoas, um professor não se interessou e em outros dois casos não obtive resposta, tendo então três pessoas disponíveis para a entrevista. Entretanto, durante a coleta dos questionários, duas professoras chamaram a atenção em função do discurso durante o preenchimento, que deixou para mim a certeza de que estas professoras haviam feito aproximações muito interessantes com o tema em suas aulas, ainda que declarassem não ser este o foco das mesmas. Infelizmente uma destas professoras não havia deixado contato. Algo que era solicitado no momento do preenchimento do termo de consentimento

do questionário como demonstração de interesse em participar posteriormente. Assim foram feitas quatro entrevistas, sendo um professor e três professoras. Optei pela entrevista semi-estruturada, uma vez que esse tipo de entrevista teria um roteiro a ser seguido e ao mesmo tempo permitiria um maior grau de liberdade para avançar em questões que surgissem em particularidade em cada uma das entrevistas (NEGRINE,2004).

As entrevistas foram realizadas também nas respectivas escolas. Cada professor, recebia a explicação dos motivos que levaram a ser convidado, lia o termo de consentimento livre e esclarecido relativo a entrevista (anexo 5) e o assinava. Antes do início da entrevista, cada professor fez a leitura do roteiro da entrevista e retirou possíveis dúvidas para que então fossem feitas as entrevistas. As entrevistas foram gravadas em gravador digital e transcritas (anexo 6). Cada entrevista recebeu números de um a quatro, sendo o número respectivo à ordem em que foram feitas.

As ações de campo ocorreram entre maio e setembro de 2009, entre contatos com as direções das escolas, aplicação dos questionários e realização das entrevistas, nesta ordem. Fatores como férias escolares, necessidade de ir mais de uma vez a mesma escola e recessos escolares ampliaram o período de coletas.⁷

⁷ Está pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, sob o número 0240.0.203.000-09.

2 – Pessoas e espaços

Na elaboração do projeto de pesquisa deste trabalho, uma questão me atormentava: que escolas devem fazer parte e quais ficarão de fora?

A vontade de buscar o máximo de escolas possíveis me incitava querer pesquisar as escolas particulares e públicas, sem distinção. Por não querer realizar comparações entre estas e ser inviável a realização no tempo do mestrado, acabei optando por pesquisar apenas as escolas públicas. Após ir a campo, ficou mais claro do que antes de iniciar a pesquisa, que os distanciamentos entre as realidades escolares não existem apenas entre as escolas privadas e públicas, mas também entre as redes públicas e mais que isso dentro das próprias redes públicas, municipal, estadual e federal. Não foi nenhuma surpresa para mim, pois além de morar na cidade desde que nasci e conhecê-la bem, minhas expectativas eram pautadas na minha formação. Assim, se falo da escola como espaço sociocultural, falo em “resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição” (DAYRELL, 1996, p.1). Isto implica reconhecer que cada escola é formada por mais do que as edificações e lotes que os sujeitos delimitam, são efetivamente compostas pelos sujeitos que ali estão. São as pessoas que estão nas escolas e os locais em que as escolas estão inseridas que determinam as suas características.

2.1 – Sobre contextos e espaços: as escolas pesquisadas

Este capítulo visa a trazer questões cruciais para refletir o tema torcer nas escolas, apresentando as escolas através de alguns de seus sujeitos, professores e gestores, e seus vínculos institucionais e localização na cidade.

Faria Filho e Vidal (2000) apontam que tempo e espaço escolares não são neutros no ensino e que, como as pedagogias, eles também ensinam, e também são historicamente construídos. O tempo e o espaço escolares denotam daqueles que projetaram entendimentos de educação, de mundo e pessoas que esperam que ali sejam formadas. Mas, assim como os demais espaços das cidades as escolas são apropriadas e re-significadas pelas pessoas que as ocupam, daí os distanciamentos entre os significados dados a espaços tão semelhantes, como é o caso da rede

estadual de Belo Horizonte que possui uma espécie de padrão nos prédios escolares que foram construídos para estes fins.

Mais que os significados pensados na construção dos espaços, é preciso refletir sobre os significados atribuídos e que permeiam as escolas. Ribeiro (2004, p.104) lembra que “o espaço não é neutro e está impregnado de signos, símbolos e marcas de quem o produz, organiza e nele convive, por isso, tem significações afetivas e culturais”.

Foram pesquisadas 66 escolas em 61 bairros diferentes da cidade de Belo Horizonte, distribuídas pelas nove regionais da cidade. De escolas localizadas no centro da cidade a escolas de bairros que fazem divisa com cidades da região metropolitana de Belo Horizonte, em todas elas foi possível identificar relações com o torcer na cidade, seja por estudantes vestidos com roupas, usando mochilas e chaveiros ou outros objetos ligados aos clubes da cidade, por pichações nas escolas com dizeres relacionados as torcidas organizadas ou a algum determinado clube, ou mesmo pela proximidade a sedes de torcidas organizadas as relações com o torcer e o espaço escolar foram percebidas em cada uma destas escolas.

Sete destas escolas estão vinculadas com outras instituições, relacionadas ou não a educação formal. Cinco delas estão intimamente ligadas a entidades de segurança pública: polícia civil, polícia militar e forças armadas. Essas relações podem representar conflitos ao se pensar os projetos destas escolas, Vago (1999, p. 38) lembra que,

a cultura escolar intervém em outras práticas culturais da sociedade da mesma forma em que sofre a sua intervenção: há entre as práticas escolares e as demais práticas sociais uma relação de tensão permanente – e não de submissão permanente.

A proximidade destas instituições poderia então exacerbar esta intervenção, não foi possível perceber se isto realmente acontece, todavia cabe ressaltar que nas escolas que possuíam este vínculo a fala dos professores é de melhores condições de trabalho. No que diz respeito à remuneração, no caso das vinculadas a polícia civil e militar, não há qualquer variação em relação às demais escolas da rede estadual. Já no que tange à estrutura de trabalho, existe a diferença de espaços que podem ser utilizados por estas escolas, que são de propriedade destes órgãos. Há de se ressaltar a localização privilegiada destas escolas na cidade, a exceção de

uma, e que o acesso a estas escolas se dá prioritariamente a filhos de pessoas ligadas aos órgãos citados.

Há ainda outras duas escolas vinculadas a instituições de ensino superior, mas que tem características distintas. Uma é escola de aplicação de uma universidade, que se mostra disponível a inovar e a discutir temas como o torcer nas aulas. A outra não é uma escola de aplicação, é um centro de formação técnica. Destaco a relação histórica que ela possui com prática esportiva, sendo o eixo principal de suas aulas, tendo notoriedade dentre todas as escolas pesquisadas no que diz respeito à estrutura física para a Educação Física. Dado o perfil historicamente construído da disciplina nesta escola o tema torcer não teria grande ressonância, como pude observar ao aplicar o questionário nesta escola. Cabe ressaltar que a inserção em ambas as escolas se dá por meio de processos seletivos e em ambas a formação do Ensino Médio é técnica, voltada ao mercado de trabalho, o que também é um fator de distinção em relação a outras escolas desta pesquisa.

Outro ponto que chamou a atenção no que diz respeito aos espaços escolares foi a localização de algumas destas escolas. Algumas das escolas pesquisadas estão inseridas em bolsões de pobreza da cidade, com altos índices de criminalidade. A presença destas escolas ali é de grande importância uma vez que muitos daqueles estudantes não seria possível o acesso à escola caso ela não estivesse próxima a sua residência. O que impressiona são as estruturas de segurança construídas nestas escolas, grades e telas, portões separando os espaços internos, arames farpados, sistema de vigilância por câmeras entre outras. Ribeiro (2004, p. 105) expõe que

o espaço escolar deve compor um todo coerente, pois é nele e a partir dele que se desenvolve a prática pedagógica, sendo assim, ele pode constituir uma espaço de possibilidades, ou de limites; tanto o ato de ensinar como o de aprender exigem condições propícias ao bem-estar docente e discente. O espaço material é um pano de fundo onde as sensações se revelam e produzem marcas profundas que permanecem, mesmo quando as pessoas deixam de ser crianças.

Tais estruturas nestas escolas, produzem um cenário de medo e desconforto para aqueles que ali chegam, em contrapartida reproduz no imaginário daqueles que ali estão estereótipos de marginalidade, ainda que a justificativa possa estar no proteger estudantes, professores e bens materiais de males externos a escola, a

relação visual que se faz é a de penitenciárias. Cabe ressaltar que estas estruturas não são por si só definidoras das realidades escolares, as pessoas que ali trabalham mostraram grande interesse em desempenhar da melhor maneira possível seus papéis de educadores, além disso, mostraram na maioria das vezes, nos diálogos que pude ter e guardar no caderno de registros, compreender bem a realidade que estão inseridas e buscar por diferentes e variadas formas de intervir nesta.

Outro grupo de escolas presentes nesta pesquisa são aquelas localizadas em pontos centrais ou de fácil acesso pela cidade, que não atendem somente a estudantes do bairro em que se localiza. Não vou me deter a descrição de questões gerais destas escolas já que elas na verdade possuem mais particularidades do que similaridades dentro deste grupo. O objetivo aqui é expor a existência deste grupo de escolas que mais à frente será explorado nas suas singularidades.

E por fim, existe o grupo de escolas que está situado em bairros que não representam bolsões de pobreza e também não são de acesso “universal”. Estas atendem em geral ao próprio bairro e bairros vizinhos a este.

A apresentação destes grupos de escolas tem como objetivo expor que ainda que sejam todas públicas, elas têm singularidades, mas que possuem também características que as aproximam permitindo que sejam pensadas como um conjunto. A responsabilidade da escola continua sendo a mesma em todas elas, que segundo Fourquin (1993, p.13), é “de transmitir e perpetuar a experiência humana considerada cultura [...]”. A cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última”, o que muda são demandas específicas de cada escola.

O mesmo vale ao pensarmos o trato da educação para o torcer. Como dito, os vínculos clubísticos estavam presentes em todas as escolas ao observar-las em seus arredores, em seus estudantes e nas falas de gestores e professores. Entretanto, assim como as escolas possuem singularidades o torcer também as possui. Não se torce de uma só maneira. Enquanto manifestação do lazer, o torcer também é produto da relação do indivíduo com esta manifestação. Reis (1998) apresenta em sua tese de doutorado a classificação dos torcedores em quatro categorias: espectador, como sendo aquele que vai ao jogo de futebol apenas pela apreciação estética do jogo; torcedor, sendo aquele que se vincula afetivamente a algum clube, mas não é identificável por indumentários que o relacionem ao clube pelo qual torce; torcedor uniformizado, como aquele que torce por algum clube e tem este vínculo exposto por vestimentas; por fim o torcedor organizado, sendo o que faz

parte de alguma torcida organizada. Essas categorias didaticamente são interessantes e ajudam a pensar as diferenças entre o torcer. Entretanto, ao nos debruçarmos com um olhar um pouco mais atento sobre a literatura e mesmo nos ambientes ligados ao torcer, poderemos perceber que as distinções vão muito além destas categorias. Praça e Silva (2009) apresentam um estudo sobre torcidas organizadas de Minas Gerais expondo diferenças entre elas, o que contrária por exemplo o discurso midiático que ao se referir a torcidas organizadas faz alusão exclusivamente a determinadas torcidas, enraizando um imaginário sobre torcidas organizadas. Mesmo em outros trabalhos acadêmicos pelo país (TOLEDO, 1996; PIMENTA 1997) os olhares são detidos nas grandes torcidas, reforçando a idéia de que o torcedor organizado é aquele que faz parte destas. Em outro trabalho Oliveira, Nicácio e Silva (2009, p.2) apresentam uma pesquisa feita com freqüentadores das cadeiras especiais do estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão). No trabalho os autores apontam que a bibliografia “relacionada aos torcedores de futebol ora os generaliza, ignorando suas particularidades, ora só considera o torcer organizado, ignorando outras possibilidades”.

2.2 – Os gestores: expectativas e desconhecimento acerca da Educação Física e do lazer

Antes de iniciar as ações de campo desta pesquisa, dois pontos, agora presentes, não estavam previstos. O primeiro o uso de um caderno de registros com pontos específicos a serem observados, o segundo era o interesse mais acentuado nas conversas com os gestores das escolas, direções e / ou supervisões pedagógicas.

Sobre o uso de um caderno de registro, a princípio a idéia era fazer registros daquilo que se passasse em cada uma das escolas, não dando foco a priori a nenhum elemento. Quanto às conversas com os gestores eu não havia refletido que os diálogos fossem além da apresentação da pesquisa e da autorização para a fala com os professores.

A partir da primeira incursão a campo, pude perceber que orientar meus registros a itens específicos simplificaria as análises posteriores, além de poder enfocar em pontos que realmente relacionavam-se com o objeto de pesquisa, não excluindo possíveis outras anotações em ocasiões especiais. Isto ocorreu em parte

pelo contato com o primeiro diretor com que pude conversar e que me deixou a certeza que havia muito a ouvir destes gestores.

O ponto central destas conversas a ser destacado aqui, é a expectativa que os gestores possuem em relação à Educação Física. Se no que diz respeito a produção acadêmica na área, temos algumas concepções em conflito e os professores em formação têm se apropriado delas para sua ação docente, nas escolas pesquisadas ainda reina a idéia de um tipo de Educação Física, que faz o estudante se movimentar, especificamente praticando esportes. Daolio (1996, p.40) entende que

a Educação Física Escolar é uma prática cultural, com uma tradição respaldada em certos valores. Ela ocorre historicamente em um certo cenário, com um certo enredo e para um certo público, que demanda uma certa expectativa. É justamente isso que faz a Educação Física Escolar ser o que é. Sendo uma prática tradicional, ela possui certas características, muitas vezes inconscientes para seus atores. Em outras palavras, existe um certo estilo de dar aulas de Educação Física, estilo que é, na maioria das vezes, valorizado pelos alunos, comunidade e direção da escola (Daolio, 1993). Isso quer dizer que sua transformação não é tão simples, nem tão rápida quanto gostaríamos que fosse. Infelizmente, ela não depende diretamente apenas de uma melhoria na formação profissional, ou de um significativo aumento salarial para os professores, ou somente de uma maior dotação de materiais para as aulas. Embora esses fatores sejam necessários, eles parecem não ser suficientes para a revisão do papel da Educação Física Escolar, já que esbarram na própria tradição cultural da prática.

Essa tradição da Educação Física apontada por Daolio, pôde ser observada no estranhamento de alguns dos gestores no momento que lhes foi apresentado o trabalho a ser realizado. Em algumas escolas o contato foi restrito, delimitado à leitura da carta de apresentação da pesquisa, por vezes nem isso, e imediata autorização para o contato com o professor. Mas interessa aqui retratar as passagens que renderam diálogos relativos a Educação Física e a pesquisa propriamente dita.

A expectativa pelo movimento, pela prática de esportes e atividades físicas em geral, ainda é algo concreto nas escolas ao se pensar sobre esta disciplina. E a presença do professor rola bola⁸ ainda não está extinta e é um contratempo a transformação da Educação Física. Em conversa com um diretor, este expôs sua insatisfação com as aulas da disciplina em sua escola, pois via muitos estudantes

⁸ No cotidiano das faculdades de Educação Física e entre os profissionais e estudantes da área, o professor “rola bola” é aquele que tem uma prática docente não sistematizada, com pouco ou nenhum comprometimento com as aulas e que em geral é apenas um observador dos esportes, na maioria das vezes o futsal, que ocorrem no tempo das aulas de educação física.

sentados ou caminhando durante as aulas não participando de nenhuma atividade. Cabe ressaltar que este valorizava a presença de uma antiga estudante da escola e que agora cursava a faculdade de Educação Física, e realizava estágio na escola e dava aulas de “handball” com grande participação dos estudantes. O desconhecimento deste diretor em relação à disciplina de certa maneira o limitava a cobrar melhores aulas na escola, já que ele não tinha referencial para apontar o que seria uma aula melhor. No discurso a expectativa de aula melhor envolvia duas palavras chave, envolvimento e movimento. Ainda que o discurso vá ao encontro da tradição apresentada por Daolio, a receptividade e o interesse sobre a temática do torcer para as aulas de Educação Física, nesta e na maioria das outras escolas, foram indicadores que uma transformação é possível. Bracht (2003, p.147) afirma que ao “adjetivarmos de escolar a Educação Física, ao menos descritivamente não há grandes dúvidas de identificar a prática a qual estamos nos referindo”. Esta afirmação só pode ser considerada verídica se não considerar a necessidade de compreender qual o objeto de ensino desta disciplina. Pois, pude perceber que para grande parte dos gestores o objeto da Educação Física ainda é uma incógnita.

O esporte ainda reina como conteúdo prioritário, quiçá na maioria das escolas único. Vago (2009, p.37) aponta que um desafio da Educação Física é “superar essa monocultura do esporte”. Como o próprio autor traz mais à frente neste texto, não é a intenção excluir o esporte da escola, algo que seria incoerente, pois estar-se-ia negando um elemento de marcante presença social. O que se precisa pensar é, além da inserção dos demais conteúdos da cultura corporal e as formas de abordagem destes conteúdos nas aulas. A tradição lembrada acima e a percepção que tive ao dialogar com os gestores leva a uma expectativa da Educação Física para o “saber fazer corporal”, esquecendo ou pouco lembrando o “saber sobre este fazer corporal”.

Ao se pensar o envolvimento da Educação Física com o lazer, Bracht (2003) lembra que as dificuldades são maiores, dada a dificuldade em situar o lazer e identificar quais as práticas sociais estão ou não abrangidas por esta expressão. Não foram poucas às vezes que frases referenciando o lazer como ocupação do tempo livre foram ouvidas, nos diálogos com os gestores.

Pensar o lazer na escola é algo que remete a debates conceituais complexos. Primeiramente há que se ter claro o entendimento de lazer com que se opera, como dito no primeiro capítulo. Pensar o lazer na escola pode ser visto com desconfiança,

pois como aponta Marcellino (2001) o lazer possui “pouca ressonância social”. Não é incomum ouvir-se críticas ao se discutir questões relativas ao lazer. Estas críticas são geralmente pautadas no fato de outras necessidades humanas, tidas como mais importantes, ainda não serem atendidas para uma grande parcela da população. Porém, o autor lembra que o lazer é valorizado pela população, mesmo que isso não seja verbalizado por ela.

Marcellino (2007) expõe que o lazer possui um duplo aspecto educativo, sendo ele um objeto de educação, ou seja, educar-se para o lazer e o lazer como veículo de educação ou seja educar-se pelo lazer. Ao pensar estes dois aspectos educativos para a escola uma questão surge. Ambos são possíveis na escola? Por vezes, é feita uma relação entre a Educação Física como momento de lazer, como o lazer dos estudantes na escola. Sob esta perspectiva é possível pensar a educação pelo lazer na escola? Mais que isso, este aspecto educativo do lazer ficaria restrito a Educação Física? Vago (2009, p.26) afirma que a “escola não é tempo nem ‘equipamento’ de lazer”. E que embora possa estabelecer relações com o lazer e outros lugares a escola é um tempo e um lugar singulares. Ora, a afirmação de Vago leva a alguns questionamentos. Primeiro, a escola é um equipamento de lazer? Após a afirmação do autor que a escola não é tempo ou equipamento de lazer, a reflexão se torna pertinente se colocarmos em xeque a viabilidade de se trabalhar os dois aspectos educativos do lazer na escola enquanto instituição e no tempo escolar. Marcellino (1996) aponta dois tipos de equipamentos de lazer, os específicos e os não específicos. O autor entende a escola como um equipamento não específico de lazer, todavia, ao falar deste trata não da escola como instituição, mas da escola construção, especificamente de quadras, pátios, salas e auditórios. Portanto, a escola pode sim ser um equipamento de lazer. Concordando com Vago, isto não é possível no tempo escolar. Ela pode ser um equipamento de lazer fora deste tempo para a comunidade em geral.

Outro questionamento que levanto aqui é, seria possível pensar a educação pelo lazer na escola? Como dito, concordo com Vago, quando este diz que a escola não é um equipamento de lazer, seja ele específico ou não, nos tempos escolares. Entretanto, cabe outra pergunta, as vivências de lazer só ocorrem nos equipamentos de lazer? O que se pode verificar em diferentes concepções de lazer (REQUIXA, 1980 apud GOMES 2004; CAMARGO, 1986 apud GOMES 2004; MARCELLINO, 1996; GOMES, 2004) é que não se referem a equipamentos de lazer, fala-se em

tempo, espaço, mas este espaço não como sendo necessariamente o equipamento de lazer. Mas para uma vivência ser ou não lazer outros referenciais devem ser analisados. Dentre estes referenciais destaco como passível de discussão o caráter não obrigatório do lazer. Piccolo (2009) ressalta uma afirmativa que muito se houve no senso comum e por vezes no meio acadêmico, de que a escola para a criança é trabalho. Não concordo com essa afirmativa. A escola possui sim um caráter de obrigatoriedade, mas que vai além deste, como dito por Vago (2009) é um lugar de culturas, das culturas e entre culturas. É um espaço em que se produz e reproduz culturas e não está limitado ao trabalho.

Ainda assim, é presente o caráter obrigatório da instituição escolar, contudo, questiono aqui se a relação estabelecida entre os estudantes e as disciplinas remete estes a um caráter de obrigatoriedade, especificamente no que diz respeito a Educação Física. Em trabalhos de Leiros e Nunes (2009) e Liz (2000) é mostrado que os estudantes podem e costumam pedir dispensa das aulas de Educação Física, por diferentes motivos, o que pode construir a idéia de que o estudante opta por fazer ou não a aula, mesmo quando não dispensados por vezes não participam da aula proposta. Não foram raros os comentários de gestores sobre a parcela de jovens que fica alheia as aulas, sentados nas arquibancadas ou fazendo outras atividades.

Assim como no trabalho, definir o que é e o que não é lazer na escola parece algo extremamente complexo, as relações dos tempos nos dias de hoje se confundem, o tempo enquanto instituição social (ELIAS 1998) tem encontrado barreiras nos limites físicos, ou seja, ainda que sejam instituídos vários tempos, do trabalho, da escola, do lazer, da religião, estes atrelados ao dinamismo e as demandas do mundo atual acabam se sobrepondo e coexistindo em vários momentos o que leva a não definir bem o que é um e o que é o outro.

Assumo aqui que é possível pensar na educação pelo lazer na escola, ainda que o institucionalizado tempo escolar seja carregado do sentido de obrigatoriedade. No interior das escolas existe a subversão dos tempos, além da possibilidade de atividades escolares desprovidas de obrigatoriedade como campeonatos, festas, que são também possíveis espaços pedagógicos.

Considerando os efervescentes debates tanto no que diz respeito à Educação Física, quanto ao lazer, há que se pensar a necessidade de um processo de formação continuada para estes gestores no sentido de prepará-los para

compreender demandas e características da Educação Física que não se restrinjam ao modelo tradicional, que traduz esta disciplina escolar como aquela que faz apenas os alunos se movimentarem e praticarem esportes. Além disso, promover o acesso aos debates sobre o lazer, expandindo o entendimento mais amplamente que apenas como atividades de recreação e ocupação do tempo livre e que se restringe como conteúdo da Educação Física.

2.3 – Professores: o perfil daqueles que materializam as aulas

Ao pensar o questionário para esta pesquisa uma preocupação se equiparava a busca pelas informações relativas a situação do tema torcer nas escolas: as características dos professores. Como dito, entendo que a ação docente ocorre pautada na história de formação destes professores, e conhecer um pouco sobre ela poderia ajudar a compreender melhor a realidade estudada. Caldeira (2001) lembra que a formação dos professores não se dá exclusivamente na graduação, mas ao longo de sua vida como estudante. Mais que isso, Nunes (2001) afirma que esta formação ocorre também fora do âmbito escolar, nos diferentes aspectos de sua história, seja lá escolar, familiar, profissional, afetiva etc. O que os professores realizam nas aulas é produto da trajetória de vida destes. Procurei aqui apresentar um pouco sobre os professores que contribuíram nesta pesquisa e a partir destas informações debater brevemente como algumas questões podem influenciar a prática docente.

Inicialmente uma informação que merece destaque: o tempo em que estes professores estão formados. Para tanto observe a tabela 1.

Tabela 1 – Há quanto tempo está formado

	Frequência	Percentual
Formado há menos de um ano.	7	10,6
Formado entre dois e cinco anos.	18	27,3
Formado entre seis e dez anos.	11	16,7
Formado entre onze e quinze anos.	3	4,5
Formado há vinte anos ou mais.	27	40,9
Total	66	100,0

Uma parcela considerável dos professores que participaram desta pesquisa se formou há mais de 20 anos, essa informação levanta uma questão, a formação desses professores possibilita que eles considerem que o tema torcer ou outra temática relacionada à cultura deve ser abordado? Esse questionamento surge a partir da análise do período em que esses professores se formaram. Um período que apesar de ter sido um marco para a Educação Física, por ser visto como início de ações mais contundentes nos debates acadêmicos da área, retratando a questão sociocultural, é ainda marcado por formações que não abordavam como de uns anos para cá a questão sociocultural (Daolio, 2007). Trabalhos tidos como grandes referências na área como “Educação de Corpo inteiro” (1989), Educação Física: ensino&mudanças (1991), “Educação Física e Sociedade” (1991), o Coletivo de Autores (1992) “Da cultura do corpo” (1995) entre outros que hoje são considerados clássicos, só vieram a ser publicados anos após a formação desses professores.

Cabe destacar que, o fato da outra parcela dos professores ter se formado após a produção dessas obras e mesmo da disseminação deste pensamento da Educação Física, não significa que esses tiveram acesso a esse conhecimento ou mesmo que o tenham acessado, o tenham internalizado e atuem com vistas a ele. Da mesma maneira não significa que os professores formados nesse período não buscaram ou tiveram contato com estas reflexões.

Entretanto, como dito, a formação dos professores não se restringe a sua passagem pela graduação, ela é um processo que tem início antes desse período e que não se encerra ao fim dele. Em entrevista à Revista Nova Escola, o professor

Antonio Novoa (2001) destaca a importância do aprender contínuo e ressalta que este não ocorre somente nos processos formais de ensino, pelo contrário, segundo Novoa, a própria escola é um espaço para essa formação continuada. Contudo, este não descarta a importância de cursos de formação e afirma que estamos passando de “uma lógica que separava os diferentes tempos de formação, privilegiando claramente a inicial, para outra que percebe esse desenvolvimento como um processo”. Bom se a mudança dessa lógica está em processo, então esses professores podem atuar nessa perspectiva ainda.

Ao buscar algo palpável em termos de continuidade de estudos, uma das perguntas do questionário visa a saber se o professor possuía Pós-Graduação e qual o maior nível que este professor havia cursado. Observe a tabela 2.

Tabela 2 – Nível de Pós-Graduação em relação ao tempo de formado.

Há quanto tempo está formado (por faixas)	Possui Pós Graduação?			Total
	Não possui	Cursando especializa ção	Especialização	Não possui
Formado há menos de um ano.	6	0	1	7
Formado entre dois e cinco anos.	15	1	2	18
Formado entre seis e dez anos.	3	1	7	11
Formado entre onze e quinze anos.	1	0	2	3
Formado há vinte anos ou mais.	12	0	15	27
Total	37	2	27	66

Dentre aqueles formados há 20 anos ou mais, 55,6 % (15) possuem especialização. Ainda que estas especializações não sejam necessariamente no campo da educação, tal informação pode ser indicativo da busca por uma formação continuada. Cabe ressaltar que entre todos os professores da pesquisa nenhum estava cursando ou havia concluído um curso de mestrado. É importante expor que o fato não ter cursado uma Pós-Graduação não indica que não haja o processo de formação continuada. Novoa ressalta que a formação é um ciclo e ela pode ocorrer na própria escola, mas adverte para um cuidado ao questionar se um professor com 10 anos de experiência, realmente possui estes 10 anos de experiência ou se eles significam um ano repetido 10 vezes. Ao receber estagiários, os professores além

de contribuir com a formação destes, podem ter naqueles a quem recebem uma ponte entre seu cotidiano e a universidade, que é um universo afastado da realidade escolar. Deve-se destacar que por tratar de escolas públicas, concluir um curso de Pós-Graduação representa um reajuste salarial e este poderia ser um fator motivacional para os professores cursarem tais cursos.

Pimenta e Lima (2004, p.114) afirmam que

a pesquisa é componente essencial das práticas de estágio, apontando novas possibilidades de ensinar e aprender a profissão docente, inclusive para professores formadores, que são convocados a rever suas certezas, suas concepções de ensinar e do aprender e seus modos de compreender, de analisar, de interpretar os fenômenos percebidos nas atividades de estágio. Assim, o estágio torna-se possibilidade de formação contínua para os professores formadores.

Não só o estágio pode ser mais uma forma de propiciar a estes professores a formação continuada, as próprias pesquisas das universidades que se relacionam com a escola podem promover tal propósito, tanto para professores quanto para gestores. Durante a coleta dos dados não foram poucos os professores, diretores e coordenadores pedagógicos que se interessaram pelo tema e buscaram dialogar. Para que isto ocorra em ambos os casos há que se construir uma perspectiva de melhor relacionamento entre a universidade, que precisa reconhecer a escola como um local que também produz conhecimento e não apenas o transmite. Além disso, a escola não pode ser tida como um banco de dados e precisa receber o retorno sobre as pesquisas realizadas. Da mesma forma a escola ao receber estagiários e pesquisadores deve compreender a importância de seu papel na produção do conhecimento e os sujeitos da escola devem estar abertos também ao diálogo.

Foi possível identificar durante as ações de campo, escolas que já se empenham neste sentido, na busca de parcerias com universidades, empresas e outros órgãos privados e públicos procura a qualificação para a docência. Foi possível também perceber que grande parcela dos professores está aberta a pensar novas perspectivas para suas aulas. Uma professora, recém formada, ao terminar de preencher o questionário e ter conhecimento completo do tema e objetivos da pesquisa afirmou que gostaria de trabalhar o tema e achou muito interessante, mas que não havia pensado nesta possibilidade anteriormente. Cabe aqui refletir que muitos dos saberes e demandas que surgirão no trabalho docente não são

abordados durante a graduação e nem sempre o referencial para se trabalhar um determinado tema estará facilmente acessível aos professores.

O volume de conhecimento produzido é grande, todavia a velocidade e a forma que este é disponibilizado, na maioria das vezes, não envolve uma divulgação que possibilite acesso a comunidade não acadêmica. O próprio futebol pensado a partir do referencial das ciências humanas tem uma produção que vem crescendo gradativamente e que também se destacou do fim da década de 1980 para cá (NICÁCIO et al, 2009b). Assim esse tipo de produção demanda a elaboração de canais de circulação mais amplos a fim de propiciar que os professores que já estão atuando nas escolas possam acessar a produção da universidade, com objetivo de contribuir na continua formação destes, tanto os formados há bastante tempo, quanto os recém-formados.

Outro ponto relativo aos professores que chamou a atenção foi a forma de vínculo que estes possuíam com as escolas em que trabalhavam. Sendo todas públicas o vínculo de uma maneira geral é através de concursos, mas a rede estadual tem a particularidade das designações. Como não há professores concursados suficientes para cobrir todas as escolas da rede, o governo do Estado, há alguns anos utiliza o processo de designação, pelo qual professores assumem as vagas por prazos determinados, nunca superiores a um ano, através de alguns critérios pré-determinados para definir qual professor assumirá. A seguir a tabela que apresenta a forma de vínculo dos professores com as escolas em que trabalham.

Tabela 3 – Forma de vínculo com a escola.

	Frequência	Percentual
Concursado (Efetivo)	26	39,4
Concursado (Substituto)	1	1,5
Designado (Substituição)	5	7,6
Designado (Para cargo vago)	6	9,1
Efetivado lei 100	28	42,4
Total	66	100,0

Os professores que apresentam vínculo temporário somam um total de 18,2 % (12). Identifico aí um ponto que pode ser problemático ao reduzir e delimitar o tempo de atuação de um professor em uma escola, são geradas incógnitas que podem dificultar a intervenção destes. Primeiramente ao refletir sobre a relação professor-estudante, esta pode ser comprometida, pois os períodos que estes professores ficam nas escolas são curtos. O Coletivo de Autores (1992) traz que essa relação deve ser pautada no conhecimento sobre a realidade do estudante, nos casos de professores designados se restringe a possibilidade de reconhecer a realidade e preparar-se para esse contato com os estudantes. Por vezes, os vínculos estabelecidos nos processos de designação são inferiores a dois meses, o que pode dificultar, ou mesmo inviabilizar, por exemplo a quebra da monocultura dos esportes. Outra questão problemática da designação é a permissão dada para grupos que não possuem a formação em licenciatura em Educação Física atuarem como professores nas escolas. Segundo o site da Secretária de Estado do Governo de Minas Gerais existem oito possibilidades de formação para assumir aulas de Educação Física por designação no Estado, sendo elas⁹:

- 1 - Licenciatura Plena em Educação Física
- 2 - Registro "D" (Definitivo) ou "S" (Suficiência) para o Ensino Médio em Educação Física.
- 3 - Licenciatura Curta em Educação Física.
- 4 - Registro "D" (Definitivo) ou "S" (Suficiência) para o Ensino Fundamental em Educação Física.
- 5 - Matrícula e frequência em um dos 3 (três) últimos períodos de curso de Licenciatura Plena em Educação Física. (Autorização para lecionar AL 1ª prioridade ou REA4 - 1º grupo)
- 6 - Matrícula e frequência, em qualquer outro período de curso de Licenciatura Plena em Educação Física ou curso superior de graduação plena em Educação Física. (Autorizado para lecionar AL 2ª prioridade ou REA3 1º grupo)
- 7 - Estudos Adicionais em Educação Física ou Curso Técnico em Educação Física. (Autorização para lecionar AL 3ª prioridade ou REA4 - 4º grupo)

⁹ As informações foram transcritas como expostas no site e estão disponíveis em:
http://www.designaeducacao.mg.gov.br/ehd1_pdf/BELO_HORIZONTE_METROPOLITANA_A_B_C/PEB_-_Educacao_Fisica-REGULAR.pdf

8 - Ensino Médio acrescido de curso de capacitação ou de experiência docente em Educação Física. (Autorização para lecionar AL 4ª prioridade ou REA4 - 4º grupo)

As dificuldades em transformar a visão de Educação Física presente nas escolas já é algo complexo de ser realizado por um profissional que cursou toda uma licenciatura e preparou-se efetivamente para isto. Nos casos de professores que ainda estão em formação em períodos inicial, formação em cursos técnicos ou possuam Ensino Médio com experiência docente em Educação Física, corre-se um risco de que ocorra a reprodução de um modelo que está estabelecido e que vem sendo discutido, problematizado e rechaçado no meio acadêmico. Dentre os professores participantes da pesquisa apenas um estava cursando a graduação em Educação Física. Outros dois tinham como formação inicial somente o bacharelado em Educação Física, o que denota outro problema, teria esta formação capacitado estes professores para atuação no âmbito da escola? Um destes professores está formado há 20 anos e o outro há um ano. Há algum tempo já se trabalha com a idéia de duas formações distintas para o bacharelado e a licenciatura em Educação Física. Nesta perspectiva a formação do bacharel apresenta um vínculo menor com as disciplinas ligadas ao campo da Educação. Nada assegura entretanto, que o profissional que possui a licenciatura vá realizar um trabalho melhor que os demais citados acima, cabe aqui apenas indicar que tais posicionamentos demandam reflexão sobre os profissionais que estão assumindo as aulas de Educação Física nas escolas.

Outro ponto a ser observado é o dos professores que foram efetivados pela chamada “Lei 100”. Promulgada em dezembro de 2007 esta lei efetivou professores que atuavam como designados no período de sua promulgação, assegurando a eles a continuidade no trabalho até que houvesse um concurso público para ocupar estas vagas ou que os profissionais afastados das vagas por algum motivo retornassem ao trabalho. Se por um lado esta lei ameniza os problemas gerados com a designação, que não se encerrou mesmo depois da promulgação da lei, por outro ela efetivou no cargo vários estudantes que ainda não haviam terminado a graduação em Educação Física, o que foi o caso de seis professores desta pesquisa.

Uma relação que muito interessa a esta pesquisa é a dos professores participantes com os estudos do lazer. Sue (1982) aponta que o mundo caminhava

para uma sociedade do lazer, a partir de uma redução do tempo de trabalho e da idade de aposentadoria. Essas previsões do autor não se concretizaram e também não tem perspectivas de tal, todavia Parker (1978) trazia outro prognóstico acerca do lazer, no qual ele via mais valor, numa sociedade com lazer. Acredito que já vivamos esta sociedade com lazer, no sentido que o lazer, ainda que por vezes interpretado como mero consumo, ocupa lugar de destaque na sociedade atual e que este representa também um elemento de construção de identidades. O lazer hoje esta ligado as mais diversas esferas da sociedade, no consumo, na qualidade de vida, na arte, no esporte, no mercado de trabalho, no terceiro setor entre outros, todos estes se relacionam de uma forma ou outra com o lazer. Marcellino (2007, p.82) considera que “para o desenvolvimento de atividades de lazer, quer no plano da produção, quer no do consumo não conformista e crítico, é necessário aprendizado”. Concordo com o autor e neste sentido questiono se os professores das escolas estarão aptos a atuar numa perspectiva de pensar a educação para o lazer. Isayama (2004) lembra que lamentavelmente ainda se pensa que para atuar com a área, não é necessário ter formação específica e aprofundada. Como visto ao longo deste trabalho, os debates sobre o lazer são densos e variados o que remete a necessidade de uma qualificação para atuar com este tema, o que não é diferente ao se pensar a educação para o lazer nas aulas de Educação Física. No questionário busquei abrir o leque de possibilidades para a formação sobre o tema, o que será apresentado agora.

Tabela 4 – Contato com os estudos do lazer.

	Frequência	Percentual
Não	6	9,1
Sim	60	90,9
Total	66	100,0

Entre os professores que participaram desta pesquisa 9,1 % (6) não tiveram nenhum tipo de contato com os estudos do lazer até o momento da pesquisa. As alternativas do questionário contemplavam ter cursado ou estar cursando pós-graduação com foco específico no lazer, ter cursado ou estar cursando formação técnica no lazer, cursar disciplina específica do lazer, participação em grupos de estudo, participação em eventos, participação em projetos de extensão, além de

deixar um ponto livre caso o professor quisesse indicar outra forma de participação. É interessante destacar que dentre os seis que afirmaram não ter tido contato com os estudos do lazer, quatro são formados há mais de 20 anos. Isso remete novamente a se pensar o processo pelo qual a Educação Física passava, e ainda passa, naquele período, momento no qual, as abordagens que consideravam a cultura começam a ganhar maior notoriedade. Ademais, isso coincide com a ausência de estudos do lazer na graduação em Educação Física.

Ao analisar de uma maneira geral, o número de professores que não tiveram disciplinas específicas sobre o lazer na graduação é grande e pode-se perceber que há uma concentração entre os que não cursaram nenhuma disciplina na graduação entre aqueles formados há mais de 20 anos.

Tabela 5 – Tempo de formado em relação a ter cursado disciplina de lazer.

Cursei disciplina específica relacionada com o lazer.	Há quanto tempo está formado (por faixas)					Total
	Formado há menos de um ano.	Formado entre dois e cinco anos.	Formado entre seis e dez anos.	Formado entre onze e quinze anos.	Formado há vinte anos ou mais.	
Sim	5	12	10	2	14	43
Não	2	6	1	1	13	23
Total	7	18	11	3	27	66

Todavia é importante refletir sobre como são ministradas estas disciplinas nos cursos de graduação. Em sua tese de doutorado, Isayama (2002) buscou fazer uma análise dos conteúdos desenvolvidos nas disciplinas ligadas a recreação e lazer nos cursos de Educação Física de instituições públicas e privadas no Brasil. O autor aponta para uma falta de clareza no enfoque dado a estas disciplinas, sendo que

“o lazer, apesar do crescimento no número de estudos sobre o tema, é compreendido, ou como algo não sério, ou como forma de recuperar as energias do trabalho realizado por outras disciplinas, ou ainda, como um filão no mercado que abre amplas possibilidades de ganhos, por meio do desenvolvimento de vivências que enfatizam o consumo acrítico das pessoas envolvidas. Quanto a especificidade na discussão sobre recreação e lazer nos cursos de formação profissional em Educação Física, há uma grande preocupação com a atuação desse profissional no mercado de

trabalho. Por isso, em alguns programas, o desenvolvimento dos conteúdos se apóia na adequação às exigências desse mercado, sem um olhar crítico sobre o trabalho que é desenvolvido nos diferentes espaços. (p. 119 e 120)

O entendimento do lazer como uma esfera da cultura, provido de sentido, pode ainda não ser o mais comum nos cursos de formação em Educação Física. Analisando-se também um periódico específico da área, pode constatar que a presença de estudos referentes ao lazer tem presença tão recente quanto as concepções de Educação Física que contemplam a cultura como importante fundamento para atuação dos professores. Na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)¹⁰ o primeiro trabalho que se relaciona com a temática surge em 1985 com o título “Atividades físico-recreativas para deficientes físicos”, trabalho alocado em uma sessão chamada “Relato de Experiência”, o que vai ao encontro dos resultados da pesquisa do professor Isayama, pois este trabalho se relaciona exclusivamente a recreação e a preocupação nele presente está relacionada com os conteúdos físico esportivos do lazer¹¹. Até o ano de 1990, nenhum outro trabalho que tivesse como tema o lazer foi publicado na RBCE. Cabe recordar que este ainda era um período em que a Educação Física possuía forte presença das ciências da saúde em suas práticas e pesquisas o que poderia apontar razões para ausência desses trabalhos, já que os estudos do lazer tem maior aproximação com o campo das ciências humanas. Em 1990 na RBCE volume 11, número 2, aparece o primeiro trabalho completo publicado neste periódico, sob o título de “Esporte, tempo livre, recreação e lazer na América Latina”. Nesse exemplar o perfil da revista estava diferente ao apresentado durante a década de 1980, com trabalhos que se distanciavam da hegemonia do enfoque nas ciências biológicas, tendo ainda nesse mesmo exemplar a presença, na sessão “resumos de dissertações e teses” o trabalho do professor Nelson Carvalho Marcellino, hoje grande referência no país nos estudos do lazer, “Lazer e escola: fundamentos filosóficos para uma ‘pedagogia’ da animação no início do processo de escolarização”. Cabe observar que a presença dos trabalhos ligados ao lazer ocorre concomitantemente a aproximação da Educação Física das ciências humanas e coincidência, ou não, no ano de publicação do Coletivo de Autores, a RBCE traz em seu primeiro número temático, o

¹⁰ A RBCE é editada desde 1979 pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e é um dos principais periódicos do país específicos da Educação Física. Durante o curso de mestrado realizei um trabalho de levantamento e análise da publicação de trabalhos ligados ao lazer presentes neste periódico, entre os anos de 1979 e 2008, este trabalho ainda não foi publicado.

¹¹ Refiro-me aqui aos interesses culturais do lazer propostos por Dumazedier (1974).

lazer como objeto central. Esses dados podem ajudar a refletir que assim como, ou provavelmente até mais que, a inserção das reflexões sobre a cultura na Educação Física, os diálogos com o lazer ainda são recentes e demandam maior aprofundamento.

Na tentativa de buscar esse aprofundamento alguns caminhos se colocam como possíveis aos professores, entre eles a participação em grupos de estudo/pesquisa, cursos de Pós-Graduação, ou cursos técnicos, participação em eventos entre outras possibilidades. Segundo Melo e Alves Junior, a partir do final da década de 1960 e no decorrer da década de 1970 no espaço das universidades,

“organizam-se grupos de pesquisa, realizam-se eventos científicos, escrevem-se artigos e livros sobre o tema, no interior de diferentes áreas de conhecimento, entre as quais destacam-se as iniciativas das ciências sociais, da psicologia, da comunicação social e da educação física.” (2003, p.18)

As tabelas abaixo apresentam os dados referentes a participação em grupos de pesquisa, em cursos de Pós-Graduação, em eventos, em cursos técnicos e outras possibilidades apresentadas pelos professores participantes desta pesquisa.

Tabela 6 – Participação em grupos de estudo / pesquisa relacionados com o lazer.

	Frequência	Percentual
Sim	10	15,2
Não	56	84,8
Total	66	100,0

Os grupos de estudo/pesquisa vinculados aos estudos do lazer não são tão recentes, como apontado por Melo e Alves Junior (2003), além disso, encontram-se em expansão quantitativa pelo país. Quando realizei um levantamento com o termo “lazer” no diretório de grupos de pesquisa no Brasil na página do CNPq, são identificados 138 grupos de pesquisa. Esse número representa um aumento superior a 100% em relação aos números apresentados por Melo e Alves Junior em 2003, que identificou 56 grupos de pesquisa cadastrados na mesma base. Os autores ainda apontam que, neste período, 28 destes grupos estavam abrigados em faculdades ou departamentos de Educação Física. Atualmente entre os cadastrados

no CNPq 68 definem como área predominante a Educação Física, representando 49,27 % dos grupos cadastrados.

Esses números remetem a uma proximidade entre a Educação Física e o lazer, e é possível pensar a participação nestes grupos como uma alternativa interessante para a formação de professores desta e das demais disciplinas escolares nos estudos do lazer.

A participação em eventos relacionados ao tema merece atenção especial. Hoje no cenário nacional é possível destacar o Seminário “O Lazer em Debate”, como provavelmente o principal evento que se propõe a discutir a temática enquanto um fenômeno cultural. Cabe ainda destacar este evento como aquele que seria o de mais fácil acesso aos professores de Belo Horizonte. Tendo sido realizado sete vezes na cidade em dez edições. Abaixo a tabela que apresenta os números para participação dos professores em eventos relativos ao tema.

Tabela 7 – Participação em eventos ligados ao lazer.

	Frequência	Percentual
Sim	43	65,2
Não	23	34,8
Total	66	100,0

Além do Seminário “O lazer em debate”, outros eventos podem ser citados, como o Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL), o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte no grupo de trabalho temático de recreação e lazer, entre outros. A participação em eventos foi a forma de contato com os estudos do lazer mais presente entre os professores. Esse dado deve ser analisado sob dois vieses, o primeiro como possibilidade de formação no sentido de qualificar as reflexões para elaboração de um trabalho nas escolas que não veja o lazer somente como ocupação do tempo livre, mas que o entenda como dimensão da cultura que estabelece relações com as necessidades, os deveres, os desejos e as obrigações dos seres humanos. No segundo viés, surge o entendimento que Isayama (2002) afirma ainda estar muito presente nos contextos dos cursos de formação em Educação Física, de pensar o lazer numa perspectiva mercadológica visando à

ênfase no consumo acrítico das pessoas envolvidas, moldando os profissionais às demandas do mercado.

É preciso lembrar que há ainda eventos ligados que têm uma abordagem completamente voltada ao consumo, ofertando cursos direcionados ao lazer unicamente enquanto produto. As respostas dadas pelos professores não definiam qual o evento que estes haviam participado e de que forma, o que deixa abertas as duas possibilidades.

Duas outras possibilidades de formação são cursos técnicos e de Pós-Graduação voltados ao tema. Há que se verificar a presença da ambigüidade aqui. Da mesma forma que as disciplinas durante a graduação, os eventos e os grupos, estes cursos estão sujeitos as vontades daqueles que os oferecem.

Tabela 8 – Participação em curso técnico voltado ao lazer.

	Frequência	Percentual
Sim	7	10,6
Não	59	89,4
Total	66	100,0

Tabela 9 – Participação em curso de Pós-Graduação voltado ao lazer.

	Frequência	Percentual
Sim	4	6,1
Não	62	93,9
Total	66	100,0

Durante os diálogos estabelecidos com os professores nas ações de campo, foi possível perceber que aqueles que buscaram por cursos técnicos o fizeram, na sua maioria, no intuito de ampliar o leque de opções de trabalho no mercado. Não se pode desconsiderar também que a postura dos professores para com estes cursos pode ser crítica a partir de outros elementos que estes possuam e tenham lançado mão durante esta formação. Da mesma maneira, os cursos de Pós-Graduação não asseguram uma formação crítica. Dois dos professores que assinalaram ter cursado esta modalidade, explicitaram a ter feito na Universidade Federal de Minas Gerais

(UFMG). O curso de especialização em lazer ofertado pela UFMG desde 1993 é nacionalmente reconhecido por sua qualidade e conta com professores tidos como grandes referências no cenário nacional. No caso daqueles professores o diálogo com os mesmos deixou indícios de uma compreensão dos debates sobre o tema. É importante ressaltar que nenhuma das duas formações determina que aquele que a busca, direcione sua atuação dentro de uma lógica voltada para o mercado ou crítica em relação ao lazer. Como dito, a formação do professor não se restringe aos cursos que este faz, sejam eles formação escolar, graduação, técnica. O professor, e por consequência suas intervenções, são um somatório de tudo aquilo que constitui sua vida.

Pautado na perspectiva da formação enquanto um todo na vida dos professores, compreender como estes se relacionam com o futebol, especificamente com a vivência do torcer foi algo que pareceu de absoluta importância neste processo. Para tanto, inseri no questionário quatro perguntas voltadas a este objetivo. Ademais, busquei sempre que possível estender os diálogos que surgissem durante o preenchimento dos questionários, assim como nas demais perguntas, visando ampliar o significado das respostas objetivas presentes nos questionários. Primeiramente busquei investigar se os professores torciam por algum clube de futebol, abrindo a possibilidade que eles assinalassem a seleção brasileira como possibilidade. As respostas apontam que a grande maioria 86,4% (57) dos professores afirmou torcer por algum clube, não sendo poucos os que se exaltavam e faziam algum comentário acerca do próprio clube ao marcar a alternativa. Comentários estes que iam sempre na direção de promover o próprio clube, a partir dos elementos que eles entendiam como valorativos do seu time. Um ponto que chama a atenção é a das respostas das mulheres nesta pergunta.

Tabela 10 – Relação entre possuir um clube e sexo dos pesquisados.

	Você torce por algum clube de futebol?				Total
		Sim	Não	Somente pela seleção	Sim
Sexo	Feminino	23	2	4	29
	Masculino	34	2	1	37
Total		57	4	5	66

Nos trabalhos acadêmicos (REIS e ESCHER, 2006; MOURA, 2005; GOELLNER, 2000) não é incomum o futebol ser apontado como uma área de predomínio e dominação masculina. Ainda que esses trabalhos se refiram a prática do futebol, o mesmo pode ser dito sobre o torcer, a presença das mulheres nos estádios ainda não é bem vista, elas são tidas como aquelas que não entendem o jogo, o que leva a recordar aqui o personagem de Nelson Rodrigues a “Grã-fina das narinas de cadáver” que gerava situações cômicas nas crônicas por a personagem desconhecer totalmente o mundo futebolístico. O que se pode perceber pelos dados é que as professoras torcem por um clube em distinção a esta reserva masculina apontada pelos trabalhos, todavia ao analisar-se a tabela seguinte um dado importante aparece.

Tabela 11 – Ida a estádios de futebol por sexo.

		Costuma assistir jogos em estádios de futebol?					Total
		Assisto freqüentemente (Ao menos 2 vezes por mês)	Assisto às vezes (Ao menos 1 vez a cada dois meses)	Assisto raramente (Ao menos 1 vez no último ano)	Não assisto mais	Nunca fui a um estádio de futebol assistir a um jogo	
Sexo	Feminino	3	2	13	7	4	29
	Masculino	9	7	11	9	1	37
Total		12	9	24	16	5	66

A presença nos estádios de futebol é visivelmente menor para as professoras em relação aos professores, entretanto é possível uma leitura diferente destes dados, que não o de predomínio masculino. Campos e Silva (2009) afirmam que as mulheres “vêm participando da construção desse espetáculo tornando-o uma das principais atividades de lazer” da população feminina, ainda que esta incorporação apresente obstáculos e preconceitos. Se por um lado os estádios ainda não são espaços ocupados freqüentemente pelas mulheres, pode-se perceber que o torcer por um clube não remete a mesma resposta. Lembro aqui o explicitado por Damo (1998,p.13) quando afirma que “a contrapartida da fidelidade clubística é a liberdade com que cada torcedor constrói e vivencia seu pertencimento”. As professoras podem ainda não ser freqüentadoras assíduas dos estádios, contudo constroem e vivenciam seu pertencimento clubístico de distintas maneiras.

Quando questionadas se assistiam aos jogos de futebol, 76% (22) afirmaram acompanhá-los. E das mais variadas formas elas o faziam, seja por televisão aberta

ou fechada, por rádio, em bares. Todas as formas de vivenciar sua relação com seus clubes. Da mesma forma os estudantes vivenciam seu pertencimento de diferentes formas, seja ao participar de torcidas organizadas, ir ao estádio, ouvir pelo rádio, assistir pela televisão, acompanhar pela internet. São todas possibilidades de se torcer e vão variar de estudante para estudante. Ao tratar essa temática os professores devem estar atentos ao contexto que estão inseridos para poder definir as melhores estratégias de abordar esse tema.

Nesse capítulo procurei expor e dialogar a realidade encontrada nas ações de campo, buscando explicitar que o trabalho docente é influenciado por variados e inúmeros fatores externos. Pensar qualquer temática na escola demanda atenção a estes e outros fatores. Entendo que conhecer o que foi apresentado neste capítulo subsidiará as reflexões que trago no próximo capítulo. Nele exponho e discuto como o tema torcer está presente na escola, bem como se os professores o vêem como um tema relevante a ser tratado, além de apresentar como essa temática vem sendo trabalhada.

3 – Sobre o torcer nas escolas

Ser torcedor, freqüentador assíduo do Mineirão, juntamente com outras características de minha formação, levam-me a entender que o torcer é um conteúdo pertinente à escola. Como exposto, acredito que para esse tema também ser entendido como significativo e merecer ser tratado nas aulas dos professores das várias escolas, a sua formação, bem como o contexto em que exercem a docência, deve levá-los a pensar assim. No capítulo anterior foi possível perceber a diversidade existente dentre as escolas pesquisadas, tanto no que diz respeito aos espaços, quanto aos professores que ali trabalham.

O perfil de liberdade e autonomia com que os professores podem construir suas práticas docentes, aliado a dois momentos nas ações de campo¹², levaram-me a realizar uma breve busca nos textos de documentos que têm como objetivo servir de orientação para as aulas de Educação Física. Tendo sido observados: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Médio, os Conteúdos Básicos Comuns (CBC) para o Ensino Médio da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais e as Proposições Curriculares da Rede Municipal de Belo Horizonte (PC)¹³.

A leitura destes documentos não representou uma análise exaustiva, teve como objetivo averiguar a presença direta ou indireta da proposição do torcer como um possível tema a ser tratado nas aulas de Educação Física. Pude perceber que, a exceção dos CBC, os documentos não fazem referência direta a nenhuma possibilidade de tratar o torcer, ainda que o discurso que os outros dois documentos trazem abra a possibilidade de compreender este como um tema a ser trabalhado, mesmo que de uma maneira não direta como no caso dos CBC. Nos CBC, a referência ao torcer aparece no tópico “Esporte, Lazer e Sociedade” e aponta como “habilidade” a ser tratada o “conhecer o Estatuto do Torcedor”, sendo assinalado como tema obrigatório a ser tratado¹⁴. É interessante observar a relação feita entre esporte e lazer neste caso, pois claramente concebe o torcer como uma possibilidade de lazer ligada ao esporte. Quanto à “habilidade” específica elencada

¹² O primeiro momento foi um diálogo com uma diretora e uma supervisora pedagógica que me afirmaram nunca ter recebido qualquer recomendação da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais sobre o tema torcer na escola. O segundo momento foi durante uma das entrevistas, que o professor entrevistado lembrou já ter visto algo relativo ao torcer nos Conteúdos Básicos Comuns (CBC) da Secretaria de Estado da Educação.

¹³ As Proposições Curriculares são referentes ao 3º Ciclo do ensino fundamental, uma vez que não há disponível tal documento referente ao ensino médio.

¹⁴ Nos CBC os temas são mostrados em dois grupos: os obrigatórios e os complementares, sendo conhecer o Estatuto do Torcedor apontado como um tema obrigatório.

pelo documento, esta vai diretamente ao encontro de uma necessidade mostrada por vários trabalhos (NICÁCIO et al,2009(a); CURI et al 2008; SILVA et al 2007). Nessas pesquisas é mostrado que o torcedor desconhece o conteúdo do Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT), documento que objetiva resguardá-lo nesta possível vivência de lazer.

Tendo como único tema presente nos documentos que norteiam a Educação Física na escola o EDT, percebi que outras possibilidades de abordagem ficam condicionadas à sensibilidade do professor para ver a necessidade de se tratar o torcer nas escolas. Trago agora as percepções sobre a presença desse tema nas escolas pesquisadas.

3.1 – Sobre o entendimento da relevância do tema na perspectiva dos professores

Como enfatizei até o momento, um tema tenderá a ser trabalhado por um professor caso sua formação permita que este o entenda como pertinente, também podendo ser motivado por fatos que ocorram no dia-a-dia. No questionário antes das duas perguntas que abordam diretamente sobre o torcer, inseri uma pergunta relativa ao trabalhar com o conteúdo futebol nas aulas de Educação Física. Nessa pergunta o professor era convidado a informar quais temas deveriam, no seu entendimento, ser tratados nas aulas de Educação Física ao se trabalhar o futebol. Tal pergunta surgiu de duas motivações, sendo a primeira ao verificar que algumas produções que se debruçam no estudo do futebol nas escolas (FREIRE, 2006; OLIVEIRA, 2006; MOLINA NETO, 1995), estas tomam sempre a prática como objeto de análise, crítica e / ou proposição. E a segunda, recordando do período em que cursei a disciplina “Futebol” na graduação, lembro-me de não ter sido trabalhada nenhuma referência voltada a pensar outra possibilidade de trabalho com o futebol que não fosse a prática.

Poder identificar quais os temas relacionados ao futebol são entendidos como os que devem ser tratados nas aulas de Educação Física, a partir da percepção dos professores, traz elementos para dialogar diretamente com a presença ou não do tema torcer nas aulas. Antes da pergunta que buscava levantar esses temas, os professores foram questionados se trabalhavam o futebol nas escolas. Cabe ressaltar que no corpo da pergunta do questionário estava destacado um enunciado

informando aos professores que entendessem a pergunta como relativa ao futebol de campo. Na tabela abaixo podemos observar que esta monocultura do futebol, outrora dita, não corresponde às respostas dos professores.

Tabela 12 – Você trabalha o conteúdo futebol em suas aulas?

	Frequência	Percentual
Sim	22	33,3
Não	44	66,7
Total	66	100,0

Os dados apontam em uma direção contrária a da idéia de hegemonia do futebol nas aulas de Educação Física escolar. Entretanto, um adendo importante aparece nos registros das ações de campo, ao continuar preenchendo o questionário, deparando-se com a questão subsequente, os professores, por vezes, acabavam perguntando se era válido pensar o trato do futebol também no caso de trabalharem com algum daqueles temas ali propostos ou outros relacionados ao futebol. Alguns deles perguntaram se podiam modificar a resposta anterior, sendo permitido a eles o fazerem, entretanto alguns deles não questionaram nem mudaram. Cabe aqui perceber a presença de um verbo no enunciado da questão posterior, “deve”. A pergunta tinha por objetivo saber quais conteúdos os professores acreditavam que devem ser tratados, relacionados ao futebol. Ou seja, o fato de os professores entenderem que determinado tema deve ser tratado não quer dizer que ele o trate. Seja pela estrutura física da escola para se trabalhar, formação para abordar um daqueles temas, ausência de material didático.

Ao ler o parágrafo anterior e analisando a tabela 12 pode-se ter a idéia de que essa hegemonia do futebol não é algo concreto nas escolas. Entretanto uma reflexão aliada a mais um dado da pesquisa de campo corroboram com a idéia da hegemonia do futebol. Primeiramente, compete refletir quantas escolas na cidade, e nesse caso não só as pesquisadas, contam com um campo de futebol para as aulas de Educação Física. Dentre as pesquisadas apenas duas das escolas possuem campo próprio no interior de suas dependências. Outro ponto a ser observado é a redução dos campos disponíveis pela cidade, não pude encontrar trabalhos acadêmicos ou mesmo estatísticas oficiais que mostrem o número de campos de

futebol pela cidade. Levanto esta questão, pois, assim como na escola, no seu dia-a-dia os estudantes não têm muitas opções para a prática do futebol no campo, mas a proliferação de quadras de futebol “society”, quadras de “futsal”, bem como alguns espaços da rua surgem como alternativas para se jogar o futebol, ainda que não seja no campo é com referência neste que jogam.

Retomando a perspectiva da escola, ao jogar o “futsal”, que em geral é a possibilidade mais encontrada nas escolas, é com referência também no futebol de campo que os estudantes jogam. Em sua tese de doutorado, ao retratar jogos de “futsal” observados em uma escola, Faria (2008) trata sempre estes jogos por futebol e não como “futsal”. Em consonância a isso, foi possível perceber em grande número das escolas em que estive, o “futsal” ocorrendo no momento das aulas de Educação Física. Ao avaliar o exposto, interpreto que a monocultura do futebol está sim presente na escola, ainda que ela se materialize pela prática do “futsal”.

Concordo com Vago (2009, p.37) quando este fala sobre a predominância do esporte na escola, o autor afirma que esta tem “um efeito perverso na formação cultural dos estudantes: um analfabetismo em outras práticas corporais da cultura”. Mais perversa ainda é a monocultura do futebol que se restringe a prática. As diferentes formas de se jogar os futebolis estão presentes na vida destes estudantes em muitos espaços do seu dia-a-dia nos quais eles o praticam, produzem e o reproduzem o que acaba por gerar uma auto-suficiência dos estudantes nesse esporte na escola, dificultando a intervenção dos professores ou como dito por Faria (2007, p.3) alimentando a falta de “trato pedagógico” do futebol na escola. Mais que se preocupar em produzir formas de tratar pedagogicamente a prática do futebol, é preciso estar atento que este esporte pode ser uma opção de lazer para os estudantes em outras possibilidades que não só a prática. Ir ao estádio, se reunir com amigos em uma torcida, jogar vídeo games, assistir aos jogos pela televisão, assistir aos filmes relacionados ao esporte, a leitura de livros relacionados ao futebol (em especial aos clubes pelos quais torcem) entre outras possibilidades são formas de vivenciar o futebol que facilmente podem ser percebidas ao se dialogar com os estudantes e deveriam ser contempladas na escola. Uvinha (2009, p.58) expõe que “crianças e adultos experienciam o lazer pelo ato de jogar” e “a cultura é altamente definidora do que e como jogar”. Não só pelo jogar se vivencia o lazer. Entretanto, concordo com o autor quando afirma que a cultura é altamente definidora do que e como jogar, e da mesma forma é para o torcer, a forma que se torce no Brasil não é

a mesma que se torce na Inglaterra, que não é igual a da Espanha, em nenhum país as formas de torcer são idênticas.

Nesse sentido um pensamento deve ser apresentado, a postura de se eximir de trabalhar o tema pode comungar com a reprodução de estereótipos do que se é torcer, e das diferentes formas de se torcer. Além de um discurso de mudança do que pode ser chamada forma brasileira de se torcer. Ao classificar como melhor e mais civilizadas as formas que os europeus se portam no estádio, a idéia do esporte como um espetáculo semelhante ao teatro em que todos devem ter seus lugares marcados e permanecer sentados. O que procuro expor aqui é que da mesma forma que não intervir na prática do futebol pode contribuir para manutenção de discriminações de gênero, de habilidade entre outras, não trazer os demais temas relacionando ao futebol com as outras esferas da vida, que não a prática desse esporte, é consentir com a reprodução de um discurso que desconsidera as questões culturais relacionadas ao fenômeno sociocultural futebol. O futebol tem para o brasileiro um significado maior que a mera assistência a um espetáculo. Como dito por Daolio (2000), o futebol, e por consequência o torcer relacionado a ele, é uma forma do brasileiro se expressar. Ele é uma representação da sociedade brasileira e através dele é possível se refletir acerca dela.

Ao observar as respostas do questionário relacionadas aos temas que eles acreditavam que devem ser tratados nas aulas de Educação Física, dados interessantes surgem. Abaixo, em três tabelas são apresentadas os dados, sendo as duas primeiras com temas previamente indicados e a última com temas informados pelos próprios professores no item aberto para que pudessem inserir temas livremente.

Tabela 13 – Temas que devem ser tratados nas aulas de Educação Física ao se trabalhar o futebol (1).

	Regras	Treinamento Físico	Tática	Torcidas
Sim	60 (90,9%)	31 (47%)	37 (56,1%)	41 (62,1%)
Não	6 (9,1%)	35 (53%)	29 (43,9%)	25 (37,9%)
Total	66 (100%)	66 (100%)	66 (100%)	66 (100%)
	Arte	Administração	Técnica	História
Sim	16 (24,2%)	13 (19,7%)	41 (62,1%)	52 (78,8%)
Não	50 (75,8%)	53 (80,3%)	25 (37,9%)	14 (21,2%)
Total	66 (100%)	66 (100%)	66 (100%)	66 (100%)

Tabela 14 - Temas que devem ser tratados nas aulas de Educação Física ao se trabalhar o futebol (3).

	Frequência	Percentual
Aspectos coordenativos.	1	1,5
Aspectos psicológicos.	1	1,5
Cultura.	1	1,5
Disciplina no esporte.	1	1,5
Ética no esporte.	1	1,5
Ética.	1	1,5
Futebol com regras diferentes.	1	1,5
Futebol e marketing.	1	1,5
Futsal.	1	1,5
Higiene e saúde/Primeiros socorros.	1	1,5
Lazer.	1	1,5
Ludicidade.	1	1,5
Mídia.	2	3,0
Nenhuma.	44	66,7
Nutrição, fisiologia e anatomia.	1	1,5
Psicologia.	1	1,5
Relações sociais.	1	1,5
Sociabilidade.	1	1,5
Sociedade e política.	1	1,5
Trabalho em equipe.	2	3,0
Valores morais.	1	1,5
Total	66	100,0

Os dados apresentados nas tabelas demonstram que vários temas não relacionados à prática propriamente dita são apontados pelos professores como devendo ser tratados. Mas confrontando os dados destas tabelas com a tabela anterior surge a dúvida se esses temas são trabalhados ou os professores apenas acreditam que eles devem ser abordados, mas não o fazem. Só é possível

responder no que diz respeito ao trato do torcer, objetivo deste trabalho, todavia algumas reflexões podem e devem ser feitas sobre o panorama geral.

Retomo aqui a idéia brevemente apresentada no capítulo um, da existência, a partir da década de 1980, de uma hipertrofia das discussões pedagógicas e uma atrofia das discussões da didática da Educação Física escolar (CAPARROZ e BRACHT, 2007). É provável que nos cursos de formação se tenha professores mais capacitados em responder qual é o papel da Educação Física na escola do que em propriamente exercer este papel, em decorrência deste quadro apontado pelos autores. Sabe-se o que deve ser feito, todavia não se conhece as formas de fazê-lo.

Os professores têm dificuldades em transformar em aula, as reflexões sobre o futebol, em especial aquelas que não são relacionadas a prática deste. Em trabalho de Silva et al (2009) é mostrado que existem produções acerca da temática futebol sob os mais variados enfoques. Contudo toda essa produção levantada pelos autores trata de reflexões que ajudam mais no campo das reflexões pedagógicas e menos para as questões didáticas. Não estou aqui a defender o uso de manuais, apontar “receitas” de como dar uma aula, entretanto, entendo que se faz necessário indicar caminhos para que os professores possam ser sujeitos de sua própria prática ao construir e reconstruir ela a partir de ações, reflexões e teorias.

Como expresso no capítulo anterior, as realidades das escolas possuem características individuais que impossibilitarão que uma mesma aula seja replicada para outra realidade ou mesmo em turmas diferentes. Cada turma possui suas peculiaridades, como dito por Caparroz e Bracht (2007, p.29) “é necessário recordar que a condição humana de nossos alunos impõe um caráter irrestritamente singular às nossas aulas”. Porém, indicações de possibilidades para o trato dessas e outras temáticas podem ajudar àqueles professores que não tiveram possibilidade de contato com um ou mais conteúdos ou temas, para que possam construir suas aulas como autores destas.

Procurei deixar claro ao longo deste trabalho que a docência resulta da história de formação do professor, nessa história está fundamentada sua prática, os entendimentos da relevância de um conteúdo, as facilidades e dificuldades em seu exercício docente. As informações do capítulo anterior buscaram traçar algumas das características dos professores, agora trago o entendimento que esses professores têm sobre a relevância do tema torcer na escola. Uma pergunta no questionário era direta na busca de conhecer um pouco desse entendimento e foi complementada,

por vezes, pelas conversas que aconteciam com os professores. Na tabela abaixo as respostas a esta pergunta.

Tabela 15 – Sobre tratar o tema "torcer" nas aulas de educação física na escola, marque a alternativa que mais se aproxima do seu pensamento acerca desta temática.

	Frequência	Percentual
É um tema de grande importância que deve ser tratado nas aulas de educação física.	3	4,5
É um tema importante que deve ser tratado nas diversas disciplinas escolares não só na educação física.	52	78,8
É um tema importante, mas que não deve ser prioridade nas aulas de educação física na escola.	9	13,6
É um tema pouco significativo para ser tratado na escola.	2	3,0
É um tema que não compete à educação física escolar tratar	0	0,0
Total	66	100,0

A partir dos dados acima se pode inferir que o torcer é um tema entendido como importante e que deve ser abordado na visão dos professores de Educação Física. Vago (2009, p.35) questiona sobre a presença das práticas corporais na escola e afirma sua legitimidade na mesma, pois as práticas “revelam os humanos tanto quanto qualquer outra obra sua”. Além disso, o autor lembra que a presença dessas práticas na escola não deve se restringir a Educação Física. O autor vai ao encontro da maioria das respostas dos professores que entendem o torcer como um tema importante e que não deve ser tratado apenas na Educação Física.

Uma reflexão de Souza Júnior e Santiago (2007) leva a pensar se as outras disciplinas escolares abraçariam esse tema individualmente. Os autores afirmam que outras disciplinas sofrem tanto quanto a Educação Física com a necessidade de se legitimar nas escolas, e um dos elementos dessa legitimação seria a seleção de seus conteúdos. Portanto a que ponto poderia um professor de outra disciplina

trabalhar com um tema que aparentemente estaria ligado diretamente a Educação Física, sem ser colocado sob suspeita sobre a significância daquele conteúdo a sua disciplina? Para responder a esta pergunta seria preciso uma reflexão sobre os estudos acerca das próprias disciplinas escolares, o que demandaria muito tempo de estudo. Limitar-me-ei a descrever dois casos relatados nas ações de campo, um durante a coleta de um questionário e outro durante a realização de uma das entrevistas.

No primeiro caso a professora ao assinalar a questão que perguntava sobre a presença do torcer nas aulas ministradas por ela¹⁵ indagou se este torcer era relativo somente ao futebol¹⁶. Quando respondi a pergunta informando que poderia ser sobre outros esportes, a professora contou sobre como havia trabalhado o tema. Foi um trabalho que envolveu as várias disciplinas e ligava-se aos “problemas” com as manifestações da torcida em diferentes modalidades nos Jogos Panamericanos no Rio de Janeiro, no ano de 2007. Na época a postura dos torcedores gerou críticas por parte dos atletas estrangeiros e da mídia, por vaias, ofensas e outras posturas típicas do torcedor de futebol brasileiro¹⁷ e que não condizem com a postura esperada dos torcedores de outras modalidades esportivas como ginástica artística, saltos ornamentais entre outros.

As expressões dos torcedores remetem as formas de torcer no futebol, esporte no qual segundo DaMatta (1994) é possível ao brasileiro se expressar e vivenciar os problemas da sociedade. Segundo Daolio (2005) o futebol tem se constituído ao mesmo tempo em uma forma de expressão da sociedade brasileira e um modelo para ela. E o vínculo que o brasileiro possui com o futebol é tão grande que, em geral, a forma de torcer nos outros esportes remete ao torcer no futebol. Como na fala de uma torcedora entrevista na notícia do site “Ultimo Segundo”. Ao ser questionada sobre as vaias afirmou que era preciso “gorar” de algum jeito a atuação dos atletas americanos. Daolio (2005, p.6) explica que “se o brasileiro traz

¹⁵ Este foi um dos casos em que o tema torcer foi tratado nas aulas pela professora, mas contudo ela não participou da entrevista. Especificamente neste caso a professora não deixou contato para participar da entrevista não expressando o interesse em participar da mesma.

¹⁶ Toda a pesquisa está focada no torcer no futebol, entretanto, por acreditar que há uma relação entre o torcer em outras modalidades e o torcer no futebol respondi a professora que também era válida a forma que ela havia tratado relacionando com o os Jogos Panamericanos no Rio de Janeiro em 2007.

¹⁷ Reportagens da época retratam os ocorridos como no link abaixo:

http://ultimosegundo.ig.com.br/esportes/pan2007/2007/07/27/brasileiros_vaiam_adversarios_no_pan_americano_e_sao_criticados_por_atletas_941723.html acesso em setembro de 2009.

em sua dinâmica cultural características mágicas, religiosas, supersticiosas, crendices etc. e se o futebol expressa e espelha a cultura, então o futebol também apresenta essas características”. Entendo que estas e outras características do torcer no futebol acabam sendo transpostas aos outros esportes quando o brasileiro se propõe assistir a estes.

Há a necessidade de se compreender esta relação e trabalhar numa perspectiva de se educar para o torcer/lazer, tendo claro que existem modos diferentes de se portar nas diferentes modalidades esportivas enquanto assistente/torcedor, ou valendo do conceito de Elias (1992) existem “ethos”¹⁸ diferentes para cada espaço destes e a compreensão destes é um dos caminhos de se educar para o torcer/lazer.

Retomando a idéia da presença do tema torcer em outras disciplinas, no caso citado não foi possível angariar mais informações sobre a forma de trabalho que tal escola trabalhou com o tema, nem quantas ou quais disciplinas estiveram envolvidas. Esse episódio me fez refletir um pouco mais sobre uma possibilidade do trato do torcer nas escolas para as diferentes disciplinas, a pedagogia de projetos. Amaral (2000) lembra que o trabalho com projetos escolares está normalmente associado à idéia de interdisciplinaridade. Segundo a autora, dimensionar o currículo escolar por projetos de trabalho significa uma ruptura com o modelo de fragmentação do conhecimento em disciplinas isoladas. Operar com a pedagogia de projetos seria um caminho a seguir para fugir dos conflitos a que estão sujeitos os professores ao tentar abarcar um tema em sua disciplina que pode ser tomado como não relevante e não relacionado com aquela disciplina. A pedagogia de projetos pensa a aprendizagem “como um processo complexo e global” (Amaral, 2000, s.p).

Se por um lado isso tiraria o peso de um conteúdo “indesejado” na disciplina de um professor, por outro ela oferece a riqueza das contribuições das diversas áreas para a temática.

Em outra perspectiva existe a possibilidade do trato deste tema no modelo tradicional das disciplinas isoladas, como expresso por diversos autores (DAMATTA 1982,1994; DAOLIO 2000; TOLEDO 2000). O futebol, e por consequência o torcer, estão intimamente ligados a sociedade brasileira, esta íntima relação faz com que o tema torcer possa ser reconhecido com um tema pertinente a qualquer uma das

¹⁸ Para Elias, o Ethos refere-se a um conjunto de costumes, dotados de significado, de um grupo.

disciplinas. Todavia, não me deterei aqui a fazer o exercício de supor as possibilidades, pois acabaria por cometer equívocos dado meu desconhecimento dos debates internos de cada uma das áreas que constituem as disciplinas escolares.

A presença do torcer em uma disciplina isolada foi relatada por uma das professoras entrevistadas. O fator motivador foi uma manifestação do próprio torcer em uma aula de geografia. Conforme relato a seguir,

A gente tem uma professora de geografia, que sim ela entrou porque... ela trabalhou o tema torcida, porque ela também parece que teve um problema, um bate boca... ela foi com uma camisa de um determinado time pra sala de aula e o aluno que não torcia pra aquele time bateu boca e tal. Ela... ela mesmo falou que ela agiu mal... em ter vindo vestida com uma camisa e depois ela fez um trabalho também, bem interessante. (Entrevistada 4)

A situação descrita pela professora, remete novamente a pensar sobre a formação dos professores. Como tenho reforçado, a formação dos professores dar-se-á nos diferentes aspectos de sua vida, não só na educação formal. O fato de essa professora de geografia explicitar o clube pelo qual torce, e aqui não vou entrar no mérito de classificar como certo ou errado, gerou um conflito que trouxe à tona a necessidade de que esse tema fosse trabalhado. Como um fenômeno sociocultural que tem tamanha significância para a sociedade brasileira, o futebol esta presente na vida de todos, sejam estudantes ou professores, sejam torcedores ou pessoas que não gostam desse esporte, ele de alguma maneira se faz presente na vida de praticamente todos aqueles que vivem, ao menos nas grandes cidades do país. Aquela professora optou por não ignorar o acontecido e buscar uma forma de trabalhá-lo em sua aula, um elemento que se encontra presente em todas as escolas pesquisadas.

3.2 – Sobre a presença do torcer na escola: um tema latente

Indícios do torcer puderam ser vistos em todas as escolas, sejam eles mais ou menos claros. As conversas com gestores e professores, os períodos em que aguardei para poder ter essas conversas, os deslocamentos para cada uma das escolas conhecendo um pouco de seus arredores, isso possibilitou observar as

escolas e seus estudantes o que proporcionou elementos importantes para afirmar que o torcer é um tema latente nas escolas.

A presença do torcer pode ser observada de diferentes formas, às vezes mais explícitas outras nem tanto. Uma das escolas da pesquisa tem em frente ao seu portão uma das sedes de uma das principais torcidas organizadas do Cruzeiro Esporte Clube. Outras duas encontram-se a menos de 300 metros de distância da sede de uma das principais torcidas organizadas do Clube Atlético Mineiro. Não foi possível precisar o número de estudantes que pude ver com agasalhos, calças, bonés entre outros adereços de torcidas organizadas, mas é possível dizer que é algo corriqueiro nas escolas. Ao se depararem com a pergunta que versava sobre o trato do tema torcer em suas respectivas aulas, os professores nos diálogos posteriores ao preenchimento do questionário e nas entrevistas têm suas falas massivamente direcionadas ao torcedor organizado.

Quando questionados qual seria, num primeiro momento, sua opinião acerca das torcidas organizadas a fala daqueles professores tendia a uma idéia negativa sobre estas. Muitas vezes ouvi perguntas no sentido de saber, se o questionamento era sobre o que são hoje as torcidas organizadas ou sobre o que elas poderiam ser. Os limites da pesquisa não permitiram alcançar maior clareza sobre o que seria esse “vir a ser”. Contudo, foi possível perceber que na maior parte dos casos, seria a perspectiva de uma torcida organizada diferente, que caminha ao encontro do discurso midiático de uma modificação na forma de torcer, nos cantos, nas posturas, em seus símbolos. Em geral, para outros mais politicamente corretos.

O primeiro ponto a ser pensado sobre a realidade pesquisada é a necessidade de ampliar as reflexões sobre o torcer, indo além das torcidas organizadas. Como dito por Damo (1998) o torcedor tem liberdade para construir seu pertencimento e o faz de diferentes formas. Nesse entendimento é preciso perceber que o torcer não se restringe às torcidas organizadas. O segundo ponto é compreender que para além do discurso da violência, que está sempre em voga ao se falar de torcidas organizadas, existem outras questões que estão presentes nessa manifestação do torcer. Se por um lado é inegável que elas se relacionam com a violência, por outro seria irresponsabilidade afirmar que elas se restringem a ela. O autor expõe que somos o clube pelo qual torcemos. Estendo esta afirmação à relação dos integrantes das torcidas organizadas com as próprias torcidas. Há ali laços de construção de identidades que por vezes podem acabar sendo maiores que

as com o próprio clube. César (1981), em sua dissertação de mestrado, trata sobre a torcida “Gaviões da Fiel” e expõe a intensa relação dos torcedores com a torcida organizada. Exemplo disto são falas de torcedores no trabalho, que no sentido de pertencimento, afirmam que alguns integrantes da torcida “Gaviões da Fiel” são mais “gaviões” do que corintianos.

Toledo (1996, p.99) expressa que “grande parte da rede de sociabilidade existente [no interior das torcidas organizadas] depende de certos arranjos que se sobrepõem em termos de prestígio, reciprocidade, conflitos, territorialidades”. Esta sociabilidade deve ser compreendida ao abordar a temática torcidas organizadas. Os arranjos elencados pelo autor existem tanto no interior das torcidas, entre seus integrantes, quanto no exterior, na relação entre diferentes torcidas. Naquele espaço há a construção de uma das identidades dos sujeitos, assim como no caso dos clubes, ao se dizer “sou atleticano”, é comum ouvir-se dizer, “eu sou galoucura”. Morato (2005, p.75) lembra que “a condição de torcedor no Brasil extrapola a simplicidade da predileção por um clube para nos trazer um ‘mar’ de significados de nossa própria cultura”. Estes significados é que trazem sentido ao indivíduo na sua participação em uma destas torcidas, as representações que ele possui diante do grupo, os laços de sociabilidade entre outras questões relativas as torcidas organizadas, justificam a necessidade de compreendê-las melhor para que estas possam ser tema de aulas.

Ao buscar objetivamente saber se o tema torcer está presente nas aulas de Educação Física, fui surpreendido por uma presença maior do que a esperada, todavia ainda em número muito restrito. Na tabela a seguir as respostas ao questionamento sobre as aulas dos professores pesquisados.

Tabela 16 – Sobre as suas aulas de Educação Física na escola, marque a alternativa que mais se aproxima da relação delas com o trato do tema torcer.

	Frequência	Percentual
Já preparei aula(s) com objetivo específico de tratar o torcer.	6	9,1
Certamente já fiz aproximações com o tema torcer, sem, no entanto, ser o foco de alguma aula.	36	54,5
Existe a possibilidade que eu tenha feito aproximações com o tema torcer em alguma aula.	11	16,7
É provável que eu nunca tenha feito aproximações com o tema torcer em minhas aulas.	7	10,6
Certamente nunca fiz aproximações com o tema torcer em minhas aulas.	6	9,1
Total	66	100,0

Os dados da tabela sugerem que a presença do torcer na escola, relatada anteriormente, não passa despercebida aos professores, ainda que essa percepção não se constitua em aulas efetivamente com objetivo de tratar tal temática. Silveira e Pinto (2001) afirmam que é com a transformação da cultura que permeia a vida destes estudantes que a Educação Física deve operar e que transformando-a/problematizando-a na escola é que será possível intervir na sociedade.

Entre os professores que afirmaram certamente já ter feito aproximações com o tema sem, no entanto, ser tema de alguma aula em específico, o foco destas aproximações eram os torneios internos das escolas. Falas que criticavam a postura dos estudantes como torcedores nestes torneios foram constantes, “Isso aqui não é Mineirão”, “O menino ta na escola isso não é um campo” são frases que, com variações na forma, apareceram várias vezes. Ao que parece, há uma preocupação grande com a postura destes estudantes no interior das escolas, mas em contrapartida pergunto, a construção das formas de torcer deles é pautada em idéias do que imagina que seja torcer nos grupos que eles freqüentam. Alguns autores (CAMPOS et al, 2008; PIMENTA, 1997; DAOLIO, 1997; REIS, 2006) apontam que

ao longo dos anos construiu-se uma permissividade da violência simbólica nos estádios e assim, atitudes que são reprovadas em relações sociais em outros ambientes, como o ambiente escolar, são admitidas nos estádios. Essa permissividade faz parte do ser torcedor, as relações jocosas entre os adversários alimentam os significados de ser atleticano ou ser cruzeirense, ser vascaíno ou ser flamenguista, ser torcedor do Internacional ou do Grêmio. Mesmo as manifestações de apoio ou contrariedade ao próprio clube denotam a construção desta identidade clubística.

Nas entrevistas procurei ver a opinião dos professores acerca desta relação entre o torcer fora e dentro da escola, especificamente sobre a postura dos estudantes nos torneios internos. Todos os entrevistados reconhecem uma relação entre os dois, que eles trariam algo do torcer de fora para dentro da escola. Uma das professoras atenta a uma questão de forma mais direta, que também pode ser percebida nas outras entrevistas. Segundo esta professora, há uma diferença que está pautada no que ela chama de fanatismo.

Eu acho que sim, mas não totalmente. Porque no... nos jogos estudantis não muito aquela questão do fanatismo, igual eu te falei. Porque os meninos são muito... tem certos meninos né... que são muito fanáticos em termos.... igual... eu tiro base pelo meu irmão... é... meu irmão também é professor de educação física, mas ele fala que ele prefere que o Atlético vença do que... seleção brasileira. Entendeu? Pra ele o Atlético tá acima da seleção, acima do que qualquer... e torce por qualquer time contra o Cruzeiro. (risos)... Entendeu? Pra ele é isso. Então pra ele... ele torce dessa maneira e eu vejo muitos alunos torcendo desse jeito... então pra eles assim. Tem muitos... pra muitos o campeonato interno aqui é uma brincadeira, uma diversão, vai lá pra torcer, pra zuar... não passa disso. Já pro estádio de futebol é outra maneira de pensar no torcer.... vinculado... aí eu amo meu time... amo a minha camisa e beijo minha camisa e se perde fica muito triste, fica assim... arrasado por vários dias. (Entrevistada 1)

A fala da professora alimenta uma reflexão que tive ao analisar as respostas dos professores no questionário, juntamente com as anotações de campo sobre tratar ou não o torcer. Em grande parte dos casos os professores que afirmaram já ter certamente feito aproximações com o tema, demonstraram que estas aproximações estavam, em geral, ligadas ao campeonato escolar, ao incentivar as torcidas com prêmios ou repugnando algumas das manifestações de fora, falando que essas não cabem no ambiente escolar. Entendo que são possíveis formas de se tratar o torcer, todavia não devem se restringir a isso, é preciso problematizar essas possibilidades. Perguntas como, por que se pode torcer de uma forma no estádio e

não se pode na escola? Por que a torcida mais animada ganha um prêmio? Podem ajudar estes professores a ampliar sua intervenção na temática. A escola não deve apenas transmitir a cultura tal qual ela está, deve mais que isso, problematizá-la e contribuir para elucidar seus significados.

Uma pergunta da entrevista surgiu a partir da coleta das informações do questionário. Muitos professores e gestores ao tomarem pleno conhecimento do objeto da pesquisa, contavam casos relacionados ao torcer, na maior parte relacionados a problemas, contudo não exclusivamente. Dentre as falas que chamaram a atenção positivamente destaco a de uma supervisora pedagógica que retratou o caso de um estudante anteriormente muito tímido que era pouco participativo na escola e que após ingressar em uma torcida organizada havia mudado sua postura. Esse estudante passara a se relacionar melhor com os colegas e tornou mais participativo na escola. Reis (2006) destaca que a participação de jovens em grupos organizados está diretamente relacionada com a construção de sua identidade. A autora ressalta a relação destes grupos com a questão da violência, postura que aliás é recorrente em outras obras (TOLEDO, 2002; PIMENTA, 1997; TOLEDO 1996) que tratam dessa temática. Não ignoro e menos ainda discordo dessas relações, entretanto procuro aqui dedicar-me mais a outra possibilidade dessa identidade, a do sentido de pertencer a um grupo.

Damo (2002, p.12) afirma que “torcer por um clube de futebol é participar ativamente da vida social, construindo identidades que extrapolam o indivíduo, a casa e a família”. Entre as identidades que o autor afirma, a de torcedor organizado é carregada de pré-conceitos estigmatizada como violenta, delinqüente, pobre, desprovida de formação educacional formal. Entretanto em reportagem da revista Carta Capital de 24 de julho de 2009¹⁹, que apresenta resultados parciais da pesquisa realizada com torcedores organizados do Estado de São Paulo, pela professora Heloísa Reis da Unicamp, este perfil é contestado e são apresentados dados diferentes deste do que se traçava como características dos torcedores organizados até então. É preciso cuidado ao dialogar as questões carregadas de estereótipos, como é o caso das torcidas organizadas.

Ao se pensar no trato do tema torcer, em geral, se pensa em problemas que são gerados pelo torcer. Nesse sentido, nas entrevistas questionei os professores se

¹⁹ Reportagem disponível em <http://www.cartacapital.com.br/app/materia.jsp?a=2&a2=6&i=4627>, acesso em novembro de 2009.

já haviam vivido algum problema que fosse relacionado ao torcer nas escolas. Todos os entrevistados relataram já ter tido algum problema com torcer, seja em função de torneios internos, ou das relações com os grandes clubes da cidade. A fala sobre as torcidas organizadas ganha destaque em todas as entrevistas. Ao descrever um conflito que vivenciou na escola um dos professores traz um importante elemento para reflexão.

numa olimpíada que teve aqui em 2005 teve... duas salas estavam torcendo mais... com... é gritos mesmo, aí uma começa a ofender a outra, por enquanto tava torcendo pro time, aí quando uma começa a falar mal da sala a outra começa a falar mal também. Aí começa aquele negócio...e um já se exalta mais e sai pro lado da outra torcida, o outro vai também fica aquele negócio um xingando o outro, teve uma hora que dois alunos começaram a brigar mesmo. E esse fato assim, é difícil porque são alunos do noturno, são alunos muito fortes, assim...são adultos mesmo virou pancadaria geral. Mas, é porque geralmente um é membro de gang o outro também tem uns colegas... um bate... vira aquela coisa...negocio até se estende para fora da escola. (Entrevistado 2)

A relação que o professor descreve destes estudantes com gangs, remete a pensar sobre as outras relações intrínsecas ao torcer. Os sujeitos possuem várias identidades e elas se sobrepõem no dia-a-dia deles. Aquele indivíduo que é torcedor, também é pai, mãe, filho, irmão, professor, morador de uma dada região ou bairro, pertencente uma gang, policial, as identidades coexistem nos sujeitos. Nascimento et al(2007) ao estudarem torcidas organizadas da cidade de Goiânia, levantaram indicações sobre fatores para além da rivalidade clubística que podem ser estopins para a violência que ocorre entre elas, como região da cidade que moram, nível de escolaridade e condição socioeconômica. Os sujeitos torcedores não se despem de suas outras identidades ao irem para o campo, ou um bar, ou qualquer outra situação que os símbolos do ser torcedor ficam em evidência. Elias (1992) ao falar sobre a atenção que os esportes chamam para si lembra que é necessário existir um equilíbrio de tensão durante a realização desses. Neste equilíbrio não pode haver um excesso de calma, podendo assim o jogo se tornar chato e não mais interessante. Como, da mesma forma, não pode haver excitação demais, pois poderia fazer com que o jogo descambasse para a violência. No que tange ao torcer esse equilíbrio de tensão também deve ser observado. A presença do outro, como em clássicos, eleva a excitação da torcida, bem como o reconhecimento de grupos específicos que possuam características distintas, como apresentado por Nascimento et al (2007).

Como um problema social em evidência, a violência também toma destaque ao longo das entrevistas, bem como nos registros durante a coleta dos questionários. As falas dos professores caminham sempre com referência em discutir as questões da violência, presentes no torcer. Nas entrevistas busquei que os professores falassem sobre quais as questões relativas ao torcer podem ser tratadas na escola e em seguida uma pergunta semelhante considerando o contexto futebolístico de Belo Horizonte.

Todos os entrevistados levantam a questão da violência e em geral relacionam-na a rivalidade. As torcidas organizadas de Atlético Mineiro e Cruzeiro são citadas várias vezes. Essa preocupação vai ao encontro do discurso midiático que dá centralidade a esse problema social, quando se propõe a discutir os problemas do futebol brasileiro. Da mesma forma ocorre a relação direta entre violência e torcidas organizadas. O destaque das questões relativas à contenção da violência está também presente no Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT) (CAMPOS et al, 2008), esta lei que visa, segundo seu próprio texto, proteger e defender os torcedores, tem em seu conteúdo grande preocupação com os elementos que visam prover segurança ao torcedor e inibir atos violentos.

Outros temas surgiram na fala dos professores como a questão dos gestores do futebol e as produções artísticas que podem observar relacionadas ao futebol. O EDT também traz em seu texto preocupações com a gestão do futebol²⁰, almejando a transparência das gestões de competições. A preocupação com a gestão do esporte me remete primeiramente a duas questões, que podem se relacionar. Primeiro, a visão do mercado, que tem o torcedor como um consumidor e a organização da gestão dos clubes e campeonatos seria uma forma de valorizar o produto futebol. Segundo, o torcedor que não vê seu clube como um produto, mas sim como algo significativo afetivamente, e que por isso deseja a melhor gestão possível para ele. Essas não são as duas únicas questões relativas a gestão do futebol. Além disso, não são dicotômicas, elas se relacionam e ocorrem simultaneamente, cabe refletir como isso pode ser inserido e problematizado na escola. Quanto à relação entre futebol e arte, citada como um possível tema se pensado na escola por um dos entrevistados, Melo (2006,p.10) afirma que “quando falamos das relações entre futebol e cinema, estamos certamente narrando os

²⁰ Ainda que o EDT não tenha sido elaborado exclusivamente para o futebol é claramente perceptível que foi voltado a ele que seu conteúdo foi escrito.

encontros e desencontros entre duas paixões universais”. Esses encontros e desencontros expostos pelo autor não se restringem ao cinema. Eles estão presentes nas diversas vertentes das artes: fotografia, música, pintura, teatro. Em todas estas e em outras é possível verificar a presença da relação entre futebol/torcidas e arte, o que fundamenta a perspectiva do professor que entende como um tema possível de se levar para a escola.

Além dos temas propostos pelos professores, destaco agora alguns temas que entendo como importantes: gênero, a identidade, o espetáculo esportivo. São três temas gerais que acabam por se entrelaçar e possuem sub-temas que são muito relevantes.

No que tange ao gênero, não só a prática do futebol é vista como um espaço reservado masculino (MOURA, 2005). Torcer no futebol ainda não é algo visto como adequado às mulheres e estas ainda hoje sofrem com este quadro, são cobradas por não entender do jogo e por isso não devem assistir, ou caso assistam, devem ficar caladas. Este quadro vem mudando, todavia ainda vemos a presença da mulher torcedora sendo explorada com a sensualidade, como no caso de concursos como a “gata do brasileirão”²¹, ou com grupos de animadoras de torcida que se apresentam antes ou nos intervalos dos jogos com roupas sensuais.

Já no que concerne a identidade ela está presente praticamente em todos os temas ligados ao torcer. Ainda assim, a destaco neste momento, pois o que pude perceber é que ao pensar este tema, se pensa ou em seleção brasileira, ou nos grandes clubes. E as questões da identidade não se restringem somente a estes. Além do ser atleticano, ser vascaíno e ser palmeirense, esses estudantes também são, Galoucura, Força Jovem e Mancha Verde. São moradores do bairro X, Y ou Z. Acompanham e torcem por clubes do futebol amador e por vezes jogam nestes. E todas estas identidades e outras não citadas aqui se relacionam com o futebol e podem refletir no dia-a-dia destes estudantes nas escolas.

Pensando o futebol como um espetáculo esportivo, destaco aqui o estudo do Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT). Como produto, o futebol tem no EDT uma lei que regulamenta as especificações de venda deste produto. O fato de a maior parcela dos torcedores desconhecer o que versa o texto desta lei (NICÁCIO et al, 2009(a); CURI et al, 2008) torna o EDT um tema pertinente às aulas. Ademais, as

²¹ Neste concurso torcedoras dos clubes que disputam a série A do campeonato brasileiro de futebol, são votadas via internet em fotos com roupas de banho ou lingerie numa eleição de qual é torcedora mais bonita dos clubes.

cifras que o futebol movimenta mundialmente e seus impactos na economia também podem representar um caminho de reflexão a ser tratado junto aos estudantes. Não são poucos os torcedores que se revoltam com más gestões nos seus clubes e discutir a questão do espetáculo esportivo ajuda a compreender estas relações no mundo.

Durante as entrevistas, uma pergunta no roteiro pode parecer óbvia, todavia as respostas mostraram que foi um acerto incluí-la. Perguntei aos professores se estes acreditavam que resultaria em alguma mudança de comportamento dos estudantes fora da escola ou mesmo na escola ao se tratar o torcer nas aulas de Educação Física. Todos acreditam que haverá mudanças no comportamento. Entre as respostas destaco aqui de um professor. Para ele, trabalhar o tema trará mudanças sim, mas ele entende que é preciso uma ação em conjunto.

Eu acho que sim mas tem que ser uma coisa mais sistematizada, é... tem que ter um respaldo do governo, porque é uma coisa que sem investimento também não adianta, você tem como... você quer tratar um assunto, mas você não tem como tratar esse assunto, você não tem material e tem que ser uma coisa, vamos dizer, uma coisa meio que vinda em bloco mesmo. Pra todo mundo tratar, uma coisa que... que não adianta um evento isolado você fazer isso aqui numa escola e a outra escola não tratar e acaba que uma coisa se perde. Uma coisa tem que ser feita, eu acho que ela tem que ser comentada, por exemplo, ta todas as escolas trabalhando esse tema ao mesmo tempo, isso gera quando você sai da escola possivelmente até um debate sobre o assunto fora da escola, porque se eu encontro o cara da outra escola que estuda... ou você viu o cara mostrou um vídeo legal lá na aula lá.. o cara começa a debater aquilo e acho que começa a surgir pensamentos e reflexões a partir desse assunto. Agora se o negocio é isolado e faço isso aqui na minha escola o outro não faz, algo se perde o cara não tem o que comentar com outra pessoa, entendeu, eu acho que as reflexões ficam limitadas. É... eu acho que tem como melhorar sim, mas tem que, acho que tem que ter investimento tem que ter boa vontade do governo, o governo tem empenhado ai talvez formas de tentar... é... amenizar essas coisas com cadastro dos torcedores, eu tento até comentar isso com os alunos, pontos positivos e negativos, mas ainda vejo que é uma coisa que ainda precisa ser mais refinado o que eu trato é só o que eu... a parte que eu faço é ele é um pontinho mesmo não dá para mensurar o que, que isso ajudou, mesmo ou não ajudou, o que foi... foi interessante foi... os meninos gostam, gostam mesmo de tratar desse tema principalmente quando relacionado a recursos visuais, mas eu não sei sinceramente a que ponto uma pessoa quando ele faz um texto, refletindo sobre o assunto ou um cartaz mostrando o lado que tem que ser , ah realmente tem que torcer por torcer, não tem... se isso realmente entrou na cabeça deles ou se ele ta fazendo isso simplesmente para ganhar ponto, para mostrar que ele é bonzinho aqui alguma forma disso, então acho que tem que ter uma coisa bem trabalhada, tem que ter uma coisa sistemática, acho que tem que ter uma preparação dos professores para lidar com esse assunto eu vou ser sincero não faz parte do meu... do meu recurso didático eu não tive isso na faculdade, é a gente tenta trabalhar amenizar para não falar que não ta fazendo nada a respeito desse assunto, mas eu acho que precisa ser bem mais sistematizado. (Entrevistado 2)

Concordo com a afirmação do professor sobre a necessidade de um trabalho amplo que não seja limitado a um grupo de escolas. Cada escola tem focos específicos que ganham maior ou menor significância para serem tratados de acordo com o contexto em que está localizada e os sujeitos que a compõem. No caso das escolas estudadas elas têm em comum o fato de estar na cidade de Belo Horizonte. Seus sujeitos vivem, de maneira mais ou menos intensamente, cada uma das diferentes formas de se vivenciar o torcer. A ressonância que existirá em um trabalho educativo contínuo e amplo será maior do que no caso dos trabalhos isolados como encontrados nesta pesquisa.

3.3 – Sobre formas e conteúdos: as estratégias dos professores para trabalhar o torcer

Como último foco de análise deste trabalho, debruço-me agora sobre as estratégias de aula apresentadas pelos professores para trabalhar o tema. Caparroz e Bracht (2007, p.29) afirmam que o trabalho docente exige um constante “labor criativo e um sentido e exercício constante de prospecção”. Os autores lembram ainda, que a idéia de que uma aula pode ser aplicada a diferentes turmas é falaciosa. Entretanto, conhecer aulas já trabalhadas por outros professores pode subsidiar o tal labor criativo na preparação das aulas. Assim foi construída esta parte do trabalho, buscando ao mesmo tempo, apresentar algo do exercício criativo dos professores ao construir as aulas sobre esses temas. Refletir sobre estas opções de intervenção e tentar apresentar sugestões.

A primeira opção que trago, e parece-me uma unanimidade ao pensar esse tema, é o uso de textos para discussões posteriores. Três dos professores entrevistados afirmaram explicitamente o uso de textos. E aí as fontes são as mais variadas possíveis: textos acadêmicos, de revistas, da internet, de jornais. Daí surge a necessidade de analisar o uso deste recurso. Um dos professores entrevistados questiona a dificuldade de leitura destes textos pelos estudantes. Segundo ele, os textos possuem uma linguagem distante da realidade dos adolescentes. Em contrapartida, os textos da mídia, apesar de possuírem linguagem mais simples, estão carregados do discurso de uma visão superficial da realidade retratada.

Outro ponto relativo ao trabalho com textos, levantado nas entrevistas, é o risco de a aula se tornar muito monótona. É interessante, que ainda que isso possa ser motivo de preocupação dois dos entrevistados relatam a dificuldade de organizar os debates que surgem, pois os estudantes acabam se interessando por discutir o tema e se exaltam.

Então é aí a gente propôs uma discussão no outro dia, na próxima aula, né, que seria na mesma semana, e vieram coisas interessantes. Ai tentei levar a coisa mais pro lado social mesmo, de sociedade. É ... quais os pontos negativos que isso... que determinados atos trariam para nossa sociedade. É ... então acho que faltou um pouco de maior sistematização mesmo porque ficou, ah.. todo mundo falando ao mesmo tempo aí você acaba perdendo muito... como é que eu vou dizer... muito comentário interessante porque o tempo é curto e todo mundo quer falar e aquela coisa fica um pouco relegado. (Entrevistado 2)

Destaco ainda uma reflexão do mesmo professor, quanto a dificuldade que alguns desses estudantes têm de ler. Mesmo estando no ensino médio, alguns estudantes não conseguem ler perfeitamente o que representa uma possível dificuldade de se optar pelo uso de textos.

Uma alternativa seria os próprios professores reestruturarem os textos a uma linguagem mais acessível aos estudantes. Ou mesmo a elaboração de material didático textual, por secretarias de educação, universidades ou outras entidades ligadas à educação.

Uma estratégia peculiar que surgiu dentre os entrevistados foi de utilizar o torcer em jogos no interior da escola para refleti-lo. Tendo a questão da rivalidade como eixo central do trabalho, utilizando o próprio campeonato da escola como tempo/espço de se trabalhar o torcer.

A gente conseguiu dentro do clube do Cruzeiro e do Atlético, eles tem vários convênios com escolinhas, dentro das escolas públicas, a gente conseguiu um raposa e um galo... um... é um boneco que o cara ficava lá dentro, né.. enfim. E nós montamos na escola, um torneio, um campeonato de... e era... o tema dela era Cruzeiro contra Atlético... e veio a raposa e veio o galo, só que nós fizemos o seguinte... o tratado era o seguinte... que os alunos cruzeirenses ficariam na torcida com... do Galo. E os alunos atleticanos ficariam na torcida do Cruzeiro. No início gerou uma polêmica imensa, porque ninguém queria.... ah eu não vou... eu vou não... mas a gente foi conversando, a gente tava querendo mostrar pra eles que era um jogo, ninguém ali ia sair ganhando nem perdendo nada com isso... era um jogo, assim como é lá dentro... do... do... do campo é num torneio grande. Que quando eles jogam muitas vezes saem ali times... jogadores de times adversários pra poder comer uma pizza, pra poder tomar um chopp, pra poder comemorar aquele jogo, aquela final, aquele campeonato, porque que nós que estamos torcendo, temos que ficar aqui se matando, se quebrando uns com os outros, a gente que não ganha nada com isso. Nada, a não ser

o prazer de ta ali assistindo e torcendo, né... Ai eles... nossa no inicio eles revidaram muito... foi o ano inteiro com isso, a gente com esse projeto fazendo trabalho com isso, por fim eles aceitaram. A gente conseguiu com que o time... a escolinha de base do Cruzeiro, com a escolinha de base do Atlético, eles viessem e eles iam jogar junto com os alunos, foi bem interessante... o próprio... a própria professora de educação física, montou um time então assim, tinham os jogadores os meninos que faziam escolinha de futebol de base jogando no meio dos nossos alunos, pra dar um reforço. Só que era muito legal, porque nós colocamos na quadra e separamos a quadra, o boneco do Galo ficou de uma lado e o boneco do Cruzeiro ficou do outro, ninguém poderia vir vestido com camisa, só que os meninos... a gente fez durante o ano inscrições primeiro sem eles saberem... pra gente saber quem era cruzeirense, quem era atleticano, quem era americano e quem não torcia pra nada e não tava nem ai. Depois que a gente descobriu a gente fez o levantamento e a gente conseguiu separar eles, nós separamos, nem tudo é mil maravilhas também não, claro que teve confusões, gerou tumulto, muitos pais não aceitaram, porque eram pais doentios com o time. Mas enfim, os cruzeirenses ficaram junto com o boneco do Galo e os do.. os do Galo ficaram junto com o boneco do Cruzeiro, ai na hora que o time do Cruzeiro fazia gol os que estavam lá no do Galo gritavam né... ai de repente eles baixavam porque ... alguns professores ainda viraram e falaram assim não... a gente vai montar um campeonato de torcida, vai ter merenda especial pra torcida vai ter premiação e foi embromando eles lá... foi bem legal... foi bem legal e eles viram que no final das contas, realmente, todo mundo participou, vibrou... nin... o... o... o... o atleticano não teve que sair batendo no cruzeirense, o cruzeirense também não teve que sair batendo no atleticano... eles não ganharam nada...nada... nada com isso. Agora a gente sabe que é difícil. (Entrevistada 4)

Uma forma ousada e corajosa de tratar o tema. Operar com a rivalidade de maneira tão incisiva pode ter resultados complexos. Como dito pela professora, as questões surgidas não se restringem aos estudantes, envolve a família e questões relativas ao pertencimento fora do espaço escolar. Morato (2005, p.75) afirma que “a condição de torcedor de futebol no Brasil extrapola a simplicidade da predileção por um clube para nos trazer um ‘mar’ de significados de nossa própria cultura”. Ao fazer com que os estudantes trocassem de lado na torcida há um conflito que vai além do torcer por outro clube, nesse caso é o torcer pelo arqui-rival, aquele que é visto como o “anti-eu”. É uma opção arriscada, que, no entanto aparentou não ter tido maiores complicações no caso da escola pesquisada.

Pensando-se o uso do campeonato sem operar diretamente com as rivalidades maiores, como no caso relatado, esta pode ser uma ótima forma de se trabalhar o torcer. A criação de torcidas, a análise das posturas destas torcidas, a adaptação de questões do espetáculo esportivo como o EDT para os torneios, podem proporcionar ao professor elementos para alavancar discussões com estudantes sobre esta temática.

Um dos entrevistados utilizou de um interessante recurso didático, o vídeo. O vídeo é um importante elemento a ser levado em conta, televisão, cinema e internet estão repletos de filmes, séries, documentários, vídeos amadores, que podem ser utilizados como recurso didático. No caso deste professor o vídeo é proveniente da internet.

como pesquiso muito na internet gosto muito de ter um bom catálogo de vídeos e documentários, sobre todos os assuntos achei um sobre torcida organizada. É ... chama "The real football factories", é um... é bem violento, assim é uma coisa que se tem até para tratar desse assunto tem que ter um pouco de tato porque é complicado. Eu consegui achar esse vídeo na internet, por um momento eu pensei, será que eu ponho, será que eu não ponho. Pessoal... que os alunos iam gostar eu tenho certeza, eu tinha certeza que iriam, só que eu não queria fazer o caminho contrário, eu trabalhar uma coisa para mostrar o lado... é ... eu ia mostrar o lado negativo... depois eu ia mostrar o lado positivo que tem a torcida organizada também, não vou falar que é só negativo não. Mas eu queria que esse lado negativo ele realmente fizesse o aluno refletir, só que num instante eu fiquei meio preocupado. Será que isso aí vai, fazer o caminho contrário eles vão ficar mais acirrados e achar que isso é bonito, que achar que é legal, eu tive muito... pensei muito antes de colocar esse vídeo pro pessoal. É... mas, o assunto lá acho que eles... não tinha mais nada para tratar sobre o assunto assim (Entrevistado 2)

A fala do professor ao final do trecho reflete uma importante questão, a falta de material preparado para se trabalhar esse tema. Ele demonstra o temor em trabalhar o vídeo dado seu conteúdo, contudo em virtude da ausência de outras possibilidades acaba por utilizá-lo. E continua o relato:

Infelizmente se você não tem uma forma de chamar a atenção desse aluno você não consegue trabalhar nada. Então é complicado. Ó eu vou arriscar... peguei uma turma em específico, peguei a mais calma, pra não ter mais muita complicação do terceiro ano e comecei ano passado tá. É... de terceiro ano a mais calma que eu tinha e vou levar vou ver... fazer uma experiência. Aí o ano passado eu tratei... trabalhei da seguinte forma, aí levei os meninos para sala de vídeo, simplesmente falei que... não falei o que que era o assunto, falei ó... nós vamos ver um vídeo aqui. É ... depois a gente vai discutir sobre o assunto, eu quero que vocês vejam. Como é um vídeo que ele é legendado, isso é uma coisa que dificulta também, é... a maioria das coisas chegam legendadas, acho que essas coisas poderiam... é uma forma do governo atuar também, dublando determinado documentário, são coisas para facilitar para o próprio aluno o entendimento, que a maioria não gosta nem de ler então, é complicado. Mas eu falei ó, tem trechos em português e trechos em inglês, vocês procurem ler todos para vocês poderem entender. Pessoal se sentou mais próximo, eu no começo tive que falar que tava avaliado com ponto mesmo, porque se não ninguém presta atenção. Aí começou, aí começa um... cenas de pancadaria na mesma hora todo mundo conversando, um já olha... alá, alá, alá... fica todo mundo quieto. Uma coisa que... a violência ela choca e ela chama a atenção. É uma coisa bem complicada. Então, na mesma hora todo mundo já ficou calado, já prestar atenção no documentário. Nó que doido... que

doido... que doido... não sei o que... e gerou uma aceitação muito grande, mas ainda tava aquele negócio. Será que eles viram aquilo de uma forma pra acirrar mesmo ou simplesmente acharam o vídeo interessante para ponto de refletir sobre o assunto. Bom o vídeo ele é quase que inteiramente ponto negativo da torcida, violência mesmo. E assim que acabou o vídeo, tem muitos... tem muitos... ah uma coisa que vale alguns comentários dos próprios torcedores, os alunos horrorizavam assim, então eu achava, eu achei que foi até legal. Tem uma parte de um torcedor do palmeiras que ele fala... “ah eu largo mãe, eu largo filho, eu largo esposa, largo no não sei o que... vou com o palmeiras onde ele tiver... não sei o que lá...” é... o cara tatuou uma tatuagem do ... fez uma tatuagem do Marcos no braço, goleiro do palmeiras... aí os meninos ficam chocados, que eles tão acostumado... alguns tão acostumados com aquele negocio de torcer, xingar mas não, dentro realmente daquele grupo da... de torcida organizada que realmente comanda, que ta a frente, que vai em todos os jogos, que chega a ser uma coisa de doença mesmo. Então eles... eles ficaram meio escandalizados com o negocio. Eles viram que realmente o negocio é muito mais forte do que eles julgavam ser. Daquele cara que vai no estádio junta com a máfia azul canta e vai embora pra casa. Então, o... isso eu fiquei um pouco satisfeito por ver que eles tem essa noção de que o esporte não pode ser encarado como fanatismo, acho, nada nessa vida pode ser encarado como fanatismo.(Entrevistado 4)

O uso dos recursos visuais é uma alternativa interessante e rica para trabalhar o tema torcer, bem como tantos outros. Optar por esses recursos implica a necessidade de compreender o poder que estes possuem. Dornelles e Molina Neto (2005, p.107) afirmam que

a televisão exerce forte influência nas formas de ser, agir e pensar das pessoas quanto às questões sociais, políticas, econômicas e religiosas, essa indução de valores e formas ‘corretas’ também está presente no meio esportivo veiculado semanalmente.

Os autores citam o caso da televisão, mas, o cinema, DVDs, e principalmente a internet entre outras formas de mídias têm também essa capacidade de influência. Além disso, Mendes e Pires (2006) alertam sobre o cuidado que deve ser tomado para que não haja um deslumbramento com estes recursos, correndo o risco de não desenvolver uma percepção crítica sobre estes. O volume de informações disponível hoje é muito grande e os estudantes têm tido cada vez mais facilidade de alcançá-las. Neira (2006) expõe que a escola ao invés de transmitir informações, geralmente desatualizadas e fora de contexto, deverá ocupar-se de ensinar a aprender. Esse foi o papel que o professor entrevistado procurou desenvolver ao tratar o vídeo. O documentário é carregado do imaginário da torcida organizada como uma forma de se viver que não é interessante, intimamente relacionado com a violência e a

alienação. O papel do professor nesse caso foi proporcionar que os estudantes refletissem as informações ali presentes.

Vídeos como o documentário utilizado por este professor estão disponíveis na internet e tem acesso universal. Entretanto, não são todos os professores que sabem como fazer o “download” de vídeos em sites como o youtube.com. O Centro de Referência Virtual do professor disponibiliza além de planos de aula para diferentes conteúdos, alguns vídeos, imagens entre outros recursos para alguns conteúdos. Contudo, nenhum vídeo relacionado à Educação Física está disponível nessa fonte. Segundo Mendes e Pires (2006, p.185), o que garantirá uma “integração das novas tecnologias de comunicação na escola de maneira autônoma e crítica é o preparo dos professores e da escola para lidarem com estas tecnologias” Cursos para habilitar os professores a utilizar os variados recursos tecnológicos disponíveis, a ampliação dos materiais disponíveis em acervos como o Centro de Referência Virtual do professor e a disponibilização de estrutura adequada para uso destas tecnologias podem auxiliar os professores na sua prática docente.

Seguindo a linha do uso de novas mídias, a internet oferece mais possibilidades de recursos para se trabalhar. Comunidades virtuais como o “Orkut”, “Ning”, “Facebook”, podem se tornar interessantes ferramentas para possibilitar que as reflexões construídas em sala não se percam e possam ressonar em outros espaços da vida dos estudantes.

Por fim, a estrutura de jogo explicitada por uma das entrevistadas, também é uma forma que motiva e desperta o interesse dos estudantes. A professora entrevistada falou brevemente sobre a estratégia utilizada por uma professora de Geografia em sua escola. Na intervenção, a professora utilizou balões azuis e pretos, em alusão aos dois maiores clubes de futebol de Belo Horizonte, com perguntas dentro que geravam um debate posterior. Outra forma que se assemelha a um jogo é a estrutura de júri, que um dos professores entrevistados mencionou, parte da turma fica responsável por argumentar em uma vertente do tema e os demais responsáveis por estruturar argumentos sobre outro lado do mesmo tema.

Como dito, o tema torcer não deve ficar restrito a Educação Física. A intervenção citada acima mostra que já é possível encontrar professores que trabalham com esse tema. Em contrapartida, a fala de outra entrevistada mostra que ainda há espaços em que a Educação Física encontra-se isolada.

Não deveria ser um papel exclusivo da educação física esse tema, mas acaba sendo. Eu pelo menos como professora de educação física encontro dificuldade nisso. Eu acho que todo mundo poderia tratar esse assunto, que é uma coisa que faz parte da vida de todos. Não faz parte da vida só do aluno, só da minha que sou professora de educação física, todo.. aqui 90% dos professores da escola da comunidade escolar em geral, 90% frequenta o Mineirão, vai ao Mineirão assistir jogos, passa por determinadas situações, na torcida que não são agradáveis, então pra mim deveria fazer parte do ensino, sabe... das aulas uma segunda-feira chega ... ah mataram tantos de uma torcida organizada... uma torcida contra a outra... é um tema que pra se entrar em debate com os alunos... mas não acontece, ai acaba que fica direcionado só a educação física, mas não deveria.(Entrevistada 3)

Apresentar as opções desses professores no trato do tema do torcer, bem como refletir acerca dessas e apresentar outras possibilidades não teve a intenção de criar uma espécie de “receita de bolo” sobre o trato do torcer nas escolas. Teve como objetivo subsidiar professores para que sejam autores de sua própria prática. Como dito por Caparroz e Bracht (2007, p.33):

Por mais difícil que seja, é preciso que os professores de Educação Física tomem consciência de que o seu saberfazer didático-pedagógico não está dado a priori e sim em um contínuo processo de (re)construção. Construir um modo de atuar que seja sempre seguro não se pode garantir e a insistência em estabelecer um *modus operandi* padrão, à base de modelos transpostos mecanicamente para a realidade social em que se dá a prática pedagógica do professor, geralmente leva a cristalização desta e à falta de sentido para ela.

Cabe ao professor analisar quais as melhores estratégias para abordar esse, ou qualquer outro conteúdo em suas aulas, assim como quais temas são pertinentes ao contexto em que está inserido.

4 – Considerações finais

Quando esse trabalho foi iniciado, não fazia idéia do que encontraria nas realidades pesquisadas. Do grupo reduzido que trabalha o tema objetivamente trago a agradável surpresa de saber que o torcer já é, ainda que em poucos casos, problematizado nas escolas. Pude perceber também, que mesmo não sendo objeto de aulas elaboradas especificamente para tratá-lo, o torcer não passa despercebido na maioria das escolas.

Foi possível identificar que os professores vêem o torcer como um tema importante, ainda que em apenas seis escolas tenha havido ao menos uma aula dedicada a se trabalhar especificamente o tema. É possível afirmar que o torcer vem sendo tratado na maior parte das escolas pesquisadas, pelos professores de Educação Física, mesmo que de maneira não sistematizada na maioria das vezes.

Chego a esse momento da pesquisa com a impressão de que o tema não possui maior representatividade, em termos de número de escolas que o tratam, porque os professores não possuem um ponto de partida que possa norteá-los a abordar a temática. Cabem ações no intuito de fornecer elementos aos professores para que possam iniciar o trato com o torcer, ampliar as questões já abordadas ou para que possuam um referencial caso entendam que é necessário abordá-lo nas escolas em que trabalham. Os CBC da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, afirmam que um dos temas correlatos ao torcer, o EDT, é um tema obrigatório a ser trabalhado. Por outro não são dados aos professores subsídios para saber como tratar este tema, como ocorre com outros conteúdos. No Centro de Referência Virtual do Professor, vários planos de aula que podem ser pontos de partida para se trabalhar um determinado assunto são disponibilizado para os professores, todavia, lá não é encontrado nenhum relativo a alguma das possibilidades de se pensar o torcer. É preciso ampliar os olhares sobre a dinâmica do torcer e seu trato na escola.

Foi possível perceber que os professores vêem, em sua maioria, este tema como importante, entretanto, centram seu discurso na questão da violência. Acredito que seja necessário um processo de formação para expandir este pensamento. Outras questões devem também ser analisadas, de acordo com cada escola, como: consumo, identidade, gênero, lazer, espetáculo esportivo.

Outra demanda que entendo que exista, é a de possibilitar o acesso a novas formas para se trabalhar a Educação Física. Entre os entrevistados, diferentes métodos para abordar o tema foram utilizados como: vídeos, textos, jogos com a própria vivência do torcer, júri simulado. São todas alternativas interessantes que são mais ou menos efetivas nos diferentes contextos.

Como procurei expor durante todo o trabalho, as realidades em que estão inseridas as escolas, bem como, os sujeitos que compõem estas escolas são diretamente determinantes sobre a pertinência de um conteúdo e a forma mais adequada de tratá-lo.

Essa pesquisa foi realizada na cidade de Belo Horizonte, com escolas públicas. Mesmo num universo menor foi possível perceber diferentes potencialidades de temas correlatos ao torcer. A rivalidade que é um tema amplamente comentado pelo professores pesquisados, teria outros vieses para se tratar em localidades diferentes do país. A cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, conta com quatro grandes clubes de futebol, o que acarreta diferenças para se pensar e problematizar a rivalidade. Mesmo a cidade de Porto Alegre, que conta também com dois grandes clubes, possui características próprias que só fazem sentido de serem abordadas naquela cidade.

As formas e conteúdos a serem trabalhados vão variar de escola para escola. A opção por pesquisar escolas públicas, trouxe uma série de informações que ajudam a pensar o tema. Porém, vejo a necessidade de trabalhos que se aprofundem nesse tema, buscando outros sujeitos das escolas como estudantes e gestores. Além disso, entendo que as escolas particulares poderiam trazer outros importantes elementos, uma vez que os estudantes destas podem ter oportunizadas outras formas de vivenciar o torcer. Ademais, outras pesquisas que se debrucem sobre a temática fora dos grandes centros urbanos, também são convites a ampliação do tema, uma vez que a vivência do torcer com os grandes clubes não ocorre somente nas cidades em que estes têm sede, além de não ocorrer somente com estes. O futebol amador também representa, no meu entendimento, um foco importante de análise e discussão que pode ser levado para as escolas.

Encerro esse trabalho acreditando que importantes questões foram apresentadas para subsidiar a reflexão do trato do torcer na escola. Contudo, ciente de que existe a necessidade de mais estudos que se preocupem com aprofundamentos que aqui não foram possíveis. Além disso, novos estudos que se

preocupem com temas como: a relação entre o lazer e a escola, o entendimento que os gestores destas instituições têm da Educação Física e sua relação com ela, que são importantes para seguir o caminho de qualificação da Educação Física.

Referências

- AMARAL, Ana Lúcia. Conflito Conteúdo/Forma em Pedagogias Inovadoras: a Pedagogia de Projetos na Implantação da Escola Plural. In: **Anais da XXIII Reunião Anual da ANPED**, 2000, Caxambu. Educação não é privilégio - Anais 2000.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1979.
- BISQUERRA, Rafael; SARRIERA, Jorge.C.; MARTÍNEZ, Francesc. **Introdução a Estatística** – Enfoque informático com o pacote estatístico SPSS. Porto Alegre: Artmed. 2004.
- BRACHT, Valter. Educação Física escolar e o Lazer. In: WERNECK, Christianne. Luce.Gomes; ISAYAMA, Hélder.Ferreira. **Lazer, Recreação e Educação Física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BRACHT, Valter. Educação Física: conhecimento e especificidade. IN: SOUSA, Eustáquia Salvadora de; VAGO, Tarcísio Mauro. **Trilhas e Partilhas: Educação Física nas práticas sociais**. Belo Horizonte. 1997.
- BRUYNE, Paul.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**: os pólos da prática metodológica. 5ª edição, 1991, RJ, Editora Francisco Alves.
- CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. A formação de professores de educação física: quais saberes e quais habilidades? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V.22, N3, maio de 2001, p. 87-103.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da. Mulheres e o lazer esportivo nos campos de futebol. In: **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte / III Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. Salvador – BA, 2009.
- CAPARROZ, Francisco Eduardo e BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.28, n.2, janeiro de 2007.
- CÉSAR, Benedito Tadeu. **Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo**: ou o duelo. Dissertação. UNICAMP. 1981.
- COLETIVO DE AUTORES (SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; VARJAL, Elizabeth; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter). **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Editora Cortez, 1992.
- CURI, Martin; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond; MELO, Igor Alves; ROJO, Luiz Fernando; FERREIRA, Melina Aurora Terra; SILVA, Robson Campaneruti.

Observatório do torcedor: o estatuto. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V.30. N1, p 25-40. Setembro de 2008.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas entorno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**. P. 10-17. N22.1994.

DAMATTA, Roberto; NEVES, Luiz Felipe Baeta; GUEDES, Simoni Lahud.; VOGEL, Arno. **Universo do futebol**. Pinakothek.1982.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom a profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. Porto Alegre: Hucitec. 2007.

_____. **Futebol e identidade social**: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2002.

_____. Futebol e estética. **Perspectiva**, São Paulo, vol 15, n3 jul/set, 2001, p. 82-91.

_____. Bons para torcer, bons para se pensar - os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. **Motus Corporis**, vol 5, nº 2, 1998, Editora Gama Filho.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. 2ª edição. Campinas: Autores Associados. 2007.

_____. A superstição no futebol brasileiro. In: DAOLIO, Jocimar (Org). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores associados, 2005.

_____. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo César Rodrigues.(org). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A.2000

_____. O drama do futebol brasileiro: uma análise sócio-antropológica. In: DAOLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. Editora UNICAMP, 1997, Campinas - SP.

_____. Educação Física escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educação Física**, suplemento 2, p.40-42.1996.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sócio-cultural**. Disponível em <http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/ESCOLA%20ESPACO%20SOCIOCULTURAL.pdf> – 1996.

DORNELLES, Priscila Gomes; MOLINA NETO, Vicente. O ensino do futebol na escola: a perspectiva dos estudantes com experiências positivas nas aulas de Educação Física em turmas de 5ª a 7ª séries. In: KUNZ, Elenor (Org.). **Didática da Educação Física 3 - Futebol**. 2ª edição. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo, Perspectiva, 1974.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FARIA, Eliene Lopes. **A aprendizagem da e na prática social**: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte. Doutorado. Belo Horizonte: FAE – UFMG, 2008.

_____. Aprendizagem da e da Prática Social: Contribuições da Antropologia para o estudo do futebol. **Anais do XV CONBRACE / II CONICE 2007**. Disponível em <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/071.pdf> . Acesso em 10/08/2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. N.14. Maio de 2000, p.19-34.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas. 1993.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. Campinas – SP: Autores associados. 2ª edição, 2006.

GATTI, Bernardete. A.; FERES, Nagib.L. **Estatística básica para ciências humanas**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1975.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª Edição - 13ª reimpressão – Rio de Janeiro: LTC. 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Pode a mulher praticar futebol? In: CARRANO, Paulo César Rodrigues (Org). **Futebol**: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GOMES, Christianne Luce.; AMARAL.Maria Tereza Marques. **Metodologia da pesquisa aplicada ao lazer**. Brasília: SESI/DN, 2005.

GOMES, Christianne Luce. Lazer – Concepções. In: GOMES, Christianne Luce (Org). **Dicionário crítico do lazer**. Autêntica. 2004.

IBGE/PNAD: maioria dos alunos está em escola pública. Disponível em: <http://aprendiz.uol.com.br/content/stodesetre.mmp> Acesso em: janeiro de 2009.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. Formação profissional. In: GOMES, Christianne Luce.(Org.) **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: autêntica. 2004.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Recreação e lazer como integrantes de currículos dos cursos de graduação em educação física**. Campinas – SP. Tese de doutorado. 2002.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber** – Manual de metodologia da pesquisa em ciências Humanas. Belo Horizonte, Editora UFMG. 1999.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. 22ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar. 2008.

LEIROS, Augusto César Rios; NUNES, Fábio Santana. “Lugares vazios” nas aulas de educação física no ensino médio. In: **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte / III Congresso Brasileiro Internacional de Ciências do Esporte**. Salvador. 2009.

LIZ, Luciano Carmo. **Dispensa de aulas de educação física**: os motivos de alunas do ensino médio. Monografia de Especialização. UNESP. 2000.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa uma introdução**. São Paulo – EDUC. 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus. 2007. 12ª Edição.

_____. Políticas de lazer: mercadores ou educadores? Os cínicos bobos da corte. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer & esporte**. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. **Estudos do Lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996.

MELO, Victor Andrade de. Futebol e cinema: duas paixões, um planeta. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). **Futebol por todo o mundo** – Diálogos com o cinema. Rio de Janeiro: FGV. 2006.

MELO, Victor Andrade de. Esporte. In: GOMES, Christianne Luce (Org). **Dicionário crítico do lazer**. Autêntica. 2004.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP : Manole, 2003.

MENDES, Diego de Sousa; PIRES, Giovani de Lorenzi. Educação Física & novas linguagens comunicacionais: sentidos e significados da produção de recursos audiovisuais na formação de professores. **Pensar a prática**. Volume 9, número 2. p.181 a 196. julho/dezembro de 2006.

MINAS GERAIS - **Conteúdos Básicos Comuns** – Educação Física ensino médio. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. 2005. Disponível em: http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7B922DC580-837C-4CD5-B5D4-B49F9FEB4533%7D_educacao%20fisica.pdf acesso em agosto de 2009.

MINAS GERAIS - **Lista das escolas de Minas Gerais**. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Disponível em:

http://www.educacao.mg.gov.br/images/stories/lista/cadastr_janeiro_tod_red_nivel_09.xls acesso em dezembro de 2008.

MOLINA NETO, Vicente. Uma Experiência de Ensino de Futebol, No Currículo de Licenciatura Em Educação Física. **Revista Movimento**. Porto Alegre. V. 2, N. 2, p.29 - 37, 1995.

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, Jocimar (Org). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores associados, 2005.

MOURATO, Márcio Pereira. A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. In: DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores associados, 2005.

NEGRINE Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In:TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva; NETO, Vicente Molina; GIL, Juana Maria Sancho; HERNÁNDEZ, Fernando; NEGRINE Airton; MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 2ª Edição. Porto Alegre: Editora: Sulina. 2004.

NEIRA, Marcos Garcia. Educando na atualidade. In: NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física: desenvolvendo competências**. 2ª edição. São Paulo: Phorte. 2006.

NICÁCIO, Luiz Gustavo; SANTANA, Thiago José Silva; GOMES, André Silveira; ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula; SILVA, Silvio Ricardo da. Campeonato Brasileiro de 2007: a relação do torcedor de futebol com o Estatuto de Defesa do Torcedor na cidade de Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V.30, N.2, janeiro de 2009(a), p.25-38.

NICÁCIO, Luiz Gustavo; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; MELO, Marcos de Abreu; CRUZ, Rodrigo Martins da; SILVA, Silvio Ricardo da. Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007. In: **Anais do X seminário “O Lazer em Debate”**. Belo Horizonte. 2009(b), p.404.

NOVOA, Antonio. Professor se forma na escola. **Revista Nova Escola**. Edição 142, maio de 2001.

NUNES, Célia Maria Fernandes. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade**, ano XXII, N74, abril de 2001, p.27-42.

OLIVEIRA, Letícia Moraes de França; NICÁCIO, Luiz Gustavo; SILVA, Silvio Ricardo da. A escolha pelo setor das cadeiras especiais do Mineirão pelos torcedores do Cruzeiro. IN: **Anais do 21º Encontro Nacional de Recreação e Lazer**. Florianópolis.2009.

OLIVEIRA, Rogério Cruz. O futebol nas aulas de Educação Física: entre “dribles”, preconceitos e desigualdades. **Motriz**, Rio Claro, v12, n3, p. 301-306. Set/Dez. 2006.

PADILHA, Valquíria. Tempo livre. In: GOMES, Christianne Luce (Org). **Dicionário crítico do lazer**. Autêntica. 2004.

BELO HORIZONTE. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Ensino Médio. Brasil – Ministério da Educação. 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf acesso em agosto de 2009.

PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

PICCOLO, Gustavo Martins. A escola como ferramenta à educação para o lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.2. 2009. Disponível em: http://www.anima.eefd.ufri.br/licere/pdf/licereV12N02_a3.pdf acesso em setembro de 2009.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro. Por que o estágio para quem não exerce o magistério: o aprender da profissão. In: PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez. 2004, p.99-124.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas Organizadas de futebol**: violência e auto-afirmação, aspectos da construção das novas relações societárias. Taubaté, SP: Vogal Editora, 1997.

Pinto, Joelcio. Fernandes. ; Silveira, Guilherme Carvalho Franco. Educação física numa proposta crítica da cultura corporal: uma proposta pedagógica. **Revista brasileira de ciências do esporte**, V.22, n3, p. 137-150, maio de 2001.

PRAÇA, Gibson Moreira; SILVA, Silvio Ricardo da. As torcidas organizadas de Belo Horizonte e suas manifestações. IN: **Anais do 21º Encontro Nacional de Recreação e Lazer**. Florianópolis. 2009.

Proposições Curriculares – Ensino Fundamental 3º ciclo – Educação Física. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Secretaria de Educação. 2009. Disponível em: http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7B922DC580-837C-4CD5-B5D4-B49F9FEB4533%7D_educacao%20fisica.pdf acesso em agosto de 2009.

REIS, Heloisa. Helena Baldy dos. **Futebol e violência**. Campinas, Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; ESCHER, Thiago de Aragão. **Futebol e sociedade**. Brasília: Líber livros. 2006.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade**: as manifestações da torcida. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

REQUIXA, Renato. **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: Sesc, 1980.

RIBEIRO, Solange Lucas. Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo. **Sitientibus**, N.31, julho de 2004, p.103-118.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte, Editora Autêntica. 2008.

SALLES, José Geraldo do Carmo. Futebol – um lazer mágico da cultura brasileira. **Motus Corporis**. Vol.5, nº1, p. 42-56, maio, 1998.

SAMPIERI, Roberto, Hernández; Collado, Carlos Fernández; Lucio, Pilar Baptista. **Metodología de la investigación**. 3ª edição. Mc Graw Hill, México – DF. 2003.

SANTOS, Daniel; AZEVEDO, Aldo Antônio de. Os torcedores nos bares do DF: secundarização, identificação e sociabilidade na capital. In: AZEVEDO, Aldo Antonio de (Org.). **Torcedores, Mídia e Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Distrito Federal**. Brasília: Thesaurus, 2008.

SILVA, Jurimir Machado da. Em busca da complexidade esquecida II. In: MORIN, Edgar; CLOTET, Joaquim; SILVA, Jurimir Machado da. **As duas globalizações**: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente. 3ª Edição – Porto Alegre: Sulina, EDIPUCRS, 2007.

SILVA, Silvio Ricardo; NICÁCIO, Luiz Gustavo; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; MELO, Marcos de Abreu; CRUZ, Rodrigo Martins. **Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007**. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFGM, 2009

SILVA, Silvio Ricardo; NICÁCIO, Luiz Gustavo; SILVA JUNIOR, Mauro Silva de Lacerda; ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SANTANA, Thiago José Silva; VIEIRA, Yuri Vítor Guimarães; MELO, Marcos de Abreu. Futebol e lazer: refletindo sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor no Campeonato Brasileiro de 2006 em Belo Horizonte. In: SEMINÁRIO LAZER EM DEBATE, 8., Rio de Janeiro, 2007. **Anais...** Rio de Janeiro: s.ed., 2007. p. 201-209.

SOFFREDI, Rafael Rangel; AZEVEDO, Aldo Antônio de. Violência entre torcidas organizadas no distrito federal: conflitos intrínsecos e ações do poder público. In: AZEVEDO, Aldo Antonio de (Org.). **Torcedores, Mídia e Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Distrito Federal**. Brasília: Thesaurus, 2008.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio; SANTIAGO, Maria Eliete. A constituição dos saberes escolares na educação básica: confrontando a Educação Física com outras disciplinas curriculares. In: **Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte / II Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. 2007. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/140.pdf> acesso em novembro de 2009.

SUE, Roger. **El Ócio**. Mexido, D.F: Fondo de cultura enocomica. 1982.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec. 2002.

_____. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.

_____. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, Autores Associados, 1996.

TRIVIÑOS, Augusto.N.S. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais**: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Editora Atlas, 1992, 3ª tiragem.

UVINHA, Ricardo Ricci. Lazer e cultura corporal de movimento: elementos na prática profissional da Educação Física na escola. In: NEIRA, Marcos Garcia; UVINHA, Ricardo Ricci. **Cultural Corporal**: Diálogos entre educação física e lazer. Petrópolis – RJ: Editora Vozes. 2009.

VAGO, Tarcisio Mauro. Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de formação RBCE**. Setembro de 2009, p.25-42.

VAGO, Tarcisio Mauro. Início e fim do século XX: maneiras de fazer educação física na escola. **Cadernos Cedes**, ano XIX, N 48, agosto de 1999, p.30-51.

Apêndice A – Carta de apresentação para as escolas

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Questionário relativo à pesquisa de mestrado intitulada:
“O torcer como possibilidade de lazer: a escola como um dos espaços de educação para o lazer”
Pesquisador: Luiz Gustavo Nicácio E-mail: luizgn@yahoo.com.br
Telefone (31) 3409-2345 Celular: (31) 92027207

A Direção da escola _____,

vimos por meio desta convidá-los a participar da pesquisa “*O torcer como possibilidade de lazer: a escola como um dos espaços de educação para o lazer*”. Vinculada ao programa de mestrado em Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a responsabilidade do mestrando Luiz Gustavo Nicácio e seu orientador Silvio Ricardo da Silva. Sua escola foi selecionada por sorteio para fazer parte da referida pesquisa. No total serão convidadas 126 escolas no município de Belo Horizonte – MG. Esta pesquisa procura compreender se e como o torcer é tratado nas aulas de educação física de escolas públicas da cidade de Belo Horizonte. Para tanto serão aplicados questionários e entrevistas junto a professores(as) de Educação Física destas escolas. O questionário será aplicado a um(a) professor(a) de Educação Física em cada uma das escolas que aceitarem o convite a participar desta pesquisa. Participarão das entrevistas os(as) professores(as) que estiverem dentro de alguns parâmetros de análise dos questionários e que previamente (ao responder o questionário) se disponham a conceder a entrevista. Nenhuma informação disponibilizada aos pesquisadores será vinculada diretamente à escola ou aos professores, mantendo assim total sigilo. É importante salientar que a participação na pesquisa é totalmente voluntária não cabendo qualquer forma de remuneração ao professor ou a escola. A qualquer momento a escola poderá solicitar esclarecimentos aos pesquisadores. Ao final da pesquisa, o mestrando compromete-se a entregar em cada uma das escolas o texto final da dissertação de mestrado em CD-ROM. Sem mais a acrescentar agradecemos o tempo a nós destinado e colocamo-nos a disposição para sanar eventuais dúvidas.

Atenciosamente, _____

Mestrando – Luiz Gustavo Nicácio

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Apêndice B – Questionário da pesquisa

Questionário número: _____

Questionário da pesquisa

1 - Idade: _____

2 - Sexo: () Masculino () Feminino

3 - Há quanto tempo está formado: _____

4 - Formação inicial:

- | | |
|--|---------------------------------|
| () Licenciado em Educação Física | () Bacharel em Educação Física |
| () Ambas as graduações em Educação Física | () Graduação em outro curso |
| () Cursando Licenciatura em Educação Física | () Outra |
| () Cursando Bacharelado em Educação Física | Qual? _____ |
| () Cursando graduação em outro curso | |

5 - Possui pós-graduação:

- | | | |
|-----------------------|-----------------------------|------------------------|
| () Não possui | () Cursando especialização | () Especialização |
| () Cursando mestrado | () Mestrado | () Cursando doutorado |
| () Doutorado | () Cursando Pós Doutorado | () Pós Doutorado |

6 - Situação na escola:

- | | |
|-----------------------------|---------------------------------|
| () Concursado (Efetivo) | () Designado (Substituição) |
| () Concursado (Substituto) | () Designado (Para cargo vago) |

7 - Há quanto tempo trabalha nesta escola como professor de Educação Física:

8 – Exerce outra atividade: (Marque quantas opções forem necessárias)

- () Não
- () Leciona em outra escola
- () Leciona em nível superior
- () Outro tipo de atividade ligada a Educação Física
- Qual? _____
- () Atividade não relacionada a Educação Física
- Qual? _____

9 – Você torce por algum clube de futebol?

- () Sim () Não () Somente pela seleção

10 – Costuma assistir jogos em estádios de futebol?

- ☐ Assisto freqüentemente (Ao menos 2 vez por mês)
- ☐ Assisto as vezes (Ao menos 1 vez a cada dois meses)
- ☐ Assisto raramente (Ao menos 1 vez no ultimo ano)
- ☐ Não assisto mais
- ☐ Nunca fui a um estádio de futebol assistir a um jogo

11 – A princípio qual sua opinião sobre torcidas organizadas?

- ☐ Acho positivo ☐ Acho Negativo
- ☐ Indiferente ☐ Não tenho opinião formada

12 – Como costuma acompanhar jogos de futebol?

(Se necessário marque mais de uma opção)

- ☐ Assino payperview ☐ Assisto por TV fechada
- ☐ Assisto em TV aberta ☐ Assisto em bares
- ☐ Assisto em estádios ☐ Ouço pelo rádio
- ☐ Acompanho pela Internet ☐ Não acompanho jogos de futebol

13- Durante sua formação docente de que forma você se relacionou com os estudos do lazer? (Marque quantas opções achar necessário)

- ☐ Cursei ou curso pós-graduação que tem como foco específico o lazer.
- ☐ Fiz curso(s) técnico(s) especificamente voltado(s) para o lazer
- ☐ Cursei disciplina(s) específica relacionada com o lazer
- ☐ Participei de grupos de estudo / pesquisa relacionados especificamente com o lazer
- ☐ Participei de eventos específicos relacionados com o lazer
- ☐ Participei de projetos de extensão universitária relacionados com o lazer
- ☐ Não me relacionei com os estudos do lazer
- ☐ Outra

Qual? _____

14 – Você trabalha o conteúdo Futebol nas suas aulas? (Compreenda futebol como exclusivamente relacionado ao futebol de campo)

- ☐ Sim ☐ Não

15 – Dos temas apontados a seguir, marque o que você considerar que deve ser tratado nas aulas de educação física ao se trabalhar o futebol: (Marque quantas opções julgar necessário)

- ☐ Regras ☐ Treinamento físico ☐ Tática
- ☐ Torcidas ☐ Arte ☐ Administração
- ☐ Técnica ☐ História ☐ Outro – Qual? _____

16 – Sobre as suas aulas de educação física na escola, marque a alternativa que mais se aproxima da relação delas com o trato do tema “torcer”.

- ☐ () Já preparei aula(s) com objetivo específico de tratar o torcer.
- ☐ () Certamente já fiz aproximações com o tema torcer, sem, no entanto, ser o foco de alguma aula.
- ☐ () Existe a possibilidade que eu tenha feito aproximações com o tema torcer em alguma aula.
- ☐ () É provável que eu nunca tenha feito aproximações com o tema torcer em minhas aulas.
- ☐ () Certamente nunca fiz aproximações com o tema torcer em minhas aulas.

17 – Sobre tratar o “torcer” nas aulas de educação física na escola, marque a alternativa que mais se aproxima de seu pensamento acerca desta temática:

- ☐ () É um tema de vital importância que deve ser tratado nas aulas de educação física.
- ☐ () É um tema importante que deve ser tratado nas diversas disciplinas escolares não só na educação física.
- ☐ () É um tema importante, mas que não deve ser prioridade nas aulas de educação física na escola.
- ☐ () É um tema pouco significativo para ser tratado na escola.
- ☐ () É um tema que não compete a educação física escolar tratar.

Apêndice C – Roteiro da entrevista semi-estruturada

Roteiro da entrevista semi-estrutura.

1. De acordo com seu entendimento de Educação Física é relevante tratar o torcer dentro da escola e mais especificamente nas aulas de educação física? Por que?
2. Indique algumas questões que podem ser extraídas do futebol e levadas para serem discutidas dentro da escola.
3. Levando em consideração o contexto futebolístico que a cidade de Belo Horizonte está inserida, qual posicionamento que pode ser tomado diante de questões como as levantadas na pergunta anterior no que diz respeito a intervenções na escola?
4. Durante sua trajetória como professor(a) você já se deparou com fatos problemáticos relacionados com o torcer na escola? Conte-me um pouco sobre estes fatos.
5. Você acredita que o torcer em atividades no âmbito escolar, como em campeonatos e jogos estudantis, tem ligação com o torcer dos grandes eventos esportivos? Fale um pouco a respeito disso.
6. Você acredita que tratar o torcer na escola poderia surtir algum efeito nos alunos nestes eventos na escola? E em relação a grandes eventos esportivos?
7. Durante sua trajetória como professor(a) de Educação Física você já lecionou alguma aula com temas objetivando especificamente o trato com o torcer? Que temas foram estes? Conte-me um pouco sobre essas aulas.

Apêndice D - Termo de consentimento livre e esclarecido de participação em pesquisa (Questionário)

Termo de consentimento livre e esclarecido de participação em pesquisa

Universidade Federal de Minas Gerais - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Termo de esclarecimento relativo à pesquisa de mestrado do pesquisador Luiz Gustavo Nicácio E-mail: luizgn@yahoo.com.br Website: http://gefut.wordpress.com Telefone de contato: (31) 3409-2345 Celular: (31) 92027207 Comitê de Ética em Pesquisa – UFMG – Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar – Sala 2005 – CEP: 31270 – 901 BH – MG Telefax: (31) 34094592 – E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Prezado(a) professor(a), você está sendo convidado a participar de maneira voluntária da pesquisa de mestrado do pesquisador Luiz Gustavo Nicácio, da Escola de Educação Física da UFMG. Neste momento sua contribuição consiste no preenchimento de um questionário. Título, objetivos e benefícios desta pesquisa lhe serão informados imediatamente após o preenchimento do questionário, pois o conhecimento prévio dos mesmos poderá interferir na pesquisa. Caso aceite participar, assine este termo **somente após ter sido informado sobre título, objetivos e benefícios**. Posteriormente à análise do mesmo, existe a possibilidade de que você seja contatado com intuito de responder a uma entrevista. Caso seja de seu interesse participar, por favor, deixe seu contato com o pesquisador. Informamos que se você apresentar as características para participar da entrevista, lhe será feito um novo convite e será apresentado um novo termo de consentimento referente à nova fase da pesquisa. Fornecer aqui seus contatos não permite ao pesquisador iniciar a entrevista sem prévios esclarecimentos. Este questionário tem seu preenchimento realizado em um tempo médio de 7 minutos. Cabe ressaltar que a qualquer momento você poderá desistir de participar por qualquer motivo, sem nenhum ônus. É importante informar que a participação na pesquisa é totalmente voluntária não cabendo nenhum tipo de remuneração. É assegurado ao voluntário total sigilo sobre suas informações. Todos os dados aqui coletados serão utilizados somente para fins desta pesquisa. Coloco-me a disposição para quaisquer dúvidas que surjam sobre a pesquisa e agradeço a contribuição.

Diante de tais esclarecimentos eu _____

_____ me proponho a participar como voluntário da presente pesquisa.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do voluntário: _____

Assinatura do pesquisador: _____

E-mail: _____

Telefone / Celular: () _____

Apêndice E - Termo de consentimento livre e esclarecido de participação em pesquisa (Entrevista)

Termo de consentimento livre e esclarecido de participação em pesquisa

Universidade Federal de Minas Gerais - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Termo de esclarecimento relativo à pesquisa de mestrado do pesquisador Luiz Gustavo Nicácio E-mail: luizgn@yahoo.com.br Website: http://gefut.wordpress.com Telefone de contato: (31) 3409-2345 Celular: (31) 92027207 Comitê de Ética em Pesquisa – UFMG – Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar – Sala 2005 – CEP: 31270 – 901 BH – MG Telefax: (31) 34094592 – E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Prezado(a) professor(a), agradecemos a anterior contribuição ao preencher o questionário referente a pesquisa de mestrado intitulada “O torcer como possibilidade de lazer: a escola como um dos espaços de educação para o lazer” do pesquisador Luiz Gustavo Nicácio, da Escola de Educação Física da UFMG. Vimos agora, convidá-lo a participar da segunda fase da referida pesquisa, a entrevista. Esta pesquisa tem por objetivo verificar se e de que maneira o torcer é tratado nas escolas da rede pública de Belo Horizonte – MG. Tem como principal benefício subsidiar a elaboração de políticas públicas para a educação. A sua contribuição consiste em responder a uma entrevista com sete (7) perguntas relativas à temática da pesquisa e seu cotidiano nas suas aulas. Esta entrevista será gravada em um gravador digital, terá duração aproximada de 40 minutos e posteriormente será transcrita para utilização na dissertação do referido pesquisador. Cabe ressaltar que a qualquer momento você poderá desistir de participar por qualquer motivo, sem nenhum ônus. É importante informar que a participação na pesquisa é totalmente voluntária não cabendo nenhum tipo de remuneração. É assegurado ao voluntário total sigilo sobre suas informações. Todos os dados aqui coletados serão utilizados somente para fins desta pesquisa. Coloco-me a disposição para quaisquer dúvidas que surjam sobre a pesquisa e agradeço a contribuição.

Diante de tais esclarecimentos eu _____

_____ me proponho a participar como voluntário da presente pesquisa.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do voluntário: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Anexo A – Entrevista 1

Entrevista 1

Pesquisador: Bom, de acordo com seu entendimento de educação física, você acha que o torcer é um tema relevante para ser tratado na escola e especificamente nas aulas de educação física?

Entrevistada 1: Acredito que sim. Porque tem tudo a ver a questão do torcer né... com.. com a educação física. Porque os meninos relacionam muito... igual, vou dar o exemplo da... do futebol porque querendo ou não a gente não foge muito do futebol, torcer mais é... a nossa cultura leva pro futebol né. Totalmente futebolística. Então os meninos tem aquela questão do... as rivalidades... não sei se vou entrar na próxima... (risos do pesquisador e da entrevistada)... mas acaba entrando... é... você tem que trabalhar essa questão mostrando pra eles que não é desse jeito que... eles... eles imaginam que... porque muitas vezes você vê aí... eles... um mexendo com o outro... aí tem uns que são mais nervosos, não sabem respeitar a posição do outro. Então você tem que mostrar pra eles que não é desse jeito. Você pode torcer, mas cê tem que respeitar o outro também, porque o outro também tem direito de escolha, mais que é complicado, tem que ter... tem que saber respeitar um ao outro, mostrar que não é através da violência, entendeu? Mostrando aí o que realmente tá acontecendo, porque acaba... hoje em dia a gente acaba ligando muito torcida organizada... igual eu te falei naquele primeiro dia... (ao preencher o questionário a professora havia falado que existem coisas positivas e coisas negativas em relação as torcidas organizadas) a questão da violência, né... que fala assim... ah hoje em dia tem que acabar com a torcida organizada, porque ela é geradora de ... de violência. Mas com certeza tem muita gente ali dentro, que... que pensa diferente... que eu acho que tem direito de sua torcida... formar sua torcida, mas evitar esses confrontos igual dia de jogo, você acaba tendo muito medo de prum Mineirão da vida, ver um jogo Cruzeiro e Atlético, falo de verdade, eu tenho medo. Eu já passei por experiência negativa de ver torcedor... tipo assim... entrou no lugar errado apanhou até morrer ali dentro, entendeu? Fiquei apavorada, falei nunca mais volto em jogo de Cruzeiro e Atlético. Mas assim, eu acho que tem que rever esses conceitos, por mais que tão batalhando já na televisão falando... chamando presidente de torcidas lá... pra... pra ver se diminui essa questão da violência, mas infelizmente tá difícil. Eu acho que tem que trabalhar por esse ângulo, que tem que mostrar pros meninos a questão da importância do torcer, mas o torcer... é... como é que eu digo... torcer mais consciente, mais assim... respeitando mais o outro, não... não no confronto direto, acho importante, acho legal demais cê ir prum estádio ou prum... ah pra qualquer lugar que você for mais... sei lá torcer... fazer uma festa com seus amigos, torcer pro seu time... ir lá assistir um jogo... isso é legal demais, mas tem que acabar um pouco com isso. Eu vejo a diferença do torcer, vamos supor no jogo de basquete e no jogo de vôlei. Eu em Uberlândia no jogo de basquete que tem... tinha um time da cidade lá UNITRI, interessante por que? Todo mundo tá focado, para aquilo ali, não tem aquela coisa de... de briga você vai ali tá todo mundo torcendo, todo mundo... empolgado com o jogo, mas você sabe que não vai ter problema de saída, de briga, de... de confronto, de nada disso, diferente do futebol. Que até mesmo entre os próprios torcedores muitas das vezes tem briga né. Então a gente tem que mudar, esse foco do torcer, ainda quero saber como trabalhar melhor a questão do torcer com os meninos, ainda pretendo melhor a

questão. Não sei se eu te respondi o que você queria. **Pesquisador:** respondeu sim, ainda respondeu bem além, tá ótimo.

Pesquisador: Até um pouco entrando nessa questão agora, você indicar algumas questões que podem ser extraídas do futebol, né, que os meninos vivem aí, pra trazer pra dentro da escola, você já falou um pouco da questão da violência, talvez você tenha algum outro ponto.

Entrevistada 1: Eu vejo muito o lado da violência, eu vejo muito o lado do fanatismo tem muita gente que fica muito presa, aquela questão do fanatismo mesmo, sabe? Fica retraída, vejo aluno ali nervoso, que parece que vai até passar mal, mesmo né. Ah vamos supor... ah meu time perdeu... você vê no semblante da pessoa que ele... tá ali... aí não sei nem te dizer... fiquei com pena mesmo... até fiquei com pena dos meninos, naquele jogo lá do... Cruzeiro com o Estudantes... gente os meninos assim, tinha um menino aí que parecia que queria morrer e não queria tá aqui entendeu? Você via que tava muito decepcionado... é... porque tá muito ligado, não sei te explicar, fanatismo mesmo não sabe separar uma coisa... xingando jogador... xingando arbitro... eu virei e falei assim: gente não é por aí não, vocês tem que pensar o seguinte, perdeu o esporte é disso... é de título e de perder título, hoje perdeu amanhã vai ganhar, não é desse jeito, não pode ficar prendendo a sua vida em termos só do time, entendeu? Os meninos não, os meninos, já tem menino aí que primeiro vamos supor... Cruzeiro ou Atlético e segundo depois vem escola, vem tudo entendeu? Põe, prioridade... e questão mesmo do não respeitar o colega o direito do outro colega de torcer e a própria violência que eu te falei, eu vejo muito por esse lado e também acho que tem que trabalhar o torcer no que eu te falei, mais pra questão do lazer, questão de você ir pra divertir de você ir para um jogo, de você...ah sei lá distrair, poder aproveitar o dia eu acho que tem que levar também pro outro lado. Pro lado da participação, não do lado do ... só do fechado, da violência da pessoa ficar muito presa, aquela... aquela torcida só Cruzeiro e Atlético. Eu acho... olha só pra você ver... eu vejo pelo América, que foi da subida do América, olha que legal... tava lotado pessoal tava aqui comentando, ontem na escola, lotado sem problema nenhum, pessoal querendo, ainda tinha gente do lado de fora, não conseguiu entrar, por que? Porque não tem aquela rixa mais de América, Cruzeiro e Atlético, hoje em dia o América, acabou se tornando time pequeno. **Pesquisador:** De todo mundo... **Entrevistada 1:** de todo mundo, tanto Atlético quanto Cruzeiro, gostam então não tem problema de você ir num jogo do América. É diferente de você ir num jogo de Atlético e jogo de Cruzeiro, questão mesmo do fanatismo, eu acho que tá muito em alta o fanatismo. Os meninos não sabem distinguir e respeitar o direito do outro. Eu vejo muito por esse lado, também. Não sei se é isso que você tá querendo... **Pesquisador:** Tá ótimo, a intenção é ver as suas percepções, tá muito bom.

Pesquisador: Levando em consideração aí né, o que você já começou a falar desse contexto futebolístico de Belo Horizonte, que posicionamento você acha que pode ser tomado, mesmo fazer uma intervenção, em relação às questões na escola?

Entrevistada 1: Explica o tipo, o que você tá querendo, a intervenção que você fala é... os meios que eu vou utilizar pra... **Pesquisador:** É mais ou menos assim, como agir com os alunos na escola, formas... **Entrevistada 1:** Ah tipo metodologias que eu posso utilizar, fazendo debates, mandando eles pesquisar a respeito do assunto é isso que você tá querendo? **Pesquisador:** Isso, a sua postura mesmo diante destas questões.

Entrevistada 1: Eu vejo pelo lado assim, tem que trabalhar mesmo, mandar os meninos pesquisarem, ver como é que ta acontecendo, procurar até mesmo...usar essas fontes todas que eles tem acesso, que geralmente mais é a internet, eles estão sempre ligados. É... procurar saber o que, que ta acontecendo, trazer temas. A gente até discutiu, que eu te falei, um pouco, da mídia, falei um pouco da torcida também, falei questão do porque que certos times tem uma torcida maior, do que outros, né. Então ver a questão da... do debate eu acho importante, eu acho importante até mesmo fazer painéis mostrando, questão da... diferença de uma torcida num jogo, como eu te falei, num jogo basquete e num jogo de futebol. Mostrando que é interessante você torcer e que é prazeroso a questão do torcer, sem a questão da violência, sem a questão do... da falta do respeito com o outro. Eu imagino assim, mostrando vídeos mesmo, acho que hoje em dia a questão do vídeo, deixa eu ver o que mais você pode trabalhar dentro da escola ... problema é recurso pra isso... escola... **Pesquisador:** Se você estivesse em uma escola ideal, você precisa disso na escola, você tem isso na escola. **Entrevistada 1:** Uma escola ideal? Fica até difícil de pensar...(risos) numa escola ideal.. você pode até levar os meninos... bom igual, eu acredito levando o menino para assistir, a diferença... igual eu te falei, pode levar o menino no estádio e ele sentir o clima num jogo, dum jeito de torcer num jogo de basquete num jogo de vôlei. Você levar o menino num jogo de futebol e mostrar a diferença do esquema de torcer numa... dum esporte pro outro. Ali você trabalhar a questão também, da diferença, tem... eu acredito que tem diferença. Não sei se você concorda...**Pesquisador:** responde afirmativamente com um "Uhm Rum". **Entrevistada 1:** É do futebol também a questão da torcida organizada, muita das vezes, você pra.. sentir o clima dentro de uma torcida organizada e fora de uma torcida organizada. Que mais?... Como eu falei trazer isso pra dentro da escola, através de debates, de vídeo, de trabalhos mesmo... deles poderem procurar, trazerem reportagens, criticar a reportagem, eu acho interessante isso também tem muita, muitas reportagens que falam sobre o problema que teve... ah hoje um confronto com tal torcida, o que, que teve nesse confronto? Quais foram os motivos desse confronto? Muitas das vezes eles nem sabem porque começou uma briga, só entrou na pancadaria... tem aluno aqui que faz isso... entendeu? Tem menino aqui que é de torcida organizada e fala... professora a gente deu... a gente entrou no confronto mesmo, entendeu? Não sabe nem porque entrou no confronto... ah todo mundo começou a bater a gente também ta batendo...entendeu? Então assim eu acho que isso é muito sério, eles tem que rever esse conceito de torcida organizada. Torcer? Tudo bem, pode fazer camisa, pode ir lá torcer eu acho que isso não tem problema nenhuma. Mas, questão da violência que tem que ser revista, porque os meninos hoje em dia não sabem o que, que é torcer com consciência e torcer na violência, eles não... eles não sabem separar essas duas coisas.

Pesquisador: Durante a sua trajetória como professora, aqui na hora de ler você leu professor (risos) **Entrevistada 1:** tem problema não...(risos), **Pesquisador:** você já se deparou com fatos problemáticos dentro da escola que fossem relacionados com o torcer? Seja aqui ou outra escola que você trabalhou porque aqui tem pouco tempo né? **Entrevistada 1:** Você ta falando de campeonato interno da escola? **Pesquisador:** De campeonato interno, ou mesmo relativo a questões de fora, dos clubes mesmo... **Entrevistada 1:** Ah mas isso é o que tem... isso é que... tem demais, aqui na escola tem... tipo assim não saiu na porrada não mas assim... se deixar sai... mas eu já vi em escolas anteriores porque conta de começar falar de Cruzeiro e Atlético, e ... vai exaltando os ânimos menino brigando mesmo já vi... já

entrei no meio pra separar menino, por conta de torcida e de chegar e falar assim ... gente futebol hoje os jogadores, porque eles brigam muito por conta de jogadores né, hoje o jogador ta num time, amanhã ele ta em outro, amanhã ele da uma banana pro seu time e não ta nem ai não importa pra ele... lógico ele gosta de vencer, isso faz bem pro ego, faz bem pra carreira dele... lógico que faz. Mas também ele não vai ficar ai brigando porque o Cruzeiro perdeu, porque o Atlético perdeu. Ó o exemplo daquele lá do rolo compressor lá do Flamengo aquela do Renato Gaúcho, aquele Gaúcho lá, aquilo lá foi um reboliço danado que deu, não sei se você lembra um churrasco que teve logo depois da derrota do Fluminense ou do Vasco... foi um dos dois que perderam do Flamengo e eles falaram que passaram o rolo compressor e os dois tipo assim, um jogava no Flamengo e o outro jogava no Fluminense, ai falou que passou o rolo compressor, entendeu? Deu uma polêmica danada, aquilo em termos de torcida foi um discussão, mas isso tem muito tempo. Eu não sei se... eu não sei contar muito bem a história porque já... já passaram muitos anos. Mas eu lembro dessa história ai ... tava o Renato Gaúcho, acho que o Romário, e o... Gaúcho... é Gaúcho que ele chamava? **Pesquisador:** é tinha um jogador chamado Gaúcho nessa época. **Entrevistada 1:** Então eu sei que foi um negocio desse que falaram que ia passar um rolo compressor, entendeu, ai aquela polêmica no Rio de Janeiro, e eles lá depois do jogo fazendo aquele churrasco entre eles, jogadores de equipes rivais, lá se divertindo, mas na brincadeira fez um comentário que a mídia fez o favor de repassar e fazer aquela polêmica e fez aquela polêmica entre os torcedores, entendeu? Então os meninos assim, eles brigam mesmo se você deixar aqui ó... igual o dia que o Cruzeiro perdeu pro Estudantes você precisa de ver menino veio, trouxe bandeira mesmo... pra incitar... pra tipo assim... pra instigar mesmo o outro pra massacrar, olha que eu sou atleticana e não mexi com eles não (risos)... é assim... falando com eles... gente vocês não podem ser... sofrer desse jeito não... os meninos não... os meninos vieram com a camisa do Atlético, cercavam os meninos do Cruzeiro, imagina você tem que ter... tem que segurar porque, os ânimos já tão um pouco exaltados... Ai eu tava vendo a hora de sair briga... os meninos aqui que são mais calmos aqui nessa escola. Mas se fosse uma escola assim, que tivesse um ânimo maior dos meninos... porque tem escola que é mais barra entre eles... nossa tinha acontecido briga porque? Geralm... porque os meninos vieram mesmo, faziam rodinha cantavam hino do Atlético, cantava musiquinha do Cruzeiro, toda hora saía uma piadinha eu chegava no quadro lá tinha alguma piadinha escrita, entendeu? Então é complicado eles incitam mesmo. E campeonato interno também teve numa escola lá que eu fiz que tipo assim... os meninos mexem muito com certo jogador então aquele menino que já geralmente... ele se destaca... tem menino que não sabe... ter aquele alto controle sobre ele... se ele começar a ficar nervoso... ele não joga nada...então assim a torcida pegando no pé, ai depois do jogo o menino apelando... partindo pra cima daqueles que tão incitando, entendeu... o tempo todo. Tive que separar... isso foi na escola que eu trabalhei na minha cidade, o menino assim... saiu mesmo na porrada com o outro, por que? Porque sabia que se mexesse com aquele menino, aquele menino ia deixar de jogar mas o menino... muito nervoso acabou o jogo ele partiu, já foi em cima direto do outro menino, que tava lá na torcida.

Pesquisador: É... você acredita que o torcer, dessas atividades, tipo.. campeonato escolar, jogos estudantis... tem relação com o torcer nesses eventos esportivos? Tem uma transposição do torcer lá dos grandes eventos para o torcer aqui na escola?

Entrevistada 1: Eu acho que sim, mas não totalmente. Porque no... nos jogos estudantis não muito aquela questão do fanatismo, igual eu te falei. Porque os meninos são muito... tem certos meninos né... que são muito fanáticos em termos.... igual... eu tiro base pelo meu irmão... é... meu irmão também é professor de educação física, mas ele fala que ele prefere que o Atlético vença do que... seleção brasileira. Entendeu? Pra ele o Atlético tá acima da seleção, acima do que qualquer... e torce por qualquer time contra o Cruzeiro. (risos)... Entendeu? Pra ele é isso. Então pra ele... ele torce dessa maneira e eu vejo muitos alunos torcendo desse jeito... então pra eles assim. Tem muitos... pra muitos o campeonato interno aqui é uma brincadeira, uma diversão, vai lá pra torcer, pra zuar... não passa disso. Já pro estádio de futebol é outra maneira de pensar no torcer.... vinculado... aí eu amo meu time... amo a minha camisa e beijo minha camisa e se perde fica muito triste, fica assim... arrasado por vários dias. Eu vi isso inclusive com o primo do meu marido que quase entrou em depressão porque o Cruzeiro perdeu... não saia nem de casa... tava nem saindo de casa... porque... tipo assim... de tanto que ele mexeu antes, com os outros sabe... falando que ia levar a churrasqueira pro Mineirão, que ia fazer um churrasquinho... pessoal pegou no pé dele... então ele... tipo assim... pra ele não brigar, ele se trancou... ele...ficou abatido... falar do Cruzeiro e do Estudantes ele já sai da sala que já... é... tornou-se um bloqueio pra ele sabe?... Coisa assim evidente, eu vi essa semana, olha pra você ver. Quanto tempo já tem? Essa semana ainda vi esse caso dele e morri de rir. Falei assim... gente do céu... pra mim perdeu ganhou... fico triste, não vou falar que não fico não, mas passa né... vai passando, mas ele não eu vejo assim, que os meninos torcem... agem muitas vezes igual num campo de futebol? Agem. Porém, não tem aquele fanatismo, tão quanto está num estádio de futebol. Eu vejo por esse ângulo. Mas assim, eu acho que, tem que trabalhar com os meninos, muitas vezes... agora já tenho outros alunos que não... que reagem da mesma forma, porque já não tem aquele lado só do futebol... igual assim... ah vamo torcer praquela menina... é... praquela time... vamo vibrar praquela sala e briga e mexe e incentiva e atrapalha e deixa o menino furioso, mas eu não vejo muito... assim como é que eu te explico... eles se parecem porém, eu acho que o futebol ainda tem mais o fanatismo, mais brigas, mais confrontos eu acho.

Pesquisador: E assim, pensando uma aproximação do torcer na escola com o torcer fora... você acha que se aproxima mais do torcer no futebol ou do torcer nos outros esportes, como o basquete que você levantou. **Entrevista 1:** Eu levanto mais... eu levo mais pro lado do basquete. **Pesquisador:** Seria a empolgação sem o fanatismo? **Entrevista1:** Eu acho. É eu levo mais pro lado do basquete... do basquete do vôlei... você hoje em dia os meninos são muito empolgados pra ir num jogo de vôlei. Igual Brasil veio aqui tem pouco tempo... eles estavam todos animados pra ir pro Mineirinho... pra ir pra lá... pra torcer eu vejo mais por esse lado. Aqui essa escola eu não posso te dizer, igual eu te falei, não participei de jogos estudantis ainda, não sei qual seria a reação deles, perante os jogos estudantis. Mas igual a escola que eu já participei com os meninos nos jogos... eu acho que não teve esse problema de enfrentamento de confronto... foi mais uma questão do lazer do incentivo...entendeu? De dar apoio pro outro colega... os meninos... igual... levei a escola pro JEDIS (não é possível definir a sigla mas refere-se aos jogos estudantis do estado de Minas Gerais), ano retrasado na escola que eu tava trabalhando foi tranquilo os meninos foram participaram... não teve problema de questão de torcida entendeu? É lógico que tem a rixa de cidade contra cidade... principalmente na cidade que eu morava lá. A questão do handebol é muito forte então tinha uma rixa muito grande, no handebol... com outras cidades também, então eles, se implicavam

muito... batiam muito dentro da quadra um ao outro... mas assim, não teve problema de confronto direto de briga depois do jogo... lógico que teve agressões verbais... tiveram... mas não é igual é num estádio de futebol.

Pesquisador: Você acredita que o torcer na escola... que tratar o torcer na escola, né, trabalhar isso com os meninos, poderia surtir algum efeito nesses alunos nos eventos na escola e em relação a posição deles fora da escola?

Entrevista 1: Eu acho que em alguns surtiria efeito... mas em outros... eu te dou o exemplo de dois alunos aqui... que eu tenho certeza que posso trabalhar isso dentro de sala de aula, posso mostrar os lados positivos, os lados negativos... que eu tenho certeza que a postura deles... não mudaria. Entendeu? Porque tem menino assim que... você olha... você vê o menino... você sabe que aquele menino ali ele não... ele vai ser daquela forma, posso até tá enganada, mas eu imagino que muitos não mudariam sua maneira de torcer... acredito que outros sim... uma... tipo assim uns... como é que eu poderia por em porcentagem 60 % você ainda consegue tentar modificar a maneira dele de pensar, mas uns 40 ou 30% eu acredito que esses não teria jeito não. Exemplo por uns que eu vejo aqui dentro da escola, por alguns que eu vejo aqui dentro da escola. Questão mesmo do fanatismo. Se você levanta... igual eu levantei questão polêmica... na hora que eu ia falar na hora que eu tratei a questão da mídia com eles, a influência da mídia... que eu... que eu tratei a questão da torcida... nossa... queria morrer lá dentro da sala... minha voz já não é tão alta e tipo assim... eu virei e falei... então vamo fazer o seguinte... é proibido falar de Cruzeiro e Atlético... tipo proibi. (houve uma breve interrupção de estudantes pedindo bola para hora do recreio). Ai é... se eu deixasse tratar o tema.. Cruzeiro e Atlético, sairia briga dentro da sala de aula. Que um não sabe ouvir o outro. Entendeu? Eu virei e falei assim... gente tem que saber respeitar a posição do colega... tem que saber ouvir... só que não ali tava falando mais alto a questão do fanatismo, mesmo. Ai tive que mudar o lado... tive que tratar de torcidas tipo... que são... que não são tão... queridas aqui em Belo Horizonte... Flamengo e Corinthians. Peguei as duas outras torcidas pra mostrar o que, que eu queria no trabalho. Porque eu virei e falei assim... então vamos falar de Corinthians... Flamengo... qualquer outro time menos Cruzeiro e Atlético... porque eu sabia que se eu começasse uma conversa ali de Cruzeiro e Atlético. A gente não conseguia falar sobre a questão da mídia, entendeu? Na... e a questão da torcida porque ai ia ficar só na briga discussão e falando e um querendo falar mal do outro time... não é questão do tema... se ainda fosse do tema, ainda até... até viria... mas questão mesmo de uma falar mal do outro, que é complicado. Você num... nó... se você não tiver um mediador famoso ali fica difícil na hora que os ânimos se exaltam mesmo... nó... complicado.

Entrevistador: E assim só pra fechar... durante a sua trajetória ai como professora de educação física, não pensando só nessa escola, você já lecionou alguma aula focada em torcida, porque você falou da questão da mídia e passou pela torcida mas alguma coisa... **Entrevista 1:** Não enfocada diretamente ainda não... pra te falar sinceridade eu comecei a ver a importância da torcida agora porque querendo ou não esse tipo de tema você tem que tratar mais com o ensino médio. Com meninos maiores. Eu fiquei algum tempo com meninos bem pequenininhos, eles não vão entender tipo... de primeira a quarta série... que, que seria... tudo bem que você pode até brincar com eles trabalhar... mas eles não vão saber discutir questão do... do torcer dessa coisa toda que nem eles tem... eles brincam entre eles mas... não

tem aquela rivalidade ta brincando ali com a camisa do time mas, ta abraçado entendeu? É diferente, mas assim... fora daqui eu realmente não peguei uma aula específica, agora eu já pretendo trabalhar algo específico sobre torcer. E justamente você me questionou, você me levantou com aquela pesquisa no início... **Pesquisador:** Junho, final de junho. **Entrevistada 1:** Junho? Nossa parece que tem tanto tempo... é sei lá... eu sei que foi no segundo bimestre...você falou isso.. eu virei e falei assim... gente... eu já tava querendo trabalhar... eu virei e falei assim... nossa é um aspecto que eu acho que realmente a gente tem que trabalhar e o CBC hoje em dia ele ta cobrando isso entendeu? Já ta ajudando... eu virei e falei assim, vou trabalhar sobre isso. Pretendo trabalhar a partir do ano que vem já montar o meu plano de curso já focando, entendeu? Aula sobre a questão do torcer mesmo falar da torcida não só do... a questão do torcer como... mostrar pra eles... a questão de torcida separada um pouco da mídia... eu falei da torcida mas num... dei só aquela aula específica do torcer entendeu?

Pesquisador: Dessa... nessa.... quando você tratou a mídia, assim... qual foi o foco e mais ou menos qual que foi a forma que você usou para trabalhar isso?

Entrevistada 1: Da mídia? **Pesquisador:** Da mídia! **Entrevistada 1:** Eu usei deba... eu peguei... mandei os meninos procurarem é... reportagens ... em jornais... revistas... internet... que dissesse a influência da mídia, tanto na alteração de regras de esportes... é... na questão da alteração de regras... falei alteração de regras né?... questão de patrocínio... questão de... que mais que eu falei com eles?... sumiu aqui agora... perai deixa eu lembrar... alteração de regras... é... ah... questão do consumo aquela coisa toda da marca, né... falei muito da imagem do jogador, que assim vamos supor eles vendem a imagem deles a troco do patrocínio, consumismo muitas vezes. Que mais que eu falei?... Falei também... a formação de torcidas devido a mídia, tipo... igual... a questão de transmissão de jogos, geralmente são os jogos de São Paulo e Rio... jogos Flamengo e Corinthians, maioria dos jogos televisionados, a questão da popularidade que tem um Flamengo lá no Norte, no Centro-Oeste, Nordeste, Espírito Santo mesmo... não tem time tão forte de expressão... e que eu tive vários colegas que tipo assim... era só Flamengo, Vasco, esses times do Rio ou São Paulo. Entendeu? Então eu mostrei pra eles a questão do como é importante o ... a questão da veiculação da imagem, que hoje em dia os meninos a grande maioria se o Flamengo for jogar.... igual mostrou técnico do Goiás tava meio invocado com isso... foi jogar lá no campo do Goiás, tinham mais torcedores flamenguistas... iam ter se bobear mais torcedores flamenguista do que torcedor do próprio Goiás... no próprio estádio do Goiás. Então mostrei pra eles que isso é mui... isso reflete muito... porque... porque a mídia... posiciona... ah os dois times de maiores torcidas é o Corinthians e o Flamengo... que não sei o que... e se você for olhar realmente... por que? Porque os... a maioria dos jogos se você for ligar a televisão sábado ou domingo é Flamengo e alguma coisa... Corinthians e alguma coisa... a torcida na hora que o Corinthians caiu... a televisão faltou morrer...porque não queria... qualquer time podia cair de menos o Corinthians e o Flamengo... qualquer time. Mas ai a segunda divisão até tomou uma proporção... ainda falei até a respeito da segunda divisão com eles ai... e fomos, conversando. Daí foi puxando sabe, aquela coisa assim que é debate mesmo... joga um ... tipo joga uma palavra... torcida, Flamengo e Corinthians, entendeu? No debate e dali a gente ia puxando o gancho, pra poder discutir o que, que realmente é a pala... que, que realmente é... Flamengo... que, que é realmente é... torcida do Corinthians... que, que é torcida... e ai eles começavam... não professora já mudou muito... hoje a torcida do Cruzeiro ta maior que a torcida... não sei o que... eu falei assim... não

gente vamos ser realistas realmente... (risos) entendeu ai... pra eles... eles começam a querer... joga também... questão da torcida... não foi muito a questão da prática de ir lá pro estádio, falar do fanatismo, falei um pouco de torcida? Falei. Falei do fanatismo deles? Falei. Mas não foi aquela coisa, bem tratada... você ta entendendo? **Pesquisador:** Assinala positivamente com um uhm rum e faz sinal com a cabeça. **Entrevistada 1:** Foi nesse aspecto que eu levantei com os meninos, da mídia.

Anexo B – Entrevista 2

Entrevista 2

Pesquisador: De acordo com seu entendimento de educação física é relevante tratar o torcer dentro da escola e mais especificamente nas aulas de educação física? E por que?

Entrevistado 2: ta... é o seguinte ao meu ver a educação física na escola, ela está mais relacionada com os aspectos... é... sociais mesmo. Entendeu? Então tipo... o que que o torcer influenciaria para uma melhora desse cidadão. Tratar o torcer...é...eu procuro sempre tentar melhorar o cidadão... nas minhas aulas, pelo menos com algumas dicas alguma coisa... e por ser o torcer, mais especificamente relacionado ao futebol uma das coisas que gente tem visto mais... é... como um problema na nossa sociedade... é... e vendo isso também na escola o próprio embate entre torcedores de times diferentes... aquela coisa de um brincar com o outro, as vezes o outro não aceitar, aquela coisa de levar o negocio mais ao extremismo. Eu julgo que é necessário sim tratar o torcer na escola. É... esse pensamento eu formulei assim desde o ano passado, não foi uma coisa que vem comigo não, eu venho criando esse tipo de pensamento com o tempo mesmo, a gente vai vendo as necessidades. E na aquisição de material pra tratar isso também... que são poucos. Então... é... eu vi a oportunidade e resolvi mais especificamente pra tratar de melhorias em questões sociais. Mesmo, entendeu? E acho importante sim... agora... é... desconheço ou pelo menos ainda não tenho um conhecimento de outras formas que eu poderia tratar isso, não sei questões de... de agressão... esse tipo de coisa assim. É ... outra forma, é claro que se aparecer possibilidade de tratar o tema a gente vai tratar, mas por enquanto eu vejo uma coisa mais de controle social, mesmo.

Pesquisador: É...dessa questão do torcer você já falou que tem visto a questão do confronto, mas outras questões que você pode extrair do torcer para ser levadas para escola? Talvez você possa pensar no susto agora, porque você já falou que...

Entrevistado 2: é... porque eu já falei que realmente eu desconheço assim né... o que eu posso, pegando de supetão... poxa... tratar o torcer em outros aspectos... já procurei pensar muito nisso...(risos...) vamos ver se na pressão isso sai (risos)... Olha ... só se for realmente para contribuir com a parte cultural mesmo... artística, na forma de manifestações artísticas de alguma coisa nesse ponto assim... é... músicas... composição de músicas... cartazes... uma coisa menos agressiva mais pacífica de incentivo propriamente ao time... do que propriamente de confronto a outras torcidas... mais ou menos nesse aspecto assim. Não sai muita coisa não...(risos)

Pesquisador: Levando em consideração a cidade de Belo Horizonte, que é onde a gente está, que posicionamento pode ser tomado diante das questões que você levantou ai, a primeira pergunta... a questão do confronto.. a questão artística agora... nas intervenções que se pode fazer na escola? Quando eu estive aqui com você, você falou que até estava trabalhando na época a questão das torcidas organizadas, então... é... que posicionamento você acha que deve ser tomado diante destas questões?

Entrevistado 2: Só dar uma esclarecida.. posicionamento em que sentido, assim é...?

Pesquisador: De intervenção mesmo... de como atuar... de como trazer isso para a escola...

Entrevistado 2: tá... bom. É... a forma de se trazer... é necessário porque toda escola geralmente tem um campeonato, uma olimpíada e isso é importante porque, se não, pode... as vezes... não é sempre... reflete as vezes no comportamento do aluno dentro de quadra numa olimpíada ou num campeonato. Bom a forma que a gente... que eu acho de a gente trazer isso pra dentro da escola... tem que ter material acho que pra tratar do assunto, que eu acho que é escasso, é difícil... é... assim como, material pra tratar diversas coisas dentro da educação física, diversas... é... outras.. outros assuntos dentro da educação física ainda é complicado você arrumar material, que pelo menos seja mais acessível ao aluno, porque o aluno de escola pública ele é mais limitado...um pouco assim...e não é tudo que vai interessar a ele, não é aula expositiva que vai interessar, a aula de educação física tá ligada a aula prática, não a aula teórica, então se não é uma aula com formas de vídeo, documentário e esse tipo de coisa que ainda é escasso... bom a forma de ... uma forma de trazer aqui pra dentro da escola.. é... justamente trabalhando conjunto pra que dos.. dos eventos da escola... é... tudo transcorra de acordo... como é que eu vou dizer...se trabalhar para que aqueles alunos mostrem nesses eventos alguma melhora, quando houver algum incidente né. Mais...é... acho que teria que ter material disponível... um pouco de... de consciência do professor também, dele ter... de ele saber da importância disso...de realmente querer tratar o tema, já que não é nenhuma obrigatoriedade, então acho que vai do professor reconhecer a importância do tema e tratar. Não sei se é isso que você queria mas tudo bem...(risos)

Pesquisador: Ai, agora você já começou a falar um pouco. Mas assim... durante esse período que você está trabalhando como professor e aí seja aqui ou seja em outra escola, você já se deparou com fatos problemáticos relacionados com o torcer dentro da escola?

Entrevistado 2: Já! Aqui na escola, mesmo, é... acontece... é... ou aconteceu né... algumas coisas relacionadas mais aos eventos olimpíadas e campeonato mesmo. É muito acirrado a disputa entre salas. Então acaba que... uma coisa que eu noto principalmente no futebol. O futebol é eu acho... ele é um pouco meio canalizador das... dos hormônios pra incentivar a galera meio um pouco para a agressão. Mas, mais o turno da noite. É... numa olimpíada que teve aqui em 2005 teve... duas salas estavam torcendo mais... com... é gritos mesmo, aí uma começa a ofender a outra, por enquanto tava torcendo pro time, aí quando uma começa a falar mal da sala a outra começa a falar mal também. Aí começa aquele negócio...e um já se exalta mais e sai pro lado da outra torcida, o outro vai também fica aquele negócio um xingando o outro, teve uma hora que dois alunos começaram a brigar mesmo. E esse fato assim, é difícil porque são alunos do noturno, são alunos muito fortes, assim...são adultos mesmo virou pancadaria geral. Mas, é porque geralmente um é membro de gang o outro também tem uns colegas... um bate... vira aquela coisa...negocio até se estende para fora da escola. Mas, é fato mesmo que mereça destaque foi só esse mesmo, aqui é uma escola bem localizada, mas eu acredito que em outras escolas isso é muito mais comum do que aqui pra mim.

Pesquisador: Você acredita que atividades... o torcer em atividades no âmbito escolar como esses campeonatos que você falou aí... tem relação com os grandes

eventos, seja no futebol, seja no vôlei... alguma coisa esses alunos trazem dos grandes eventos para a idéia do torcer deles aqui?

Entrevistado 2: Quando eu li essa pergunta eu até pensei num negócio aqui... é se a pessoa já traz isso consigo ela leva isso da escola pros grandes eventos ou se ela traz isso dos grandes eventos pra escola. Esse caminho é um caminho a se pensar assim.. eu acho. Eu acho que a pessoa, não sei ... vou ta falando coisa aqui que é de bom senso. Senso comum. **Pesquisador:** Sua percepção da escola.

Entrevistado 2: É minha percepção, então eu acho que tem muito mais a ver com o que eles trazem lá de fora, pra cá. É, Brasil é um país cujo o esporte, como vários outros países no esporte onde o futebol é o principal esporte do país. E essa coisa de clubes, é acirra muito a disputa e vamos dizer o interesse da pessoa, pelo time em questão, entendeu? É... o que acontece é que muitas vezes o cara leva isso ai a um extremismo, o cara as vezes gosta mais do time do que da própria família, é... como eu já vi em documentários o cara esquece a mulher em casa, filho em casa e vai torcer e que se dane o filho. E isso eu acho que ele traz pra dentro da escola, não tem como ele deixa isso é uma coisa dele, uma bagagem dele, dele deixar isso do lado de fora do portão da escola, entrar pra dentro e se tornar uma pessoa comum. Eu acho que pode o cara pode fazer isso, mas tem hora que o negocio vai aflorar e quando aflora ele vai pelo instinto dele eu acho que ele vai partir pra fazer o que ele faz fora da escola, entendeu, porque eu acho que é uma coisa que ele ta acostumado, eu não vou falar com você com relação as questões socioeconômicas que eu acho que isso ta inserido em qualquer ambiente tanto do rico, quanto do pobre... é eu acho que vai do valor que a pessoa da ao esporte e ao time em relação a outros fatores como família, outros aspectos como família, é... sei lá família, sociedade, esse tipo de coisa em geral, então as vezes o cara ele esquece do... de tudo e por isso que o cara acha que daí ele pode, ele picha a escola, muitas vezes coloca o nome dele, por exemplo CMA, comando máfia azul, ou então TOG, torcida organizada galoucura, as vezes uma assinatura do cara até a torcida organizada que ele ta vira assinatura do cara numa pichação, é... coisa de marcar território mesmo, então o cara esquece que é um bem público, eu acho que isso vem muito lá de fora, de fora pra dentro da escola. A escola pode tentar, assim como eu acho que deve tentar, melhorar isso mesmo mostrando que tem que ter uma diferença. O cara pode torcer, o cara pode as vezes desabafar que muitas vezes o cara vai pro estádio é pra xingar mesmo, pra desabafar, mas tudo com uma certa.. é... uma certa moderação. Tudo isso... isso não pode atrapalhar um bom andamento da sociedade e nem entrar na vida alheia, entendeu e ...contemplar basicamente isso, porque o cara quebrando um ônibus quando ele vai num jogo, é um ônibus a menos no outro dia é um aumento de passagem, coisa que as vezes o cara, ele não tem consciência e muitas vezes ele nem acredita no que a gente fala, ou as vezes tem consciência e faz porque gosta mesmo, para mostrar, conseguir respeito, tem muita coisa disso dentro dos... do... da micro sociedade que ele ta inserido lá fora da... é... a cultura o pessoal quer exigir respeito, quer mostrar... quer pichar no lugar mais alto, quer fazer não sei o que. Pra mostrar que ele tem respeito e que ele merece ser respeitado, então as vezes isso peca em outros sentidos, acho que não tem nem idade para falar isso, ah acontece mais na adolescência, porque tem muito adulto que faz isso. É um pouco complicado, assim.

Pesquisador: Você já começou a falar também... bom que já estão seguidas as respostas...(risos) você acredita que tratar esse tema dentro da escola, pode surtir algum efeito nesses alunos fora, porque da outra pergunta a gente viu o caminho de

fora pra dentro... agora tratando isso dentro da escola você acha que pode ter algum efeito de dentro pra fora? Na realidade desses alunos.

Entrevistado 2: Eu acho que sim mas tem que ser uma coisa mais sistematizada, é... tem que ter um respaldo do governo, porque é uma coisa que sem investimento também não adianta, você tem como... você quer tratar um assunto, mas você não tem como tratar esse assunto, você não tem material e tem que ser uma coisa, vamos dizer, uma coisa meio que vinda em bloco mesmo. Pra todo mundo tratar, uma coisa que... que não adianta um evento isolado você fazer isso aqui numa escola e a outra escola não tratar e acaba que uma coisa se perde. Uma coisa tem que ser feita, eu acho que ela tem que ser comentada, por exemplo, ta todas as escolas trabalhando esse tema ao mesmo tempo, isso gera quando você sai da escola possivelmente até um debate sobre o assunto fora da escola, porque se eu encontro o cara da outra escola que estuda... ou você viu o cara mostrou um vídeo legal lá na aula lá.. o cara começa a debater aquilo e acho que começa a surgir pensamentos e reflexões a partir desse assunto. Agora se o negocio é isolado e faço isso aqui na minha escola o outro não faz, algo se perde o cara não tem o que comentar com outra pessoa, entendeu, eu acho que as reflexões ficam limitadas. É... eu acho que tem como melhorar sim, mas tem que, acho que tem que ter investimento tem que ter boa vontade do governo, o governo tem empenhado ai talvez formas de tentar... é... amenizar essas coisas com cadastro dos torcedores, eu tento até comentar isso com os alunos, pontos positivos e negativos, mas ainda vejo que é uma coisa que ainda precisa ser mais refinado o que eu trato é só o que eu... a parte que eu faço é ele é um pontinho mesmo não dá para mensurar o que, que isso ajudou, mesmo ou não ajudou, o que foi... foi interessante foi... os meninos gostam, gostam mesmo de tratar desse tema principalmente quando relacionado a recursos visuais, mas eu não sei sinceramente a que ponto uma pessoa quando ele faz um texto, refletindo sobre o assunto ou um cartaz mostrando o lado que tem que ser, ah realmente tem que torcer por torcer, não tem... se isso realmente entrou na cabeça deles ou se ele ta fazendo isso simplesmente para ganhar ponto, para mostrar que ele é bonzinho aqui alguma forma disso, então acho que tem que ter uma coisa bem trabalhada, tem que ter uma coisa sistemática, acho que tem que ter uma preparação dos professores para lidar com esse assunto eu vou ser sincero não faz parte do meu... do meu recurso didático eu não tive isso na faculdade, é a gente tenta trabalhar amenizar para não falar que não ta fazendo nada a respeito do assunto, mas eu acho que precisa ser bem mais sistematizado. **Pesquisador:** Fugindo um pouco que do que está no roteiro da entrevista semi-estruturada, você falou ai que... do investimento que o governo e tal... vindo da secretaria de educação alguma coisa já surgiu nesse sentido, porque teve outras escolas que eu estive que a coordenadora pedagógica me fala que nunca recebeu nada nesse sentido, de sugestão da secretaria, até eu nem sei como funciona isso, da secretaria passar uma pauta de alguma coisa assim. **Entrevistado 2:** Ó, a secretaria ela num... nesse ponto ela nunca realmente... pelo menos a mim nunca chegou nada. Ela tem um livro né, que é o aquele... fugiu o nome, que tem que ser dado durante o ensino médio, ensino fundamental... tem alguns tópicos mas muitas coisas são... tem algumas coisas relacionadas ao lazer, outras de parte sociologia... mas não especificamente... tem alguma coisa de falar sobre torcida simplesmente... ah você tem que falar sobre torcida... entendeu? Mas não... primeiro não é uma obrigatoriedade, não te fala como você tem que tratar isso, você tem que sistematizar a sua aula, você tem que se virar para arrumar as coisas... é... então eu acho que fica um pouco complicado, você pode extrapolar alguma coisa abranger

mais de acordo com seu grau... o grau de importância que você dá a esse assunto, mas eu acho que fica ainda muito aquém, do que que seria... do como deveria ser tratado o assunto, não só esse assunto, de torcer não, vários assuntos, a educação física ela ainda é meio que jogada pros coco nas escolas, o professor se vira, entendeu? Te dão aqui ó, você vai trabalhar isso aqui, tum...natação, não sei o que lá, numa escola é complicado falar ah num... a parte prática ela é importante. Então acho que deveria te dar formas de você trabalhar isso legal recursos visuais, quando não possuir, então o professor tem que correr atrás de tudo sempre, eu acho complicado, entendeu... professores de outras matérias tem um livro didático ele apoio do por onde seguir, por onde se nortear, mas o professor de educação física não, fica meio que jogado... você vai trabalhar isso aqui... vai trabalhar aquilo ali... ali sempre faz parte da realidade do aluno? Não... acho que realmente tem que dar uma flexibilidade porque tem coisas que não fazem parte da realidade, mas também você tem que dar o suporte da mesma forma, entendeu, então eu acho que a secretaria de estado ainda peca muito, mas tipo assim, tem como... fala que tem que tratar o tema, mas não te dá nada pra isso desenvolver não. Desenvolva se você quiser. **Pesquisador:** É dá a opção... **Entrevistado 2:** É.

Pesquisador: Bom e aí durante sua trajetória aqui, você já me falou isso quando preencheu o questionário, você já lecionou aula sobre o tema tava até trabalhando quando eu vim aqui. Que tema foi mais especificamente falando e contar um pouco como foi essas aulas, que material que você usou como foi a dinâmica da aula.

Entrevistado 2: Tá o seguinte... igual eu te falei minhas aulas eu levo mais para o aspecto social, menos técnico, eu acho que isso aí é na minha opinião o que é relevante para formar cidadão, principal se você saber lidar com o esporte e com seu corpo de forma que você consiga viver em sociedade e consiga extrair do esporte coisas boas pra você. Então vamos lá, é... eu tava... como pesquiso muito na internet gosto muito de ter um bom catálogo de vídeos e documentários, sobre todos os assuntos achei um sobre torcida organizada. É ... chama "The real football factories", é um... é bem violento, assim é uma coisa que se tem até para tratar desse assunto tem que ter um pouco de tato porque é complicado. Eu consegui achar esse vídeo na internet, por um momento eu pensei, será que eu ponho, será que eu não ponho. Pessoal... que os alunos iam gostar eu tenho certeza, eu tinha certeza que iriam, só que eu não queria fazer o caminho contrário, eu trabalhar uma coisa para mostrar o lado... é ... eu ia mostrar o lado negativo... depois eu ia mostrar o lado positivo que tem a torcida organizada também, não vou falar que é só negativo não. Mas eu queria que esse lado negativo ele realmente fizesse o aluno refletir, só que num instante eu fiquei meio preocupado. Será que isso aí vai, fazer o caminho contrário eles vão ficar mais acirrados e achar que isso é bonito, que achar que é legal, eu tive muito... pensei muito antes de colocar esse vídeo pro pessoal. É... mas, o assunto lá acho que eles... não tinha mais nada para tratar sobre o assunto assim, tinha uma pesquisa... de uma universidade... da USP, se não me engano, ou da UNICAMP, sobre torcida **Pesquisador:** Uma pesquisa do Toledo... **Entrevistado 2:** não me lembro... **Pesquisador:** de torcida organizada mesmo? **Entrevistado 2:** é... tenho até ele... tá lá em cima. É... e só tinha esse texto, eu falei, ah trabalhar só isso é complicado, aí fica uma aula muito teórica, sem... os meninos não prestam atenção, não tem jeito. **Pesquisador:** e é um texto muito acadêmico? **Entrevistado 2:** é... completamente acadêmico. É um artigo mesmo. Então é complicado, os alunos lerem e simplesmente chegar e debater com você porque a maioria entram na sua sala de aula querendo já descer para quadra. Infelizmente se você não tem

uma forma de chamar a atenção desse aluno você não consegue trabalhar nada. Então é complicado. Ó eu vou arriscar... peguei uma turma em específico, peguei a mais calma, pra não ter mais muita complicação do terceiro ano e comecei ano passado ta. É... de terceiro ano a mais calma que eu tinha e vou levar vou ver... fazer uma experiência. Ai o ano passado eu tratei... trabalhei da seguinte forma, ai levei os meninos para sala de vídeo, simplesmente falei que... não falei o que que era o assunto, falei ó... nós vamos ver um vídeo aqui. É ... depois a gente vai discutir sobre o assunto, eu quero que vocês vejam. Como é um vídeo que ele é legendado, isso é uma coisa que dificulta também, é... a maioria das coisas chegam legendadas, acho que essas coisas poderiam... é uma forma do governo atuar também, dublando determinado documentário, são coisas para facilitar para o próprio aluno o entendimento, que a maioria não gosta nem de ler então, é complicado. Mas eu falei ó, tem trechos em português e trechos em inglês, vocês procurem ler todos para vocês poderem entender. Pessoal se sentou mais próximo, eu no começo tive que falar que tava avaliado com ponto mesmo, porque se não ninguém presta atenção. Ai começou, ai começa um... cenas de pancadaria na mesma hora todo mundo conversando, um já olha... alá, alá, alá... fica todo mundo quieto. Uma coisa que... a violência ela choca e ela chama a atenção. É uma coisa bem complicada. Então, na mesma hora todo mundo já ficou calado, já prestar atenção no documentário. Nó que doido... que doido... que doido... não sei o que... e gerou uma aceitação muito grande, mas ainda tava aquele negócio. Será que eles viram aquilo de uma forma pra acirrar mesmo ou simplesmente acharam o vídeo interessante para ponto de refletir sobre o assunto. Bom o vídeo ele é quase que inteiramente ponto negativo da torcida, violência mesmo. E assim que acabou o vídeo, tem muitos... tem muitos... ah uma coisa que vale alguns comentários dos próprios torcedores, os alunos horrorizavam assim, então eu achava, eu achei que foi até legal. Tem uma parte de um torcedor do palmeiras que ele fala... "ah eu largo mãe, eu largo filho, eu largo esposa, largo no não sei o que... vou com o palmeiras onde ele tiver... não sei o que lá..." é... o cara tatuou uma tatuagem do ... fez uma tatuagem do Marcos no braço, goleiro do palmeiras... ai os meninos ficam chocados, que eles tão acostumado... alguns tão acostumados com aquele negocio de torcer, xingar mas não, dentro realmente daquele grupo da... de torcida organizada que realmente comanda, que ta a frente, que vai em todos os jogos, que chega a ser uma coisa de doença mesmo. Então eles... eles ficaram meio escandalizados com o negocio. Eles viram que realmente o negocio é muito mais forte do que eles julgavam ser. Daquele cara que vai no estádio junta com a máfia azul canta e vai embora pra casa. Então, o... isso eu fiquei um pouco satisfeito por ver que eles tem essa noção de que o esporte não pode ser encarado como fanatismo, acho, nada nessa vida pode ser encarado como fanatismo. E depois que o vídeo acabou, simplesmente pedi para eles tirarem o xérox do texto e pedi para eles lerem em casa. E começar a comparar, é... as coisas. O texto eu acho que realmente eles deram uma escapulida, não deram uma lida não...(risos) Então é ai a gente propôs uma discussão no outro dia, na próxima aula, né, que seria na mesma semana, e vieram coisas interessantes. Ai tentei levar a coisa mais pro lado social mesmo, de sociedade. É ... quais os pontos negativos que isso... que determinados atos trariam para nossa sociedade. É ... então acho que faltou um pouco de maior sistematização mesmo porque ficou, ah.. todo mundo falando ao mesmo tempo ai você acaba perdendo muito... como é que eu vou dizer... muito comentário interessante porque o tempo é curto e todo mundo quer falar e aquela coisa fica um pouco relegado. Então nesse ponto ficou uma aula teste, achei que perdeu um pouco. Então é... surgiram

muitos assuntos legais: depredação de patrimônio público, aquela coisa toda, quem paga por isso? Somos nós? Ou ninguém paga... é... e vieram discussões interessantes sobre o assunto. Eu sei que tem alunos que torcem pra determinados times e que são torcedores de torcida organizada aqui na escola. É ... mas aquele negócio, tratava do assunto mas eu via que aquela coisa... mas ainda achava bonito... ah pegar... vou dar um exemplo aqui... eu sou cruzeiro mas não tem nada a ver não... ah eu vou pegar maria azul para bater... outro vai pegar galoucura e dar porrada... os caras ainda continuam com essa visão é uma visão muito difícil de se tratar, de ser tirada simplesmente com um ato isolado meu aqui. Entendeu? Ele sugere reflexão, as pessoas refletiram sobre o assunto mas, os hábitos eu não vi que houve tanta mudança, se houve foi muito pequena, quase não foi mensurável na minha opinião. Então, a primeira proposta de gerar uma discussão foi tudo bem, foi aceita. Mas, mudança de hábito acho que tem que ser uma coisa bem mais trabalhada não pode ser uma coisa simplesmente trabalhei uma aula na escola sobre isso e pronto e acabou. Entendeu? Então basicamente eu fazia a aula do vídeo um texto a gente discutia, depois iam discussões sobre o assunto. Esse ano eu já trabalhei diferente. A gente fez... assistiu o vídeo lemos o texto e depois fiz, pedi pro pessoal fazer cartaz. É ... fiz um grupo fazendo os pontos positivos e os pontos negativos. Então dividi a sala em dois grupos, também acho que ficou meio... poderia ter dividido em mais grupos, só que ia dar muitos cartazes e não ter espaço para colar esse tanto de cartaz, ia ser complicado. Então, é... acho que poderiam ter sido mais grupos, assim. Até eles mesmos, tem rivalidades entre os alunos... ah não faço trabalho nesse grupo porque não gosto do fulano de tal, complicado. Então, é... um grupo fez responsável pelos pontos positivos e outro pelos pontos negativos. E esse grupo... cada grupo tinha que discutir seu cartaz. Porque que achava que um ponto negativo seria determinada coisa e exporia para turma. E o pessoal, os pontos positivos ninguém queria pegar, para fazer o cartaz. Porque é muito mais fácil achar pontos negativos de torcida organizada, porque é o que você vê veiculado na mídia direto. Entendeu? Então, mas eu no meu ponto de vista, não é só isso. A torcida organizada ela bem estruturada, ela fazendo o papel dela que é torcer, ela é muito bonita é um espetáculo muito bonito de se ver. Entendeu? Então é... muitos tinham dificuldade em enxergar isso, porque eu acho que tá muito ligado aquela coisa de violência ainda, a própria torcida organizada que seria encontrar uma torcida do outro time e sair, logo partir pra porrada. E não simplesmente, gritos de apoio ao time, músicas de apoio ao time, não mandar o outro pra aquele lugar, é meio complicado. Então isso foi... os alunos vinham até mim, ah.. que ponto positivo que tem professor? Não to encontrando nenhum. Ai no próprio vídeo lá tinha uma cena da torcida do grêmio, é ... que a torcida... faz o gol todo mundo corre vai pro alambrado imitando torcida argentina né, tal... aquela coisa toda, mas tem a parte de violência também, mas você fala não é bonito? Quanto um time faz um gol a torcida faz o movimento vai todo mundo e grita o nome do time o tempo todo, isso é torcer a partir do momento que você extrapola isso, na mesma torcida do grêmio você vê que a torcida é extremamente racista, não entra negro na torcida isso aí você já tá pulando pro lado negativo da torcida, mas tem um lado positivo, é bonito de se ver. Uma torcida bem estruturada uma coisa bem legal. É lógico que tem o lado positivo [o entrevistado queria dizer lado negativo] que você não tem nem que se copiar, mas tem o lado positivo também e fui mostrando... eles foram formulando algumas coisas e saiu um trabalho até legal e eu vou fixar os cartazes no campeonato de futsal que vai acontecer em outubro, aí eu to selecionando os melhores.

Pesquisador: Bacana! Assim, eu acho que fecha a entrevista nas questões que eu tinha se você acha que tem mais alguma coisa pontual para falar, algo que você tenha trabalhado pode ficar a vontade, se não também, aqui tá ótimo. **Entrevistado 2:** Não, eu acho que é isso mesmo assim. Igual eu falei com você é a coisa ainda... todo ano... toda vez que eu vou tratar esse tema eu faço uma mudança. Então em caráter de teste mesmo pra ver se uma coisa acrescenta, eu sei que vai ter ano que eu vou trabalhar, que o negocio vai ficar muito aquém do ano anterior, mas eu acho que é por aí, porque já que não tem uma sistematização uma coisa que eu possa me apoiar melhor eu acho que eu to fazendo meu papel, assim to tentando buscar trabalhar o tema da melhor forma. Mas acho que ainda tem que melhorar muito.

Anexo C – Entrevista 3

Entrevista 3

Pesquisador: De acordo com seu entendimento de educação física, é relevante tratar o torcer dentro da escola e aí mais especificamente falando, nas aulas de educação física. E por que?

Entrevistada 3: Bom, respondendo a primeira pergunta, sim eu acho que relevante tratar o torcer dentro da educação física, dentro da escola né, e especificamente nas aulas de educação física porque faz parte do conteúdo de educação física né. E porque... porque faz parte da... da cultura brasileira, até cultura mundial, mesmo, a questão da torcida. E a gente tem que tá sempre pontuando e tentando... fazer com que o aluno entenda melhor o que, que é esse torcer, o que que significa torcer, uma torcida saudável sempre. E aí a gente trata, eu pelo menos aqui na escola trato esse assunto de forma... com textos... com... com... é aulas teóricas dentro de sala... por causa disso mesmo a gente tentar levar... trazer a realidade da vida deles pra dentro da escola e tentar colocar um pouquinho da realidade que eu vivo em relação a torcida. **Pesquisador:** Ok.

Pesquisador: Agora indique algumas questões que podem ser extraídas do futebol e levadas para serem discutidas na escola. **Entrevistada 3:** Ó... o futebol em si é um mundo né. O futebol é gigante, tem “n” situações que a gente pode trazer dele para a escola para ser tratado, principalmente porque o que os meninos mais fazem dentro da escola é jogar o fu.. não é o futebol é o futsal, mas a bola tá lá rolando. Então é... é essa questão do torcer, tem a questão da... da... violência dentro de campo, que passa a torcida, tem as questões do... dos manda-chuvas do futebol. As coisas que acontecem por fora, isso tudo vale a pena trazer para dentro da escola para ser discutido, já que os meninos já nascem com futebol dentro deles, e as meninas hoje também né. Tá em geral todo mundo. Então... várias situações, várias coisas seriam discutidas com relação ao futebol, que faz parte da nossa cultura.

Pesquisador: Então, levando em consideração o contexto futebolístico que estamos inseridos, a cidade de Belo Horizonte, que posicionamento que pode ser tomado diante de questões como as que você levantou agora, quanto as intervenções na escola?

Entrevistada 3: Ó... a gente... eu vou falar direcionado a torcida porque é o que eu mais trabalho... regra eu não costumo trabalhar, a gente constrói juntos... então... Mineirão é um caldeirão mesmo. Temos... nós temos as duas torcidas e os dois times de BH que é o Galo e Cruzeiro... e a gente sempre que vê esses jogos esses clássicos no Mineirão, no outro dia sempre tem motivo para discussão. Na verdade começo a discussão com o resultado do jogo, mas depois passa para as tragédias. Que é a questão da torcida organizada, a questão da... da... é baderna que eles arrumam depois dos jogos, antes dos jogos... isso daí tudo a gente traz para dentro da escola para ser questionado, para ser conversado, monta uma mesa redonda e conversa faz um trabalhinho para eles tarem fazendo. Tudo com relação aos dois grandes times de BH né, as vezes surge algum americano também, mas ...

Entrevistador: Mais raro. **Entrevistada 3:** não enche uma Kombi. (risos)

Pesquisador: Então vamos aqui a próxima, é... durante a sua trajetória como professora você já se deparou com fatos problemáticos relacionados com o torcer na escola?

Entrevistada 3: É sempre a gente tem né... questão de... de torneios campeonatos que a gente faz dentro da escola, um dos agravantes é a questão da torcida. A gente tem meninos excelentes dentro da escola, mas tem aqueles também que... justamente fazem parte das torcidas organizadas. Dos grandes times e vem pra escola achando que tá dentro do Mineirão. E aqui não é lugar para isso... a gente quer aqui é uma...uma coisa saudável, uma educação física diferenciada pra eles e a gente coloca o torneio justamente por isso. Mas acontece que... já tive que encerrar torneios aqui no meio do caminho por causa de torcida que ficava subindo em alambrado, criando confusão na arquibancada... isso tudo... mas mesmo assim eu não deixo de trabalhar o torneio com eles, de trabalhar a torcida e a cada ano que passa vem melhorando. Só não parar de trabalhar que a gente sempre vê melhoras.

Pesquisador: Você acredita que esse torcer em atividades no âmbito escolar, como os torneios que você falou agora, tem ligação, que eles trazem algo dos grandes eventos esportivos?
Entrevistada 3: É foi o que eu falei né? É... nos grandes eventos... existe essa confusão né, que eles tem na cabeça deles. Eles acham que eles podem torcer...(hesitação)... eu bom... pra mim eles não podem torcer do jeito que eles torcem de maneira alguma. Eu sou contra torcida organizada, não gosto acho que é... leva mais pro lado de vandalismo, mas pro lado da violência, pra mim poderia ser de outra maneira. Mas é o que eu disse, tem alguns que fazem parte dessas torcidas organizadas e trazem o que eles vivem dentro da... vivenciam dentro da torcida organizada e eles trazem pra dentro da escola uma coisa que não pode acontecer, a gente tá aqui não pra educar mas pra orientar. Nós estamos aqui pra tentar orientá-los da melhor maneira possível. Tentar mostrar um caminho que... eles junto com a gente pensem que possa ser o melhor caminho e infelizmente tem as torcidas e eles vivem mais tempo fora da escola do que dentro. Mas mesmo assim eu não desisto eu tento, falo, sento converso pra ver onde que chega.

Pesquisador: Você acredita que tratando o torcer na escola pode surtir algum efeito nos estudantes nesses eventos, nos grandes eventos esportivos?
Entrevistada 3: É foi o que eu falei né, eu acredito que eu trabalho com eles isso... se eu não acreditasse eu não trabalharia. Mas como eu acredito eu trabalho a torcida, o torcer com eles sempre tô trabalhando... normalmente antes dos torneios, no início do ano que eu dou mais aulas em sala, então eu sempre trabalho com eles e acredito fielmente... tem que acreditar porque se não, não trabalha... né?
Pesquisador: Uhm rum (em sentido a concordar com o dito pela professora).

Pesquisador: Para encerrar agora as perguntas formuladas para a entrevista... durante sua trajetória como professora de educação física, você já me disse que lecionou aulas com temas objetivando trabalhar o torcer, que temas foram os que você tratou e te peço para me contar um pouco sobre essas aulas.
Entrevistada 3: É foi o que eu falei no início né... eu trabalho com eles sempre a questão do torcer com textos e ... dentro de sala... a gente costuma fazer... eu faço... peço alguns trabalhos... em cima de crônicas, em cima de até... textos científicos com relação a torcida, pego uma parte mais leve do texto que dê para eles entenderem né...

E a gente faz eles apresentam trabalhos e colocam em discussão o tema que ta sendo trabalhado. Antes dos torneios eu enfoco, eu foco mais na questão da torcida também para eles tarem permitindo que o campeonato... torneio siga em frente... mas é tudo de forma teórica e dentro de sala com textos.

Pesquisador: Bom as perguntas formuladas eram essas, se você quiser acrescentar alguma coisa pode ficar a vontade... **Entrevistada 3:** Não deveria ser um papel exclusivo da educação física esse tema, mas acaba sendo. Eu pelo menos como professora de educação física encontro dificuldade nisso. Eu acho que todo mundo poderia tratar esse assunto, que é uma coisa que faz parte da vida de todos. Não faz parte da vida só do aluno, só da minha que sou professora de educação física, todo.. aqui 90% dos professores da escola da comunidade escolar em geral, 90% frequenta o Mineirão, vai ao Mineirão assistir jogos, passa por determinadas situações, na torcida que não são agradáveis, então pra mim deveria fazer parte do ensino, sabe... das aulas uma segunda-feira chega ... ah mataram tantos de uma torcida organizada... uma torcida contra a outra... é um tema que pra se entrar em debate com os alunos... mas não acontece, ai acaba que fica direcionado só a educação física, mas não deveria.

Anexo D – Entrevista 4

Entrevista 4

Pesquisador: De acordo com seu entendimento de educação física. É relevante tratar o torcer dentro da escola e especificamente nas aulas de educação física? E se é por que? E se não for também, por que? (risos).

Entrevistada 4: (risos) Eu acredito que sim, porque a gente tem grandes times mineiros né, que se destacam no Brasil inteiro e isso gera uma rivalidade muito grande, dentro e fora das escolas. Principalmente dentro das escolas, onde os meninos... eles... vão crescer... vão se desenvolver... vão aprender... onde passam a maior parte do tempo... então, eu... eu acredito que... tem tudo a ver a... a aula... a gente trabalhar esse contexto... essa... esse torcer, dentro das escolas. Porque essa rivalidade gera outras questões, outros problemas mais sérios... menos sérios... porque a gente tem torcedores assim... afincos... que.. leva tão a sério que é capaz de matar ou morrer pelo seu próprio time, né... e eu acho que o futebol não é isso a intenção deles... é mostrar a arte com os pés, dominando uma bola.

Pesquisador: É... vou pedir pra você indicar questões que podem ser extraídas do futebol e levadas para serem discutidas dentro da escola.

Entrevistada 4: Eu acho que a maior delas é a rivalidade. Na minha opinião a rivalidade. Porque como eu disse antes é... essa rivalidade, ela.. ela... ou você morre ou você mata, por causa dela. E... e ela envolve tantas questões, sabe hoje nós temos tantos problemas na escola envolvendo essa rivalidade de times, de meninos dizerem, é com relação ao tráfico dentro da nossa escola, que se você é atleticano se você é Galoucura, você tem que colaborar com a nossa... nossa gangue no bairro, a gente tem que crescer, tem que aflorar, tem que evoluir... porque a outra gangue de lá, que é do time adversário ta se sobressaindo... então assim, são muitas coisas... são muitas coisas e ... o futebol não é isso né, o futebol é... é um jogo... é um campeonato... é... é um momento de prazer pra quem joga, pra quem vê... torcer... torcer saudavelmente.

Pesquisador: Você já começou a falar ai da rivalidade que tem em Belo Horizonte, então, considerando esse contexto, que a gente ta, ta inserido, qual posicionamento que poderia ser tomado diante destas questões, como a própria rivalidade e as outras que permeiam a rivalidade, quando se traz essa relações para a escola.

Entrevistada 4: É complicado, né. É difícil falar sobre isso... eu acho que... eu não sei quem inventou torcida organizada... (risos)... não faço nem idéia... (risos) sou professora de educação física, mas nessa área eu nunca entrei, não faço nem idéia, quem seja o fundador. É legal, você ir... vestir sua camisa, você ir lá, torcer, vibrar e xingar o juiz porque, as vezes nem que foi que ele tava errado naquele momento, mas ele foi contra o seu time. Eu não sei se... se primeiramente cortar seria a solução. Porque muitas vezes quando a gente reprime demais, que ce volta, eles voltam... eles voltam muito mais... uma sede maior como se fosse uma vingança mesmo. Dentro da escola... eu acho que palestras, conversas, mostrar o melhor caminho, torcer mas torcer...uma torcida legal, uma torcida em paz. Agora no campo é muito difícil. Ou você... ou cortaria... na minha opinião... pra poder consertar e acabar, teria que suspender... porque também... o que também não é viável. Não é legal, um jogador quando você ta jogando, você quer alguém torcendo, você quer alguém te elogiando e vibrando por você, pela sua vitória... né. Ah.. é muito difícil

falar... muito difícil falar de.. de.. de torcida organizada, porque... gera tantos conflitos... se a gente chamasse aqui, dois alunos aqui no caso do dos times estrelas ai de Belo Horizonte, Minas Gerais... atleticano... um atleticano e um cruzeirense... cada um teria o seu ponto futebolístico pra poder defender né... menos de torcida, eles fariam de tudo menos de torcida. Mas essas torcidas elas... eu acho que dentro do... teria que co... teria ser uma ação dentro do... da própria fundação da torcida organizada. É... juntassem os torcedores fizesse um trabalho de conscientização com eles que, a torcida ela é legal mas, ela não tem que ser repressora... ela não tem que ser... é... ah enfim.. ela não tem que julgar outras, se ganhou se perdeu. Ganhou que bom, perdeu, infelizmente, vai ficar pra próxima. Né, eu acho que teria que ser uma ação conjunta da comunidade, da polícia, da promotoria, do governo, não sei de quem mais... dentro das próprias fundações das torcidas organizadas. Quem foi lá que fundou, ah é fulano, é beltrano, é ciclano então vamos chamar eles, porque se eles são os cabeças, pra poderem induzirem essas pessoas a ir pra lá, a ... a jogar... a arremessar coisas nos jogadores, a pular dentro dos gramados, a machucarem a torcida adversária, a quebrar os ônibus da cidade, porque é de uso deles, né, então teria que partir deles também esse trabalho de conscientização, não adianta, acho que não adianta a polícia chegar lá e meter o cacete em todo mundo não vai resolver.

Pesquisador: Durante a sua trajetória como professora, você já se deparou com fatos problemáticos relacionados com o torcer na escola?

Entrevistada 4: Muitos. Muitos, muitos, muitos. Pra citar? **Pesquisador:** Citar, contar, fica a vontade. **Entrevistada 4:** As aulas... não precisa nem de ter um campeonato na escola. As aulas de educação física, elas já são muito tumultoadoras. Já... e começa do berço... do berço... a gente tem aqui primeiros anos que são meninos de seis anos, do primeiro ano do ensino fundamental, que... ninguém escolhe que time vai torcer, é imposto. Né? A não ser que o pai seja um americano ou um botafoguense e não interfira aqui. Agora se.... o filho... se o pai é atleticano, o filho é atleticano... se o pai é cruzeirense, o filho é cruzeirense. Filho de peixe, peixinho é. É imposto! O menino muitas vezes ele já vem pra escola com uniformes completos, ele não sabe nem o que, que significa, ele não sabe nem o que, que ele tá vestindo, nem o por que... nem o por que. Mas é imposto pra ele... o pai torce... o pai vibra... a família gosta, então ele também segue aquele ritmo. Então a gente tem problemas aqui desde do pré do ensino fundamental até o médio. De... os meninos tão jogando, normalmente, um individuo lá faz um gol e grita galo... o zero, já não agrada e vem pra cima com chute, com voadora, com soco, muitas vezes os que estão sentados aguardando... também começa a discussão entre eles... começa assim um papo normal, natural tranquilo e de repente entra-se a rivalidade dos times é aonde começam as confusões. A gente teve um caso aqui no ensino médio do noturno, que teve até polícia, na escola. Duas vezes por causa dos dois mesmos alunos. Eles tavam jogando, um era da máfia e o outro da galoucura, todos uniformizados, dos pés a cabeça, até to... é.. é... toca deles era toda personalizada pra tampar a orelha parecia coisa de criança com lacinho debaixo do pescoço ainda... tavam jogando. Ai começou o... o rapaz que era do... torcia pro Atlético, começou o tempo todo a entrar com mais... marcar mais o cruzeirense.... entradas mais fortes, rasteiras, carrinhos... e a professora pedindo... não era eu no caso, mas a professora pedindo... pedindo... pedindo... pra parar e não parava. Pegou e suspendeu os dois, os dois choraram no banco pedindo pra voltar que não faria mais... que iriam jogar civilizadamente, a professora permitiu. Só que numa

dessas... o atleticano pegou e deu uma entrada mais forte no cruzeirense lá... torceu o tornozelo dele, virou uma bola imensa. Nossa... os outros cruzeirenses pularam dentro da quadra e lincharam ele... lincharam. Pelo primeiro motivo foi porque entrou no colega, mas o mais forte do que isso, foi pelo de um atleticano ter entrado e batido e machucado um cruzeirense. Então assim, é muito complicado. Muito complicado mesmo, sabe, a gente falar de rivalidade é difícil, é difícil. Os meninos é como eu disse, eles vem com isso de berço... a mãe descobre que tá grávida de um menino se o pai é... tem um time do coração, assim que ele vibra que ele até infarta junto com o time, é ali a hora que for numa feirinha ele vê um sapatinho e uma camisinha.. uma camisa ele vai comprar, vai comprar e filho veste e estampa aquilo, sorri, grita, vibra... aqui é bonitinho de ver o turno da tarde, que o ensino fundamental a hora que eles tão torcendo eles gritam : Azul!... Preto!... Azul!... Preto!...né...(risos) já começa por aí, eles sabem que a cor do meu time é preto eu não posso gostar do azul, o azul não pode gostar do preto. Então é uma coisa de berço. É de berço. E... os pais muitas vezes não tem consciência do que isso pode gerar no futuro pro filho dele... não que torcer seja ruim, torcer é sempre bom, todo mundo tem isso né? De competição... de... de ganhar, perder ninguém gosta... ninguém quer perder... ganhar é sempre bom. Principalmente quando você ganha de um time adversário forte é melhor ainda né. (risos)

Pesquisador: É... você acredita que essas atividades no âmbito escolar, seja campeonato, seja a própria aula de educação física, tem ligação a postura desses alunos na escola, tem ligação com o torcer nos eventos esportivos de fora, nos grandes eventos?

Entrevistada 4: Sim. Sim, eu acredito... é... quando você veio conversar comigo sobre a sua pesquisa eu levei isso pra uma professora que começou a ... eu... eu sou a mais antiga aqui na escola, os outros são mais novatos. Aí uns disseram assim: ah isso é natural... isso aí é enraizado, é da cultura... realmente é da cultura... só que eles não concor... acharam que a gente não tem que trabalhar torcida dentro da escola. Aí o outro já ficou a meu favor, não a gente tem que trabalhar sim e eu acredito, porque quando a gente faz esses campeonatos, esses torneios, amistosos ou dentro de uma aula mesmo de educação física, a gente vê estampado neles essa... é... essa questão da torcida e da rivalidade entre eles, né? Foi isso mesmo que você perguntou? Até me perdi...(risos) **Pesquisador:** é isso mesmo, o torcer de fora sendo trazido pra dentro, em questão de posturas... **Entrevistada 4:** Justamente...justamente... eu penso que sim... e parte muitas vezes de dentro da escola, a gente infelizmente tem... eu acredito que infelizmente, porque não é uma coisa saudável. A gente tem colegas, na profissão que instigam sim, professores que vem uniformizados pra escola. Então assim, então vem de um time neutro, já que você gosta de andar uniformizado, penso eu usa de um Botafogo um sei lá, um Corinthians, mas não aqui... porque aqui os nossos alunos tem muito disso, e eles... eles se envolvem demais e aqui na escola o que eu volto a frisar a gente tá com sérios problemas de alunos envolvidos com drogas que começaram dentro dessas torcidas, porque eu não entendo muito não... eu gosto, torço, eu acho bom quando ganha, mas quando perde eu também fico na minha... parece que dentro das torcidas eles ainda tem sub... como se fosse sub-torcidas, sub-grupos, né... eu não entendo isso... é Cruzeiro, é Cruzeiro... mas dentro do Cruzeiro diz que tem uma Neurose que é lá em Betim que não topa com uma.... um outro setor da... dos cruzeirenses... então.. como que pode tá todo mundo ali pra poder torcer pro mesmo time, mas dentro da mesma torcida, existem duas torcidas rivais que se encontram

se apedrejam lá dentro e a mesma coisa a do Atlético. Não faz sentido... não faz sentido uma coisa dessa, como que eu vou pra lá pra torcer pra um determinado time e eu não posso torcer porque eu to do lado de um... de... de uma categoria lá dentro da torcida que se eu torcer ele... vai brigar, vai bater, vai debater... não faz sentido. E dentro das escolas, aqui no (nome da escola) diz, essa parte eu não vivenciei... que já foi suspenso algumas vezes aí o torneio da escola porque um determinado time há uns anos atrás foi campeão dum... da libertadores ou do campeonato brasileiro, não sei... e o (incompreensível a palavra usada) que se tivesse fulano jogando no torneio da escola que era do time do brasileirão... que torcia pro mesmo time que tinha ganhado no brasileirão, ia quebrar o menino depois da aula. Então, influencia sim. Não tem jeito. E não acho que cortar seja a solução, é... uma... tem que ser uma conscientização, só que na escola e nós seres humanos infelizmente somos assim, só aprendemos depois que a gente sofre e perde, complicado.

Pesquisador: Bom, e você acredita que tratar esse tema torcer, dentro da escola vai surtir algum efeito nesses alunos, nos eventos na escola e fora da escola? Lá quando eles vão...

Entrevistada 4: Sim... a gente o ano passado a professora que aposentou de educação física, ela veio com um projeto muito bacana e a gente implementou. A gente conseguiu dentro do clube do Cruzeiro e do Atlético, eles tem vários convênios com escolinhas, dentro das escolas públicas, a gente conseguiu um raposão e um galo... um... é um boneco que o cara ficava lá dentro, né.. enfim. E nós montamos na escola, um torneio, um campeonato de... e era... o tema dela era Cruzeiro contra Atlético... e veio a raposa e veio o galo, só que nós fizemos o seguinte... o tratado era o seguinte... que os alunos cruzeirenses ficariam na torcida com... do Galo. E os alunos atleticanos ficariam na torcida do Cruzeiro. No início gerou uma polêmica imensa, porque ninguém queria.... ah eu não vou... eu vou não... mas a gente foi conversando, a gente tava querendo mostrar pra eles que era um jogo, ninguém ali ia sair ganhando nem perdendo nada com isso... era um jogo, assim como é lá dentro... do... do... do campo é num torneio grande. Que quando eles jogam muitas vezes saem ali times... jogadores de times adversários pra poder comer uma pizza, pra poder tomar um chopp, pra poder comemorar aquele jogo, aquela final, aquele campeonato, porque que nós que estamos torcendo, temos que ficar aqui se matando, se quebrando uns com os outros, a gente que não ganha nada com isso. Nada, a não ser o prazer de tá ali assistindo e torcendo, né... Ai eles... nossa no início eles revidaram muito... foi o ano inteiro com isso, a gente com esse projeto fazendo trabalho com isso, por fim eles aceitaram. A gente conseguiu com que o time... a escolinha de base do Cruzeiro, com a escolinha de base do Atlético, eles viessem e eles iam jogar junto com os alunos, foi bem interessante... o próprio... a própria professora de educação física, montou um time então assim, tinham os jogadores os meninos que faziam escolinha de futebol de base jogando no meio dos nossos alunos, pra dar um reforço. Só que era muito legal, porque nós colocamos na quadra e separamos a quadra, o boneco do Galo ficou de uma lado e o boneco do Cruzeiro ficou do outro, ninguém poderia vir vestido com camisa, só que os meninos... a gente fez durante o ano inscrições primeiro sem eles saberem... pra gente saber quem era cruzeirense, quem era atleticano, quem era americano e quem não torcia pra nada e não tava nem aí. Depois que a gente descobriu a gente fez o levantamento e a gente conseguiu separar eles, nós separamos, nem tudo é

mil maravilhas também não, claro que teve confusões, gerou tumulto, muitos pais não aceitaram, porque eram pais doentios com o time. Mas enfim, os cruzeirenses ficaram junto com o boneco do Galo e os do.. os do Galo ficaram junto com o boneco do Cruzeiro, aí na hora que o time do Cruzeiro fazia gol os que estavam lá no do Galo gritavam né... aí de repente eles baixavam porque ... alguns professores ainda viraram e falaram assim não... a gente vai montar um campeonato de torcida, vai ter merenda especial pra torcida vai ter premiação e foi embromando eles lá... foi bem legal... foi bem legal e eles viram que no final das contas, realmente, todo mundo participou, vibrou... nin... o... o... o... o... o atleticano não teve que sair batendo no cruzeirense, o cruzeirense também não teve que sair batendo no atleticano... eles não ganharam nada...nada... nada com isso. Agora a gente sabe que é difícil. Foi um projeto dela o ano passado, de uma determinada professora, foi muito bacana achei que foi muito válido. Que a gente tava.... ainda tem muito problema mas depois disso amenizou um pouco, só que hoje infelizmente nosso problema na escola vem de fora pra dentro, né...são alunos que tem ainda no coração, no corpo, na alma a torcida, como o centro de tudo pra ele.

Pesquisador: Bacana! E assim, durante a sua trajetória como professora de educação física... você já apontou ao preencher o questionário, que você já preparou aulas sobre o torcer e mostrou agora falando um pouco né... você podia me contar um pouco que temas foram esses, você já contou um pouco e como foram essas aulas, se foram aulas no plural, se foi uma aula.

Entrevistada 4: É... esse projeto foi um projeto dos professores.... uma professora trouxe nós os professores abraçamos e trabalhamos. Mas a gente tem aqui na escola como nós temos só uma quadra, a gente tem que trabalhar com revezamento. Uma semana... quinta a oitava e ensino médio são duas aulas semanais, uma semana a gente desce e da aula prática, na outra semana o professor fica na sala, da aula teórica. E tem aula... na aula teórica você tem ponto, trabalho, exercício, prova, conceito, participação como qualquer outro conteúdo. E gente mostra pra eles que a educação física tem valor. A gente sabe que educação física sozinha não reprova, mas se entrar com outro conteúdo de peso a gente consegue segurar o aluno. Então assim, nas aulas teóricas eu particularmente já trabalhei torcidas... torcidas organizadas... é os meninos apresentaram trabalhos... sobre a sua torcida, eu deixei... deixei eles mais livres. Primeiro cada um apresentou o seu ponto de vista, dentro da sua torcida... os benefícios... os pontos positivos, os pontos negativos de você estar inserido dentro de uma torcida organizada, né... porque a torcida organizada ela realmente é organizada, ela é organizada pra bater, ela é organizada pra quebrar, ela é organizada pra gritar lá dentro, mas não é organizada pra gerar... fazer projetos que levem esses meninos, esses adolescentes a pensarem coisas boas a refletirem sobre seus conceitos de vida, porque... um deles colocou isso ainda eu achei muito interessante. Você não vê dentro de um estádio dentro de uma torcida, realmente organizada, você não vê filhinho de papai... ele falou que ele já participou você vê... foi o termo que ele utilizou... você vê é favelado é menino sem estrutura nenhuma de família, sem estrutura escolar, sem estrutura alguma... são esses que estão lá gritando, batendo e torcendo lá dentro... porque quem tem uma ba... os alunos... os torcedores que tem uma base familiar legal ou mesmo que os pais torçam ou não torçam, eles vão aos estádios só que eles tem uma outra postura de torcer, não é essa loucura dessa torcida... que... que só ultimamente na mídia a gente tem visto só tem feito mal... muito mal. Quebram tudo... parece assim... um trator passando por onde eles vão, vão rebentando e

quebrando tudo... e são coisas deles, pra eles... patrimônios públicos, então eu achei muito interessante, foi o trabalho que a gente usou dentro de sala, foi um trabalho teórico primeiro eles apresentaram, como eu já disse, os pontos positivos, os pontos negativos, depois a gente fez um debate mas o debate infelizmente não deu pra render muito, porque ele já vira pro lado do esporte em si, porque eu tenho mais títulos, porque eu tenho menos títulos... no debate foi legal, foi construtivo, mas eu, num.. não alcancei meu objetivo não, não era o que eu queria ouvir, com relação a pontos ganhos na tabela ... to sei lá onde e por ai afora vai...mas é isso ai...

Pesquisador: Bom do roteiro que eu te apresentei, é isso, se você quiser acrescentar alguma coisa de algum outro professor que tenha trabalhado aqui e você sabe...

Entrevistada 4: A gente tem uma professora de geografia, que sim ela entrou porque... ela trabalhou o tema torcida, porque ela também parece que teve um problema, um bate boca... ela foi com uma camisa de um determinado time pra sala de aula e o aluno que não torcida praquela time bateu boca e tal. Ela... ela mesmo falou que ela agiu mal... em ter vindo vestida com uma camisa e depois ela fez um trabalho também, bem interessante. Ela pegou e conversou com a direção da escola e comprou balões, tudo preto e azul... encheu a sala de balões... e dentro de cada balão tinha uma pergunta e o..o menino que torcia pro Atlético estourava o balãozinho preto ou branco... preto... preto... era só preto e azul... e o outro estourava só balãozinho azul. Dentro de cada balão tinha uma pergunta e ... dentro do contexto de torcida, e o aluno tinha que responder aquelas questões, dentro disso a gente participou, nós não intervimos não usamos a mesma técnica dela, mas a gente viu... funcionou também muito legal, porque o menino estourava tinha uma pergunta relacionada a torcida organizada ele respondia aquilo gerava um debate interessante na sala de aula. Eram perguntas muito neutras a respeito de uniforme, a respeito de se ir ao estádio, como se comportar dentro do estádio, como sair de um estádio, com quem ir, né? Foi muito legal, né? Achei muito interessante os professores daqui são diversificados cada um tenta dentro do seu conteúdo trabalhar um contexto bem legal de informações da atualidade que a gente ta vivendo. Bem legal.